



COMPANHIA DAS LETRAS

Daniel Kehlmann
fama

UM ROMANCE EM NOVE HISTÓRIAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

DANIEL KEHLMANN

Fama

Um romance em nove histórias

Tradução
Sonali Bertuol



Sumário

Vozes

Em perigo

Rosalie viaja para morrer

A saída

Oriente

Resposta à abadessa

Uma contribuição ao debate

De como menti e morri

Em perigo

Vozes

Antes de Ebling chegar em casa, seu celular tocou. Durante anos, ele se recusara a comprar um, afinal ele era um técnico e não confiava naquela geringonça. Como era possível que ninguém se importasse em manter junto à cabeça uma fonte de radiação nociva? Mas Ebling tinha uma mulher, dois filhos e um bando de colegas de trabalho, e sempre havia alguém se queixando da sua inacessibilidade. Assim, ele acabou cedendo, adquiriu um aparelho e pediu ao vendedor que o ativasse ainda na loja. Um pouco a contragosto, Ebling estava impressionado; era um modelo realmente perfeito: bonito, simples e elegante. E agora, sem dúvida, estava tocando.

Hesitante, ele atendeu.

Uma mulher queria falar com um tal de Raff, Ralf ou Rauff, ele não entendeu bem o nome.

Foi engano, ele disse, número errado. Ela pediu desculpas e desligou.

Depois, à noite, mais uma chamada. "Ralf!", exclamou um homem rouco. "E aí, como vão as coisas, seu malandro?"

"Engano!" Ebling estava sentado na cama. Já eram mais de dez horas e sua mulher lançou-lhe um olhar de reprovação.

O homem pediu desculpas, e Ebling desligou o aparelho.

Na manhã seguinte, três mensagens o esperavam. Ele as ouviu no trem suburbano a caminho do trabalho. Entre risadinhas, uma mulher pedia que retornasse a ligação. Aos berros, um homem lhe dizia que viesse imediatamente, não esperariam mais por ele; ao fundo, ouvia-se o tilintar de copos e música. E depois outra vez a mulher: "Ralf, onde você *está*?"

Ebling suspirou e ligou para o serviço de atendimento ao cliente.

Estranho, disse uma mulher com voz de tédio. Era impossível acontecer tal coisa. Ninguém recebia um número que já era de outra pessoa. Havia toda uma série de medidas de segurança.

"Mas aconteceu!"

Não, disse a mulher. Era impossível.

"E agora, o que a senhora vai fazer?"

Ela não tinha ideia, respondeu a atendente. Aquilo era absolutamente impossível.

Ebling abriu a boca e fechou-a novamente. Ele sabia que nesse momento qualquer outro teria se irritado, mas isso não era do seu feitio, e ele nem era bom nisso. Pressionou a tecla "desligar".

Segundos depois, o telefone tocou novamente. "Ralf?", perguntou um homem.

"Não."

"O quê?"

"Este número está... Ele foi por engano... O senhor discou errado."

"Este é o número do Ralf."

Ebling desligou e pôs o telefone no bolso do casaco. O trem estava lotado de novo, ele teve que viajar de pé mais uma vez. De um lado, uma mulher gorda se espremia contra ele, do outro, um homem de bigode encarava-o como a um inimigo jurado. Havia

muitas coisas de que Ebling não gostava na própria vida. Incomodava-o que sua mulher fosse sempre tão desatenta, que lesse livros tão bobos e que cozinhasse tão deploravelmente mal. Incomodava-o que não tivesse um filho inteligente e que sua filha lhe parecesse tão estranha. Incomodava-o sempre ter que ouvir o vizinho roncando através das paredes finas demais. Mas o que mais o incomodava era ser obrigado a tomar o trem nos horários de pico. Era sempre muito apertado, sempre lotado, e aquele cheiro era tudo, menos bom.

Mas de seu trabalho ele gostava. Ele e dezenas de colegas ficavam sentados debaixo de lâmpadas muito claras e examinavam computadores defeituosos que eram enviados para lá por comerciantes de todo o país. Ele sabia o quão frágeis eram aquelas pequenas placas pensantes, quão complicadas e enigmáticas. Ninguém as entendia por inteiro; ninguém podia realmente dizer por que de repente paravam de funcionar ou começavam a fazer coisas estranhas. Já não se procuravam mais as causas, simplesmente iam se substituindo partes até que o todo voltasse a funcionar. Às vezes ele pensava em quantas coisas no mundo dependiam daqueles aparelhos que, no entanto — como ele sabia muito bem —, faziam só de vez em quando e como que por milagre o que se esperava deles. À noite, semiadormecido em sua cama, essa ideia o inquietava — todos os aviões, as armas guiadas eletronicamente, os computadores nos bancos —, às vezes tanto que chegava a sentir palpitações. Então Elke perguntava irritada por que ele não podia ficar quieto, daquele jeito era o mesmo que dividir a cama com uma betoneira, e ele pedia desculpas e se lembrava que a mãe já lhe dizia que ele era sensível demais.

Quando Ebling saiu do trem, o telefone tocou. Era Elke que lhe pedia para comprar pepinos no fim do dia, antes de voltar para

casa. Eles estavam em promoção no supermercado da rua em que moravam.

Ebling assentiu e despediu-se rapidamente. O telefone tocou outra vez e uma voz feminina perguntou-lhe se ele havia pensado bem no que estava fazendo, só mesmo alguém muito idiota para dispensar uma mulher como ela. Ou ele pensava outra coisa?

Não, Ebling disse sem refletir, ele pensava exatamente isso.

“Ralf!”, ela riu.

O coração de Ebling palpitava, a garganta estava seca. Ele desligou.

Quando chegou ao trabalho, ele ainda estava perturbado e nervoso. Aparentemente, o proprietário original do número tinha uma voz parecida com a dele. Ligou mais uma vez para o serviço de atendimento ao cliente.

Não, disse uma mulher, eles não podiam simplesmente lhe dar um novo número, a não ser que ele pagasse por isso.

“Mas este número é de uma outra pessoa!”

Impossível, ela respondeu. Para isso havia...

“Medidas de segurança, eu sei! Mas estou recebendo a toda hora ligações para... Veja bem, eu sou técnico. Sei que a senhora vive atendendo ligações de pessoas que não têm a menor noção de nada. Mas eu sou do ramo. Eu sei como...”

Ela não podia fazer absolutamente nada, disse a mulher. A solicitação dele seria encaminhada.

“E depois? O que vai acontecer depois?”

Depois, ela disse, depois se veria. Só que dessa parte não era ela quem cuidava.

Naquela manhã, ele não conseguiu se concentrar no trabalho. Suas mãos estavam trêmulas e, na hora do almoço, ele não sentiu fome, embora tivesse bife à milanesa. A cantina não servia bife à milanesa com muita frequência e ele costumava ficar com água na

boca já no dia anterior. Dessa vez, porém, ele devolveu a bandeja com o prato pela metade, foi para um canto tranquilo do refeitório e ligou o celular.

Três mensagens. A filha pedia que ele a buscasse na aula de balé. Isso o surpreendeu, ele nem sabia que ela dançava. Um homem que lhe pedia para retornar a ligação. Nada naquela mensagem revelava a quem era dirigida: se a ele ou ao outro. E por fim uma mulher, perguntando por que ele dava tão pouco as caras. Aquela voz, grave e ronronante, ele nunca ouvira antes. Justamente quando ia desligar o aparelho, ele tocou novamente. O número na tela começava com um sinal de mais e o prefixo vinte e dois. Ebling não sabia de que país era. Ele quase não conhecia ninguém no estrangeiro, somente sua prima na Suécia e uma senhora velha e gorda em Minneapolis, que todo ano no Natal mandava uma foto em que aparecia erguendo um copo, sorridente. *Para os queridos Ebling*, vinha escrito no verso, e nem ele, nem Elke sabiam qual dos dois afinal era parente dela. Ele atendeu.

“Nos vemos mês que vem?”, indagou um homem. “Você estará no Festival de Locarno, não é? Eles não iriam adiante sem você, Ralf, não nessas circunstâncias, certo?”

“Estarei lá, sim”, disse Ebling.

“Esse Lohmann. Já era de se esperar. Você falou com o pessoal de Degetel?”

“Ainda não.”

“Já está na hora! Locarno pode nos ajudar muito, como Veneza há três anos.” O homem riu. “E de resto? Clara?”

“Vamos indo”, disse Ebling.

“Seu velho canalha”, disse o homem. “É incrível.”

“Também acho”, disse Ebling.

“Você está resfriado? Sua voz está estranha.”

“Agora eu preciso... fazer outra coisa. Ligo de volta.”

“Está bem. Você não muda nunca, não é?”

O homem desligou. Ebling apoiou-se na parede e esfregou a testa. Ele precisou de um momento até voltar a si: ali era a cantina, à sua volta seus colegas comiam bife à milanesa. Rogler passou com uma bandeja.

“Oi, Ebling”, disse Rogler. “Tudo bem?”

“Sim, claro.” Ebling desligou o telefone.

Ele passou a tarde inteira meio ausente. A questão sobre que parte de um computador estava com defeito e como poderiam ter ocorrido os problemas que os comerciantes descreviam em suas mensagens cifradas — *cliente diz press. tecla reset pq desliga antes display exhibe zero* — hoje simplesmente não o interessava. Então era essa a sensação de ter algo pelo qual se espera ansiosamente.

Ele adiou o momento. O telefone ficou desligado no trem enquanto voltava para casa, ficou desligado no supermercado enquanto comprava pepinos e, durante o jantar com Elke, enquanto as duas crianças trocavam chutes por baixo da mesa, o celular também ficou quieto em seu bolso, mas Ebling não conseguia parar de pensar nele.

Então ele foi para o porão. O lugar cheirava a mofo, num canto havia uma pilha de caixas de cerveja, num outro as partes de um armário da IKEA, temporariamente desmontado. Ebling ligou o telefone. Duas mensagens. Justamente quando ia ouvi--las, o aparelho vibrou em sua mão: alguém chamava.

“Pois não?”

“Ralf.”

“Pois não?”

“O que é isso agora?”, ela riu. “Está brincando comigo?”

“Jamais faria isso.”

“Que pena!”

Sua mão tremia. "Tem razão. Na verdade, com você... eu gostaria de..."

"De...?"

"... brincar."

"Quando?"

Ebling olhou ao seu redor. Ele conhecia aquele porão como a palma da mão. Cada objeto fora posto ali por ele próprio. "Amanhã. Diga quando e onde. Estarei lá."

"Está falando sério?"

"Descubra você mesma."

Ele a ouviu respirar profundamente. "No Pantagruel. Às nove. Você faz a reserva."

"Está bem."

"Você sabe que isso não é sensato?"

"E quem está preocupado com isso?", perguntou Ebling.

Ela riu, e então desligou.

Nessa noite, ele encostou na mulher pela primeira vez depois de muito tempo. No começo, ela ficou surpresa, perguntou o que havia dado nele e se ele tinha bebido, depois cedeu. Não foi demorado, e enquanto a sentia sob seu corpo, pareceu-lhe que estavam fazendo algo indecoroso. A mão dela bateu em seu ombro: ela não estava conseguindo respirar. Ele se desculpou, mas ainda levou alguns minutos até se separar dela e rolar para o lado. Elke acendeu a luz, lançou-lhe um olhar de reprovação e recolheu-se no banheiro.

Claro que ele não foi ao Pantagruel. O telefone ficou desligado o dia inteiro, e à noite, às nove horas, ele estava sentado diante da televisão assistindo a um jogo de futebol da segunda divisão com seu filho. Ele sentiu um formigamento elétrico, era como se naquele momento um sócio, um representante dele num outro universo, entrasse num restaurante caro e encontrasse uma mulher alta e

bela, que escutava suas palavras com atenção, que ria quando ele dizia algo espirituoso e cuja mão de vez em quando roçava na dele como que sem querer.

No intervalo, ele desceu até o porão e ligou o telefone. Nenhuma mensagem. Ele esperou. Ninguém ligou. Só depois de meia hora é que desligou novamente o aparelho e foi para a cama, pois já não conseguia mais fingir que estava interessado no jogo de futebol.

Ebling não conseguiu conciliar o sono e, um pouco antes da meia-noite, levantou-se, descalço e de roupa de baixo, e andou Tateando até o porão mais uma vez. Ligou o telefone. Quatro mensagens. Porém, antes que pudesse terminar de ouvi-las, recebeu uma chamada.

“Ralf”, disse um homem. “Desculpe ligar tão tarde, mas é importante! Malzacher insiste que vocês se vejam depois de amanhã. Todo o projeto está periclitante! Morgenheim também estará presente. Você sabe o que está em jogo!”

“Não estou nem um pouco interessado”, disse Ebling.

“Você está louco?”

“Veremos.”

“Você realmente pirou!”

“Morgenheim está blefando”, disse Ebling.

“Bem, pelo menos coragem você tem.”

“É”, disse Ebling. “Tenho.”

Quando ele quis ouvir as mensagens, o telefone tocou novamente.

“Você não devia ter feito isso!” A voz dela estava rouca e abafada.

“Ah, se você soubesse”, disse Ebling. “Tive um dia terrível.”

“Não minta.”

“Por que eu mentiria?”

“Isso é por causa dela! Agora... vocês dois... voltaram?”

Ebling não respondeu.

“Pelo menos admita!”

“Não seja boba!”

Ele se perguntou à qual das mulheres cuja voz ele conhecia ela estava se referindo. Bem que ele gostaria de saber mais sobre a vida de Ralf; afinal, agora uma pequena parte dela era sua também. O que Ralf fazia, vivia do quê? Por que alguns tinham tanto e outros tão pouco; alguns conseguiam muito, outros nada?, e isso não tinha a ver com merecimento.

“Desculpe”, ela disse baixinho. “Às vezes... com você é tão difícil.”

“Eu sei.”

“É que alguém como você... não é bem como os outros.”

“Eu gostaria de ser igual a todo mundo”, disse Ebling. “Mas nunca soube como se faz.”

“Amanhã então?”

“Amanhã”, disse Ebling.

“Se não aparecer de novo, está tudo acabado.”

Enquanto subia silenciosamente para o quarto, ele se perguntou se aquele Ralf de fato existia. De repente não lhe pareceu plausível que Ralf existisse lá fora, cuidasse de seus assuntos e nada soubesse sobre ele. Era até mesmo possível que, desde o começo, a vida de Ralf tivesse sido designada para ele, talvez um acaso tivesse trocado os dois destinos.

O telefone tocou novamente. Ele atendeu, ouviu algumas frases e exclamou: “Cancele!”.

“Como?”, perguntou uma voz feminina alarmada. “Ele viajou especialmente, trabalhamos tanto tempo nesse encontro, para que...”

“Não dependo dele.” De quem estariam falando? Ele teria pagado um bom dinheiro para saber.

“Depende sim!”

“Veremos.” Uma euforia como jamais conhecera tomou conta dele.

“Se você acha.”

“Sim, é o que eu acho!”

Ebling precisou resistir à tentação de perguntar de que se tratava. Ele havia descoberto que podia dizer o que quisesse, contanto que não fizesse perguntas; porém, se indagasse sobre alguma coisa, as pessoas suspeitariam imediatamente. No dia anterior, uma mulher lhe dissera na lata que ele não era Ralf — só porque Ebling perguntara onde exatamente na Andaluzia eles haviam estado juntos naquele verão, três anos antes. Desse jeito ele nunca iria saber mais sobre aquele homem. Uma vez, ele estava diante do cartaz do novo filme de Ralf Tanner e, por alguns segundos vertiginosos, imaginou que talvez o seu número de telefone fosse o mesmo do ator famoso e que era com os amigos, os colaboradores e as amantes da celebridade que ele falava havia mais de uma semana. Sim, podia ser isso: a voz de Tanner e a dele eram parecidas. Mas então Ebling sacudiu a cabeça e seguiu adiante, com um sorriso torto nos lábios. Muito mais tempo, de qualquer forma, aquilo não podia durar. Ele não nutria ilusões: mais cedo ou mais tarde o erro seria corrigido e o telefone emudeceria.

“Ah, você de novo. Não pude ir ao *Pantagruel*. Ela está aqui de novo.”

“Katja? Você está dizendo... você está com Katja novamente?”

Ebling assentiu e escreveu o nome numa folha de papel. Ele achava que a mulher com quem estava falando se chamava Carla, mas ainda não tinha indícios suficientes para arriscar chamá-la por esse nome. Infelizmente, ninguém dizia o próprio nome ao

telefone: o número aparecia, e todos supunham que, antes de atender, a pessoa já soubesse quem estava ligando.

“Não o perdoo por isso.”

“Sinto muito.”

“Mentira. Você não sente!”

“Bem...” Ebling encostou-se na lateral do armário da IKEA.
“Talvez não, Katja é surpreendente.”

Ela gritou durante um tempo. Insultou-o e ameaçou-o, e depois também chorou. Mas como na verdade fora Ralf quem armara aquela confusão, ele não precisou se sentir culpado. Com o coração palpitante, ele a escutava. Nunca antes chegara tão perto da alma de uma mulher perturbadora.

“Controle-se”, ele disse em tom cortante. “Não podia dar certo, você sabe muito bem!”

Depois que ela desligou, ele ainda ficou um tempo escutando o silêncio, com uma leve sensação de vertigem, como se, em algum lugar, ainda ecoassem os soluços de Carla.

Quando encontrou Elke na cozinha, ele parou assustado. Por um momento, ela lhe pareceu ser proveniente de uma outra existência ou de um sonho, que nada tinha a ver com a vida real. Também nessa noite ele a puxou para o seu lado, e também dessa vez ela cedeu hesitante, enquanto ele imaginava uma Carla totalmente entregue de paixão.

No dia seguinte, sozinho em casa, ele ligou de volta para um número pela primeira vez. “Sou eu. Só queria saber se está tudo em ordem.”

“Quem fala?”, perguntou uma voz de homem.

“Ralf!”

“Que Ralf?”

Ebling apertou depressa a tecla encerrar, depois tentou um outro número.

“Ralf, meu Deus! Ontem eu tentei... eu tentei lhe... eu...”

“Calma!”, disse Ebling, decepcionado por não se tratar de uma mulher. “O que foi?”

“Não posso continuar assim.”

“Então pare.”

“Não há saída.”

“Sempre há uma saída.” Ebling não conseguiu reprimir um bocejo.

“Ralf, acaso está querendo me dizer que eu... finalmente devo arcar com as consequências? Que devo ir até o fim?”

Ebling zapeou pelos canais da televisão. Mas não teve sorte, em todos os canais parecia haver apenas música folclórica e marceneiros trabalhando em pranchas de madeira, além de reprises de seriados da década de 1980. A melancolia da programação vespertina. Como podia estar ali assistindo àquilo, por que estava em casa e não no trabalho? Ele não sabia. Havia simplesmente se esquecido de ir para lá?

“Vou tomar a caixa inteira!”

“Sim, vá em frente”, Ebling pegou o livro que estava em cima da mesa. *O caminho do eu para si mesmo*, de Miguel Auristos Blancos. Um sol na capa. Era de Elke. Com a ponta dos dedos, ele o empurrou para o lado.

“Você sempre ganha tudo, Ralf, sempre fica com tudo. Você não tem noção do que significa ser sempre o segundo. Sempre um entre muitos, sempre a terceira opção. Você não sabe o que é isso!”

“É verdade.”

“Eu vou tomar mesmo!”

Ebling desligou o telefone, para o caso de o pobre homem ligar de volta.

Nessa noite, ele sonhou com lebres. Eram lebres grandes, não se podia dizer que fossem fofinhas, elas saíam de uma moita

fechada, mais pareciam mendigos sujos e esfarrapados do que os bichinhos simpáticos dos desenhos animados, e olhavam para ele com olhos faiscantes. Na mata, alguma coisa estalou, ele se virou bruscamente, mas seu movimento afugentou tudo, a realidade se dissipou e ele ouviu Elke dizer que não aguentava mais, como alguém podia fazer tanto barulho para respirar, ela queria finalmente um quarto só para ela.

Na manhã seguinte, o telefone ficou mudo. Ebling esperava e ouvia atento, mas o celular não queria tocar. Quando finalmente recebeu uma chamada, no começo da tarde, era apenas o chefe querendo saber por que ele não havia comparecido ao trabalho nos últimos dois dias, se precisava de alguma coisa e se era possível que seu atestado médico tivesse sido extraviado. Ebling pediu desculpas e tossiu para reforçar e, quando seu chefe disse que tudo bem, sem problemas, eram coisas que aconteciam, que ele era um excelente colaborador, com o qual se podia contar, vieram-lhe lágrimas de raiva aos olhos.

No dia seguinte, ele sabotou três computadores e formatou um disco rígido para que todos os dados ali gravados se apagassem exatamente um mês depois. O telefone continuava mudo.

Algumas vezes, ele esteve prestes a ligar para um dos números. O seu polegar pousava sobre a tecla "chamar", e ele imaginava que apenas um instante o separava de ouvir novamente uma daquelas vozes. Se fosse mais corajoso, teria apertado a tecla. Ou tocado fogo em algum lugar. Ou procurado Carla.

Pelo menos comeu bife à milanesa no almoço. A segunda vez em oito dias — um feliz acaso raro. Rogler estava sentado diante dele e mastigava com determinação. "O novo E14", disse ele com a boca cheia. "É de enlouquecer qualquer um. Absolutamente nada nele funciona. Mas a culpa é de quem compra."

Ebling assentiu com a cabeça.

“Mas o que se há de fazer?”, exclamou Rogler. “É novo. Eu também quero um! Não há outra opção.”

“É verdade”, disse Ebling. “Não há outra opção.”

“Ei”, disse Rogler. “Pare de olhar para esse celular!”

Ebling sobressaltou-se e pôs o telefone no bolso.

“Há pouco tempo, você não queria ter um, e agora não dá mais um passo sem ele. Relaxe, com certeza não é nada tão urgente.”

Rogler hesitou por um momento, engoliu, e então pôs mais um pedaço de bife na boca. “Por favor, não me interprete mal. Mas quem iria ligar para você?”

Em perigo

“Um romance sem personagem principal! Entende? A composição, as conexões, o arco narrativo, mas sem protagonista, sem um herói que apareça em todas as situações.”

“Interessante”, disse Elisabeth, cansada.

Ele olhou para o relógio. “Como é que pode mais um atraso? Ontem foi a mesma coisa, o que será que eles fazem, por que isso sempre acontece?”

“Acontece, só isso.”

“Você viu? Aquele homem ali parece um cão sobre duas patas! Mas de onde é que vêm esses atrasos, por que não se pode pelo menos uma vez, apenas como experiência, só para variar, por que não se pode pelo menos uma vez decolar *na hora certa*?”

Ela suspirou. Na sala de embarque, havia mais de duzentas pessoas. Muitas dormiam, algumas liam jornais mal impressos. Da parede, sorria o retrato de um político barbudo sob uma bandeira multicolorida. Numa banca, havia revistas, romances policiais, livros de autoajuda de Miguel Auristos Blancos e cigarros.

“Você acha que esses aviões são seguros? Quero dizer, são aviões velhos que os europeus vendem para eles. No nosso país, não podem mais voar, isso não é nenhum segredo, certo?”

“Não.”

“Como?”

“Não é nenhum segredo.”

Leo esfregou a testa. Ele pigarreou, abriu e fechou a boca, assoou o nariz de maneira espalhafatosa. Então olhou para ela com olhos aquosos. “Foi uma brincadeira?”

Ela não respondeu.

“Eles tinham que ter me avisado antes, eles não podiam ter me convidado, quero dizer, será que não existem regras? Eles não podem me convidar se não for seguro! Você viu aquela mulher ali, ela está escrevendo alguma coisa. Por quê? O que ela está escrevendo? Mas me diga, foi brincadeira sua, não foi, esses aviões não são de fato perigosos, são?”

“Não, não”, ela disse. “Não tenha medo.”

“Agora você está dizendo isso só para me tranquilizar!”

Ela fechou os olhos.

“Eu sabia. Não sou cego. Olhe só ali! Se isso aqui fosse uma história, faríamos parte daquele grupo e, na hora de partir, eles nos esqueceriam. Quem sabe o que poderia acontecer!”

“E o que poderia acontecer? Iríamos no próximo voo.”

“Se houvesse um!”

Elisabeth não respondeu. Ela queria dormir, ainda era cedo, mas sabia que ele só permitiria isso depois da aterrissagem. Durante todo o voo ela teria que lhe explicar que voar não era nem um pouco perigoso e ele não precisava ter medo de que o avião caísse. Depois disso, teria que cuidar da bagagem, e no hotel seria ela quem falaria com a recepcionista e cuidaria para que o serviço de quarto lhes trouxesse algo que Leo, com seus hábitos alimentares infantis, achasse apetitoso. E, no fim da tarde, ela deveria se assegurar de que Leo estivesse pronto quando viessem buscá-lo para sua palestra.

“Acho que estão começando!”, ele exclamou.

Em frente ao portão da sala de embarque, uma jovem mulher havia se postado atrás de um púlpito. Algumas pessoas se levantaram, juntaram a bagagem e começaram a se mover naquela direção.

“Ainda vai demorar”, disse Elisabeth.

“Vamos perder o voo!”

“Estão começando agora. Ainda vai levar uma meia hora.”

“Vão partir sem nós!”

“Pode me dizer por que eles...”

Mas ele já havia se levantado de um salto e entrado na fila. Ela cruzou os braços e ficou ali observando como sua figura delgada avançava pouco a pouco. Finalmente, chegou sua vez, ele mostrou o cartão de embarque e desapareceu no corredor que conduzia ao avião. Ela esperou. Quinze, vinte, trinta minutos se passaram, os passageiros continuavam a embarcar. Quando não havia mais ninguém na fila, ela se levantou e, segundos depois, estava dentro do avião. Ela abriu caminho pelo corredor central e sentou-se ao lado de Leo.

“Você não pode fazer isso comigo. Pensei que não viesse mais. Cheguei a pensar em como poderia impedir a partida, mas aqui ninguém me entende, não consigo explicar nada para ninguém.”

Ela se desculpou.

“Não, realmente, tudo isso já é estafante o suficiente, eu não posso ainda por cima... Está vendo aquelas duas crianças ali na frente, elas são esquisitas. Especialmente a menininha. Olhos verdes! Estão voando sozinhas, sem os pais.”

“Impressionante”, ela disse.

Ele lançou-lhe um longo olhar.

“Sou horrível”, ele disse então. “Não sou?”

“Bem, se você...”

“Sou realmente insuportável!”

Ela balançou a cabeça.

“Entendo se você quiser voltar para casa. Naturalmente, eu voltaria também. Não poderia suportar isso sem você. De qualquer forma, foi tudo um erro, eu nunca deveria ter aceitado, que idiotice. Vamos voltar para casa? Agora?”

“Por favor. Apenas quinze minutos. Fique calmo, por favor.”

Ele se calou. E, de fato, durante os dez minutos seguintes, enquanto o avião taxiava, decolava e se lançava no céu, conseguiu se conter e não dizer uma palavra.

Os dois haviam se conhecido seis semanas antes, numa festa particularmente chata e, somente depois de falar com ele por algum tempo, Elisabeth se deu conta de que o estranho porém espirituoso homem que torcia os dedos o tempo todo e deixava o olhar vagar pelo teto não era outro senão Leo Richter, o autor de narrativas intrincadas, cheias de reviravoltas e jogos especulares, de um virtuosismo ligeiramente estéril. Não fazia muito tempo, ela lera suas novelas sobre a médica Lara Gaspard, e naturalmente ela conhecia seu conto mais famoso, sobre uma velha senhora em sua viagem até um centro de suicídio assistido na Suíça. No dia seguinte eles se encontraram novamente, e já na próxima noite ela foi ao apartamento parcamente mobiliado de Leo e, para sua surpresa, na cama ele foi de uma determinação para a qual ela não estava preparada. Ela cravou as unhas em suas costas, girou os olhos para dentro e abafou os próprios gritos mordendo seu ombro, e depois de algumas horas extenuantes, quando voltava para casa na madrugada, soube que queria voltar a vê-lo e que talvez houvesse espaço para ele em sua vida.

A seguir, ela conheceu todas as suas facetas: seus ataques de medo e ansiedade, a euforia que às vezes o acometia do nada, e também as fases de concentração, em que ele parecia desaparecer

dentro de si mesmo e, quando Elisabeth lhe falava, fitava-a como se não entendesse como ela tinha ido parar ali.

Ele, por sua vez, era fascinado pela profissão dela. Em suas missões para os Médicos Sem Fronteiras, ela realmente saltara de paraquedas, um paraquedas *de verdade*? E isso numa região de guerra?

Nesse ponto, ela sempre mudava de assunto. Ela sabia que a curiosidade fazia parte do ser e da profissão dele, mas preferia não falar sobre certas coisas. Para quem não vivera tudo aquilo, qualquer coisa que dissesse soaria como clichê, frases vazias; palavras não bastavam para descrever como era na realidade. Como era a sensação de perder um homem, do qual minutos antes se havia amputado a perna com anestesia insuficiente, a poucos metros do helicóptero que os esperava e em direção ao qual ele fora arrastado através de campos em chamas, de forma que havia sido tudo em vão, e, no voo de volta, perceber que algumas partes dos últimos dias não estavam em sua memória, que havia espaços vazios, como se aquelas experiências fossem tão drásticas e extraordinárias, que não pertenciam totalmente à realidade e repeliam as lembranças. Como ela poderia descrevê-las? Quem nada viveu, dissera-lhe anos antes um médico mais velho, gosta de contar, mas quem viveu muita coisa de repente não tem mais nada a dizer. Mas ela sabia que Leo adivinhava muitas coisas. Elisabeth tinha a mesma profissão e a mesma idade de sua heroína Lara Gaspard e, se ela se lembrava bem das parcas descrições físicas da personagem, as duas eram até parecidas. Sem dúvida, Leo a achava interessante também por causa disso. Diversas vezes, ela notara que ele a observava com uma atenção quase científica, enquanto seus lábios se moviam como se tomasse notas mentalmente.

Poucas semanas antes, numa palestra na Academia de Mainz, ele afirmara que a cultura estava de fato se extinguindo, o que no entanto não era de se lamentar, pois a humanidade estaria melhor sem o lastro do saber e da tradição. Ele afirmara que estávamos na era das imagens, do barulho rítmico e da transição mística para o eterno agora — um ideal religioso que se tornara realidade por meio do poder da técnica. Ninguém sabia muito bem se ele falava a sério ou ironicamente, se era um niilista ou um conservador, mas justamente por isso o texto foi impresso, réplicas de todos os tipos foram publicadas e institutos de cultura alemã de todo o mundo convidaram-no para turnês de palestras. Por um capricho, ele aceitou fazer uma turnê pela América Central e, quando perguntou a Elisabeth se queria ir junto, para sua surpresa, ela nem precisou refletir.

Pouco antes da aterrissagem, Leo caiu num sono agitado. Elisabeth estremecia só em pensar no que aconteceria a seguir: na etapa anterior, já no aeroporto, ele caíra num verdadeiro estupor de aversão ao ver a diretora do instituto cultural com seu casaco de lã. Em silêncio, as mandíbulas cerradas, ele se sentara no automóvel ao lado de Elisabeth e até mesmo apertara a mão dela quando um comando policial os fez parar. Naturalmente nada acontecera, e os oficiais logo os deixaram passar, mas quando chegaram ao hotel ele estava totalmente descomposto, apavorado e banhado em suor. Ele se trancara no quarto a tarde inteira, antes de dar sua palestra à noite para vinte e sete alemães numa sala mal iluminada, e depois disso a diretora do instituto insistira em levá-los à única pizzaria da cidade, onde perguntou a Leo de onde ele tirava suas ideias e se escrevia pela manhã ou à tarde. Depois disso, ele passara a metade da noite lamentando-se, andando no quarto para lá e para cá e amaldiçoando seu destino, até que finalmente, mais por desespero do que por paixão, eles se jogaram na cama enroscados

um no outro. Às cinco horas da manhã, o telefone celular de Elisabeth tocou e ela recebeu a notícia de que seus três colegas mais próximos haviam sido sequestrados na África.

“Você viu?”, Leo havia despertado. Ele cutucou o ombro dela e apontou para fora pela janela do avião. “Como um grande cenário. Uma chapa com centenas de lampadinhas. Talvez não estejamos voando, talvez nem mesmo estejamos aqui. Um grande embuste. Aliás, o que faremos se não houver ninguém para nos pegar? Estou com um pressentimento, e normalmente não me engano. Você vai ver.”

A senhora do instituto cultural que os esperava chamava-se Rappenzilch, vestia um casaco de lã e tinha dentes salientes. Ela foi logo perguntando a Leo de onde ele tirava suas ideias. Elisabeth ouviu as mensagens em seu celular. Ela estava gelada de medo.

Eles estavam no automóvel. Lá fora, na luz pálida da manhã, desfilavam os pequenos edifícios cúbicos da capital. Placas comerciais, velhas com cestas de frutas, no céu a fumaça amarelada das fábricas distantes.

Do hotel, ela ligou para a central em Genebra. A situação era caótica, disse seu colega Moritz, ainda no escritório, embora ali já fosse bem mais de meia-noite, a onu não podia ajudar, eles eram forçados a supor que o governo estava envolvido. Dois anos antes, quando estivera no país, ela não tivera alguma coisa com um secretário de Estado?

“Sim.” Sua voz ecoou nas paredes ladrilhadas do banheiro. “Um dos piores.”

“Dos piores ou dos melhores, do jeito que vão as coisas, você é o único canal que temos.”

Ela voltou para o quarto, Leo estava sentado na cama e olhava para ela com um ar de reprovação. Aquela senhora Rappenzilch! Aqueles dentes! E à noite subir de novo no tablado, simplesmente

não dava mais! Ele ligou a televisão. Soldados desfilavam, depois apareceu o rosto de um político, depois novamente os soldados. Leo sacudiu a cabeça e começou a discorrer sobre o horror metafísico daquela visão: ele se sentia prisioneiro, aquele canto da Terra era um inferno peculiar, e instintivamente ele duvidava de que poderia sair dali. Ele devia estar louco por ter se metido naquela situação por vontade própria. “Veja, não estão marchando no mesmo passo, não conseguem! Você viu os dentes dela?”

“Os dentes de quem?”

“Da senhora Rappenzilch!”

Ela entrou mais uma vez no banheiro para telefonar. Leo não podia perceber nada, o assunto deveria permanecer em segredo; quem poderia garantir que ele não daria com a língua nos dentes? Ela ligou para um assessor do secretário de Estado africano que, havia alguns anos, conhecera em circunstâncias desagradáveis. Foram necessárias seis tentativas antes de completar a ligação, o sinal de chamada era estranho e a qualidade do som, ruim. Ele veria o que era possível fazer, disse o assessor. Ela agradeceu efusivamente, desligou e teve que lutar contra a necessidade de se deitar no chão e se contorcer. Seu estômago doía, em sua cabeça pulsava uma dor lancinante.

Quando voltou para o quarto, Leo gritava com alguém pelo telefone do hotel. “Assim não dá, não posso ser tratado dessa maneira! Não!”, ele bateu o fone, virou-se para ela e disse triunfante: “Röbrick”.

Ela não fazia ideia de quem era Röbrick, mas o modo como ele pronunciou o nome a fez supor que se tratava de alguém importante no meio literário.

“Esse prêmio. Eles praticamente tinham me prometido, e agora de repente querem pegar de volta, só porque não aceito que Eldrich faça o discurso de entrega. Mas assim não vai dar, talvez eles

possam fazer isso com Renke ou Möhrsam, mas comigo, não... Veja, o céu! O sol produz um efeito nas nuvens de poluição como se fosse algo bonito e não uma imundície. Contra a luz tudo é belo. De qualquer forma, eu lhe disse que pode esquecer. No ano que vem, quando ele me quiser como jurado, aí sim vamos jogar de acordo com as minhas regras!”

Elisabeth se deixou cair na cama. Ela estivera com Carl, Henri e Paul na Somália no ano anterior. No último dia, Carl dissera que queria largar tudo, seus nervos não aguentavam mais, e para a alma também não era bom. O que estariam fazendo com os três agora, em que espécie de muquifo escuro, sem acesso a tudo que era sensato neste mundo? Ela ficou ali deitada, imóvel, e de repente se viu envolvida numa conversa com quatro policiais, que de alguma maneira se fundiram numa única e mesma pessoa, à qual não podia dar nem uma resposta errada, embora tivesse que revelar detalhes de sua infância e realizar tarefas de cálculo muito difíceis, pois para cada erro seu deveria morrer uma pessoa. Uma mão pousou em seu ombro, ela se ergueu com um grito.

“Já sabia que você tinha pesadelos à noite. Mas agora também à tarde? Você estava choramingando feito uma criança.”

Ela disse que não se lembrava de nada. Ele a fitou longamente e, para escapar de seu olhar, ela foi para o banheiro e entrou debaixo do chuveiro. Elisabeth deixou a água morna escorrer sobre a cabeça e tentou não pensar em Carl, Henri e Paul. De qualquer forma, os três eram pessoas adultas, que haviam decidido correr um risco em sua consciência, homens que sabiam se virar, diferentes de... Sim, eram homens que sabiam cuidar de si mesmos.

A senhora Rappenzilch veio buscá-los. No caminho para o instituto cultural, ela contou histórias sobre crimes e assaltos nas ruas. Aquela era uma cidade muito perigosa. Perturbado, Leo pegou seu bloco de anotações.

No instituto, eles eram esperados por trinta e dois alemães. Leo subiu ao tablado, e, como das outras vezes, todo o pesar e a aflição se dissiparam. Ele se manteve apumado e disse coisas inteligentes sobre cultura e barbárie, sobre ruídos, sangue e perigo — Elisabeth notou que ele não seguia à risca o manuscrito, os últimos dias o haviam inspirado. Mesmo quando improvisava, suas frases eram perfeitas, e em torno de sua figura se concentrava uma energia que impedia que se olhasse para outro lugar. Então o telefone de Elisabeth vibrou, e ela precisou sair depressa para o corredor.

Sua Excelência, disse o assessor do secretário de Estado, não se opunha a uma conversa. Ela teria mais detalhes no dia seguinte. Ela agradeceu obsequiosa e ligou para Moritz. O Ministério das Relações Exteriores, ele contou, havia se engajado, mas nunca se podia esperar muita coisa de políticos, além disso a presença do Serviço Nacional de Inteligência alemão era fraca na região. Eles não podiam contar com ninguém.

Quando ela voltou, Leo acabara de terminar e o público aplaudia. Depois disso, ele autografou uma dúzia de livros e respondeu três vezes à pergunta de onde ele tirava suas ideias. Logo depois, a senhora Rappenzilch, que de repente estava muito nervosa e com o rosto corado, decidiu que estava na hora de partir: o cônsul-geral estava esperando, a recepção já havia começado!

“Por que sempre perguntam isso?”, sussurrou Leo no automóvel. “De onde eu tiro minhas ideias. Que pergunta, o que esperam que eu diga?”

“E o que você responde?”

“Banheira.”

“O quê?”

“Respondo que tenho todas as ideias na banheira. Eles se bastam com isso. E ficam contentes. Veja ali: um cartaz do Ralf

Tanner. Esse sujeito está realmente em toda parte, não se escapa dele nem do outro lado do mundo. Eu o conheci no ano passado. Um tremendo palhaço! Mas o que há ali?" Ele se inclinou para a frente e cutucou o ombro da senhora Rappenzilch. "O que há ali, a senhora está vendo, alguém foi assaltado?"

A senhora Rappenzilch virou a cabeça, mas já haviam passado, e não se via mais o ajuntamento. Sim, era possível, ela disse, acontecia com frequência.

Leo escreveu alguma coisa em seu bloco de notas.

A residência ficava numa colina que se elevava sobre os tremulantes pontos de luz da cidade. O céu estava negro e baixo, não havia estrelas. Homens de uniforme circulavam com pequenas bandejas, havia alemães por toda parte: sérios e empertigados, copos nas mãos, rígidos, os rostos tensos. Logo cinco homens rodearam Leo; Elisabeth viu que o olhar dele procurava o dela. Seus olhos brilhavam de cólera. Uma força destrutiva parecia emanar dele em ondas, tão forte que todos deviam estar sentindo. "Na banheira", ele dizia. "Todas as ideias que já tive. Todas."

Um homem muito magro apareceu na frente dela, estendeu a mão e disse: "Prazer, Von Stückenbrock". Ela precisou de alguns instantes para entender que ele havia se apresentado. Um segundo homem juntou-se a eles e disse: "Muito prazer, Becker". Um terceiro disse: "Seifert. Mannesmann. Sou diretor da Mannesmann, a filial daqui". Depois disso, explicou com copiosa riqueza de detalhes que lera o último livro de Leo no trem, na viagem de Bebra a Dortmund. Interessante, não?

"Realmente", ela disse e procurou em seu rosto algum sinal de ironia, de espirituosidade, de qualquer coisa.

Stückenbrock perguntou de onde o seu marido tirava as ideias.

"Quem? Ah, não, ele não é... Na banheira."

"Ah!", disse Becker.

Os três se curvaram.

"Todas as ideias", ela disse. "Ele sempre tem as ideias lá. Sempre na banheira."

"Notável", disse Seifert.

"É a primeira vez na cidade?", perguntou Becker.

Ela fez que sim.

A conversa caiu no silêncio. Os três homens estavam em torno dela, calados, como que emperrados por dentro, traídos e aprisionados pelo destino num lugar feio, longe de sua feia terra natal. Elisabeth abriu e fechou a boca, nada lhe ocorreu para dizer. Era como se precisasse conversar com máquinas de lavar, hidrantes ou robôs, com os quais não havia uma linguagem comum. Então seu telefone tocou. Pela primeira vez em muitos dias, isso a deixou aliviada. Desculpando-se com um gesto, ela saiu da roda.

Era apenas um jornalista que havia conseguido seu número e queria saber se o boato do sequestro era verdadeiro.

Sem comentários, ela disse, mas se ele esperasse até o dia seguinte, talvez houvesse uma história.

Em tom hostil, ele perguntou se isso era tudo. Ela não podia lhe adiantar mais nada?

Por enquanto não, disse Elisabeth. Ela lamentava!

De volta ao hotel, Leo logo começou a se queixar. Que gente! Por que eram todos tão *idiotas*?

"A vida deles não é fácil", ela disse. "Nenhum deles fez a carreira que queria. Nenhum deles está no lugar onde desejaria estar. Acaso você acha que eles gostam de estar aqui?"

Ela olhou pela janela. Do cartaz no edifício em frente, o rosto de Ralf Tanner a observava, tão gigantesco e ampliado, que parecia despojado de tudo o que era humano. Ela não pôde deixar de pensar no escândalo sobre o qual lera recentemente não lembrava mais onde: no lobby de um hotel, Tanner fora insultado e

esbofeteado por uma mulher. Diversos turistas haviam filmado, agora as cenas podiam ser vistas no YouTube. E se Carl, Henri e Paul fossem fuzilados, decapitados, apedrejados ou queimados vivos, era provável que isso também pudesse ser visto.

“Não aguento mais!”, disse Leo. “Você sabe quantas vezes me perguntaram hoje de onde eu tiro as minhas ideias? Catorze vezes. E nove vezes se eu trabalho de manhã ou de tarde. E oito vezes vieram me contar em que viagem leram alguma coisa minha. A comida também estava horrível. O mês que vem tenho outra viagem, para a Ásia Central. Não aguento mais. Desisto.”

“*Para onde é a viagem?*”

“Turcomenistão, acho. Ou Uzbequistão. Quem é que consegue gravar esses nomes! Uma turnê de escritores.”

“Mas por que você aceitou?”, ela perguntou espantada.

Ele sacudiu os ombros.

“É preciso ver o mundo. Expor-se à realidade. Não devemos evitar os perigos.”

“Perigos?”

Ele confirmou com a cabeça.

Sem dúvida, sua reação havia sido forte demais e, quando acabou, ela perguntou a si mesma o que tinha dado nela, ainda mais que eles ainda não haviam tido nenhuma briga. Mas dessa vez ela não conseguiu se controlar. O que ele estava imaginando? Ele nunca tinha estado em perigo durante toda a sua vida, não conseguia nem amarrar os sapatos sem ajuda, tinha medo de avião e de aranhas e ficava estressado quando um trem atrasava! Andar de carro por uma cidade, protegido por burocratas, não era perigoso, era uma piada, ela não aguentava mais aquelas lamúrias!

Ele não disse nada e olhou para ela atentamente, quase curioso, os braços cruzados no peito. Ela não parou até sua voz

falhar. A raiva passara. Ela olhou ao redor à procura de sua mala. Era isso, ela iria embora. Era o fim.

“Exatamente assim!”, ele disse.

“Como?”

“Pode ser assim. Duas pessoas, viajando juntas. Ela tem responsabilidades reais; ele é um choramingas, um sujeito insuportável. Lara Gaspard e seu novo amor. Um pintor. Mas...”, ele parou por um momento e parecia escutar dentro de si. “Mas ela sabe que ele é um gênio. Apesar de tudo.” Ele se sentou à escrivaninha e começou a escrever.

Elisabeth esperou, mas pelo jeito ele havia esquecido que ela estava ali. Então ela se deitou na cama, puxou o cobertor sobre a cabeça e em poucos minutos estava dormindo.

Quando voltou a si, ele estava sentado, ela não sabia se de novo ou ainda, à mesinha. Uma pálida luz matutina entrava pela janela. Ela se lembrou vagamente de terem se amado também nessa noite. Ele tinha ido até a cama e a virado de costas e, na penumbra debaixo do cobertor, exaustos e tomados por uma estranha ira, eles haviam se tornado um. Ou tinha sido um sonho? Sua memória não andava muito boa, devia ser uma síndrome pós-traumática, mas era melhor não falar sobre isso, pois ele poderia usar para alguma coisa.

Somente no aeroporto ela voltou a falar com Genebra. Tudo indicava, disse Moritz, que os três estavam vivos e agora estavam tentando reunir o dinheiro do resgate. O Ministério das Relações Exteriores não tinha gente de confiança no local, ele não conhecia ninguém com quem contar para as negociações. “E o secretário de Estado?”

“Se der tudo certo, falarei com ele hoje.”

“Afinal onde você está?”

“Melhor não perguntar. É uma longa história.” Ela baixou o fone, Leo já se postara no portão de embarque, embora ainda não houvesse ninguém da companhia aérea ali. Ela acenou para ele, ele sacudiu energicamente a cabeça e fez um sinal impaciente para que ela fosse até lá. “Ligo mais tarde.”

Ao chegar, eram esperados por uma senhora chamada Riedergott, do instituto cultural. Ela usava um casaco de lã e óculos com lentes grossas, seu rosto parecia ser feito de massa endurecida. “Senhor Richter, de onde o senhor tira todas as suas ideias?”

“Banheira”, disse Leo, com os olhos fechados.

“E o senhor escreve...”

“Sempre à tarde.”

Ela agradeceu pelas informações. Na rua, a umidade evaporava do chão, nos cartazes um presidente sorria e, quando o semáforo fechava, crianças seminuas pulavam na frente dos automóveis e executavam malabarismos.

“Estou muito cansado”, disse Leo. “Hoje, depois da palestra, vou me recolher.”

“Impossível”, respondeu a senhora Riedergott. “O embaixador está esperando. Uma grande recepção, está tudo preparado há muito tempo.”

Do hotel, Leo ligou para o pen Club e cancelou a viagem para a Ásia. Ele sugeriu que chamassem outra pessoa, por exemplo, Maria Rubinstein, a autora de romances policiais, recentemente ela lhe dissera que gostaria de fazer alguma coisa diferente. Ele enviou uma mensagem de texto a Maria pelo telefone: *convite viagem, muito interessante, infelizmente não posso ir, POR FAVOR, aceite, ficarei em dívida, POR FAVOR, obrigado! obrigado! obrigado, L.* Depois, por algum tempo, queixou-se da senhora Riedergott com Elisabeth; aquele rosto, aquele jeitinho, aquela impassibilidade,

aquela arrogância apática. Existia alguma coisa pior do que pessoas assim?

“Sim”, disse Elisabeth. “Existe.”

Depois disso, eles se amaram, e dessa vez não foi um sonho: ela cravou os dentes no ombro dele e, por um momento, todas as preocupações com seus colegas sequestrados se apagaram, e quando ela pressionou com tanta força a mão em seu rosto que ele teve dificuldades para respirar, ele se esqueceu de reclamar e de fazer observações por alguns segundos. Depois acabou, e ambos eram novamente eles mesmos e estavam um pouco embaraçados, como se tivessem se dado conta de que mal se conheciam.

Leo fez sua palestra na residência do embaixador. Alemães da indústria, do comércio e do serviço diplomático estavam lá, o salão repleto de homens de terno e gravata e mulheres com colares de pérolas, e a mansão era parecida com a mansão do dia anterior, e ali também a cidade se estendia a seus pés, e se não estivesse muito mais quente e o ar tão viciado, seria possível pensar que era o mesmo lugar. Leo falou livremente, a cabeça ligeiramente deitada para trás, os olhos voltados para o teto. Ele fazia aquilo bem, mas Elisabeth percebia sua ira. Se pudesse, ele teria condenado à morte todos ali. Leo não era uma pessoa benevolente. Ele não desejava o melhor para as pessoas. Isso era tão evidente que Elisabeth se perguntou mais uma vez como ninguém notava e, como tantas outras vezes, constatou que as pessoas estavam envolvidas demais em seus próprios interesses e preocupações e viam muito pouco do que acontecia diante de seus olhos. Quando Leo terminou, o público aplaudiu, e então, como um pesadelo, repetiu-se mais uma vez a recepção do dia anterior: um homem se apresentou como senhor Riet, um outro como dr. Henning, e a senhora Riedergott estava lá novamente, pálida de emoção porque o embaixador estava a seu lado. Ele deu uma palmadinha no ombro de Leo e perguntou-lhe de

onde tirava suas ideias. Aliás, o último livro de Leo ele começara a ler no avião, no voo de Berlim para Munique.

“Interessante”, disse Leo com uma expressão que deixava ver o que ele estava pensando.

O embaixador assentiu. “Primeira vez aqui?”

“A última.”

“Bem”, disse o embaixador.

“Vou matar o senhor”, disse Leo.

“Que bom”, disse o embaixador. “Agora o deixo em boas mãos.” Ele sorriu para a senhora Riedergott e desapareceu entre os convivas.

Formou-se um desfile de damas e cavalheiros, todos apertaram sua mão e a de Elisabeth. Eles eram de Wuppertal e Hannover, de Bayreuth, Düsseldorf e Bebra, e havia um senhor muito magro e ereto de Halle an der Saale. Depois de um momento, Elisabeth se perguntou se na verdade não havia somente alemães em todo o país.

“É nisso”, disse Leo no automóvel, “que resulta a arte. Todo o resto é propaganda e ilusão. Eu sempre disse. Mas não sabia que era verdade!” Ela viu que ele estava pálido. “E é para isso todo o trabalho, toda a luta e todas as preocupações, a vida inteira perdida. Para ser convidado por pessoas sem alma, para apertar mãos, para que os lêmures tenham assunto antes do jantar.”

No assento da frente, a senhora Riedergott virou-se bruscamente.

“Não se ofenda, por favor!”, exclamou Leo. “Minha cara senhora Riedergott! Estou falando de forma totalmente genérica.”

Nessa noite, de novo no banheiro, ela finalmente conseguiu falar com o secretário de Estado. Ela estava sentada no vaso sanitário e pressionava o telefone no ouvido.

Uma situação difícil, ele disse num inglês ruim. Na verdade, ele não podia fazer nada. E, mesmo se pudesse, o dispêndio seria enorme.

“Financeiramente?”

“Financeiramente também.”

Naturalmente, disse ela. Os meios estavam disponíveis. Sua intervenção seria muito apreciada e ela ficaria eternamente grata.

Ele não podia prometer nada, disse o secretário. Mas telefonaria.

Quando voltou no escuro, ela topou com o pé no criado-mudo. Um copo caiu no chão, e Leo acordou.

“Vamos fugir!”

“O quê?”

“Amanhã não irei à recepção na Câmara de Comércio. Simplesmente vou desaparecer. Tomaremos um avião para as pirâmides. Eu sempre quis vê-las.”

“Ótimo!”

“O que eles poderiam fazer? Me processar?”, ele hesitou. “Poderiam? Quero dizer: teoricamente. Eles poderiam me processar?”

“Não acho que fariam isso.”

“Sei, mas *poderiam?*”

Ela afundou a cabeça no travesseiro. Estava cansada demais para responder. Ela sentiu o olhar dele no escuro e sabia que ele desejava tocá-la, mas estava cansada demais até mesmo para lhe dizer que estava cansada demais.

Pela manhã, eles partiram. Tomaram um táxi até o aeroporto, e dali o primeiro avião para o altiplano. Durante todo o voo, ela teve de garantir que não haveria consequências, que não podiam processá-lo, que ninguém ia para a prisão somente porque dera o bolo na Câmara de Comércio Alemã. Lá embaixo, bem verdes e

cobertas pela floresta virgem, desfilavam as montanhas mais altas que ela já vira.

“Isso é como antigamente”, ele disse. “Como cabular aula.”

“Você nunca cabulou aula!”

“De onde tirou essa ideia?”

“Cabulou?”

“Todo mundo já cabulou!”

“Mas e você?”

Ele se virou para o outro lado e ficou calado até o pouso.

O ar no altiplano era tão rarefeito que era difícil respirar e o coração acelerava a cada movimento. Um brilho claro e penetrante se estendia sobre as ruas e as casas, não parecia haver sombra em lugar algum e, após alguns minutos, a pele ardia de tão intensa que era a luz. Enquanto o táxi abria caminho buzinando em meio à multidão, ela ouviu uma mensagem de Moritz. Aparentemente o governo local interviera, não havia informações seguras, alguns boatos afirmavam que os reféns haviam sido libertados, outros diziam que estavam mortos. Ele prometeu telefonar assim que soubesse de alguma coisa.

Eles descarregaram a bagagem no primeiro hotel que acharam e contrataram um guia: um homem alto, sério e taciturno. Quando Leo ligou seu telefone, havia sete mensagens do instituto cultural.

“Acho que terei problemas, sim. O que você acha, eles não podem mesmo me processar?”

Mais uma vez essa pergunta, ela pensou, e eu não quero mais saber. Uma única vez mais, e eu pego o próximo avião.

Ele não perguntou outra vez, mas porque estava sem fôlego. Eles subiam a encosta atrás do guia, que respirava ruidosamente. O coração de Elisabeth batia como um tambor, o esforço a distraía do medo. O caminho avançava em meio à relva rasteira e, aqui e ali, algumas árvores mirradas agarravam-se à rocha. De repente,

nuvens surgiram do nada, o ar estava úmido e a luz, difusa, como se refratada cem vezes. Então começou a chover.

Eles chegaram às pirâmides debaixo de um aguaceiro. Os trovões ecoavam nas paredes de pedra, os raios coriscavam no horizonte, e tudo o que conseguiam distinguir eram três picos na neblina. O guia estava imóvel. A água perolava seu capuz de plástico.

“Na verdade”, disse Leo, “nada disso me interessa. Eu só escrevo. Eu invento. Na verdade, não quero ver coisa alguma.”

“E eu não quero estar numa história.”

Ele olhou para ela.

“Não faça nenhum retrato meu. Não me ponha numa história. É a única coisa que peço.”

“Mas de qualquer forma não seria você.”

“Seria. Mesmo que não fosse eu, seria eu. Você sabe muito bem.”

A chuva parou, minutos depois o sol abriu um rombo nas nuvens. A névoa foi se tornando diáfana e de repente apareceram os degraus da gigantesca construção. O vale sob eles parecia mergulhar nas profundezas, e ela teve a impressão de que a crista sobre a qual estavam se elevava lentamente. Em algum lugar, um riacho rumorejava. Ela se perguntou por que estava com vontade de chorar.

“Era aqui que eles matavam as pessoas”, disse Leo. “Muitos milhares. Todos os meses.”

“E isso não desapareceu do mundo”, disse o guia com um ar impassível. “Quando fechamos os olhos, podemos sentir.”

“Onde o senhor aprendeu alemão?”

“Estudei em Heidelberg. Antropologia. Nove semestres.”

Nesse momento, o telefone dela tocou.

Rosalie viaja para morrer

De todas as minhas personagens, ela é a mais inteligente. Há quase setenta anos, Rosalie era menina e ia bem na escola, depois se formou no magistério e, durante quatro décadas, se dedicou a ensinar. Ela foi casada duas vezes e tem três filhas, há muito já adultas; agora é viúva, sua aposentadoria é suficiente e sobre certas coisas Rosalie nunca se iludiu; por isso não se surpreendeu quando, na semana passada, o médico lhe disse que seu câncer de pâncreas era incurável e que dali para a frente tudo caminharia rapidamente para o fim.

“Tenho certeza de que a senhora quer saber a verdade”, ele disse, como se ela fosse uma criança e devesse se sentir orgulhosa por um adulto confiar nela. “A boa notícia: as dores fortes vêm só no final.”

Rosalie aceitou a situação quase com tranquilidade. Ela não passou pelas famosas sete fases: não houve revolta, nem negação, tampouco uma luta lenta até a compreensão — apenas uma breve fase de incredulidade seguida por uma noite de profunda tristeza e, na manhã seguinte, a busca na internet por aquela entidade suíça da qual ouvira falar que auxilia as pessoas a abreviar as coisas.

É provável que o leitor saiba que ela existe realmente; eu não a inventei, sua sede fica nos arredores de Zurique, seu nome, conforme me aconselhou um advogado, é melhor não mencionar aqui. Mais de uma organização suíça oferece assistência ao suicídio, essa associação é a mais conhecida. Caso o leitor nunca tenha ouvido falar dela, preste atenção; numa história se pode perfeitamente aprender alguma coisa. É preciso se filiar à associação, pagar uma quantia nada módica e enviar relatórios médicos, que serão examinados por um especialista para verificar se de fato não há nenhuma esperança. Depois disso, a pessoa viaja, dirige-se ao único imóvel da associação, o chamado apartamento terminal: um quarto com um sofá, uma cama e uma mesa, sobre a qual um colaborador voluntário deposita um copo de pentobarbital sódico. A pessoa bebe. Com suas próprias forças e de livre e espontânea vontade.

Quando se fala sobre morrer, é difícil surpreender Rosalie. Um primo de seu primeiro marido deu um tiro na cabeça, sem saber como isso na verdade é difícil e como hoje em dia é frequente a pessoa sobreviver. O ângulo não era correto e ele, sem as mandíbulas, ainda vegetou durante semanas. A irmã de sua amiga Lore tentara quatro vezes com soníferos. A cada vez, uma dose maior, e a cada vez voltara a si entre seus próprios excrementos e vômito; nosso corpo é forte, sua força vital, maior do que fazem supor nossas horas sombrias. E o sobrinho de Rosalie, Frank, irmão de Lara Gaspard, enforcara-se onze anos antes. Seu pescoço estava preto das marcas de estrangulamento e no teto havia arranhões profundos. Não há mal algum em contar com a ajuda de especialistas. Assim, após breve relutância, Rosalie pega o telefone.

Atende um senhor chamado Freytag. Ele é gentil, delicado e discreto, nota-se que possui experiência com esse tipo de conversa.

Creio que devo mencionar que o senhor Freytag é uma invenção minha. Não liguei para a associação, não sei quem atende lá e o que se diz ao telefone. Eu quis averiguar, mas todas as vezes um vago terror me fez desistir, eu tinha a sensação de estar prestes a cometer algo indecoroso, como se quisesse evocar espíritos para me divertir. Além disso, não sou realmente o tipo de escritor que sempre usa fatos verdadeiros. Outros ficam felizes quando pesquisam meticulosamente os mais ínfimos detalhes e uma lojinha pela qual uma personagem passa sem lhe dar atenção aparece no livro com o nome verdadeiro. Mas eu não ligo para esse tipo de coisa.

“É tudo muito simples”, diz o senhor Freytag. “Esse é o endereço, esse é o número do fax, ela precisa somente enviar os relatórios médicos, e a seguir um psiquiatra a entrevistará para comprovar que ela é plenamente capaz de responder por seus atos. Depois disso, os formulários de filiação serão enviados por fax e, assim que forem devolvidos, uma data poderá ser fixada. Há...” Ele hesita pela primeira vez. “Há pressa?”

“O médico”, diz Rosalie, “falou em poucas semanas.”

Nesse caso, os procedimentos serão agilizados.

A voz do senhor Freytag permanece totalmente tranquila e, ao mesmo tempo, cheia de compaixão. Ele faz isso realmente bem. E por que não?, pensa Rosalie. Com certeza, ele poderia ganhar mais fazendo outra coisa, deve ser uma verdadeira vocação. Ela até mesmo consegue sentir gratidão.

À noite ela sonha, como não acontecia há muitos anos. Há um pulsar ardente do sangue, uma excitação febril, sensual, da qual ela se lembra quase escandalizada quando desperta: bastante gente, barulho, abraços fervorosos. Ali estão também, de repente, pessoas nas quais ela não pensa há cinquenta anos, aparentemente perdidas para sempre no esquecimento, talvez não exista mais

ninguém que ainda se lembre delas. Faz tanto tempo que tudo aquilo aconteceu. Sim, de fato, chegou sua hora.

E, contudo, ela não consegue se resignar totalmente ao próprio destino. Por isso, de madrugada, ela se volta para mim e me pede misericórdia.

Rosalie, isso não está nas minhas mãos. Não posso fazer isso.

É claro que pode! A história é sua.

Mas é sobre a sua última viagem. Se não fosse assim, eu não teria nada para contar sobre você. A história...

Poderia tomar outro rumo!

Não vejo como. Não para você.

Depois disso, ela se vira de lado e não consegue mais dormir até o dia clarear. O que não é nada extraordinário, a última vez que ela realmente dormiu bem foi há mais de vinte e cinco anos.

Os dias seguintes transcorrem como se tudo continuasse como antes e ela ainda tivesse tempo. O pavor cede pouco a pouco — na verdade, ele permanece, mas perde a agudeza e se torna uma pressão débil e constante, não muito diferente da dor de estômago que é parte de sua existência há tanto tempo, que ela quase não se lembra mais da sensação de não ter nada que machuque. Mas assim é a vida quando se tem mais de setenta anos, uma pontada aqui, uma queimação ali, uma permanente indisposição e rigidez em todas as articulações.

Ela decide não dizer nada às filhas. Elas já esperam sua morte há certo tempo, é preciso ser realista. Já conversaram em detalhes, Rosalie não tem dúvidas sobre quem organizará seu funeral e onde ela será enterrada. Por desencargo de consciência, pediram-lhe diversas vezes que fosse sensata e se mudasse para um asilo, porém, como Rosalie ainda se vira bem sozinha e um asilo custa caro, faltou convicção aos seus apelos. Para que então importuná-las agora, para que encontros de família, abraços lacrimosos e

palavras de despedida? Muito melhor e mais adequado será uma carta impessoal de Zurique informando que ocorreu o que já era há muito esperado.

Ela combina um café com bolo com suas duas melhores amigas, Lore e Silvia. Agora, em plena tarde, as três velhas senhoras estão sentadas na melhor confeitaria da cidade e conversam sobre seus netos. A partir de uma certa idade, o único assunto sobre o qual ainda se conversa é a família. Política e arte tornam-se algo abstrato e distante da vida cotidiana, que é deixado a cargo dos mais jovens, e as próprias lembranças de repente parecem pessoais demais para serem partilhadas. Sobram os netos. Ninguém se interessa pelos dos outros, mas todas escutam para ter o direito de falar dos próprios.

“Pauli já está falando”, diz Lore.

“Heino e Lubbi já estão no jardim de infância”, diz Silvia. “A professora disse que Lubbi pinta divinamente.”

“Pauli também pinta muito bem”, diz Lore.

“Tommi brinca muito de polícia e ladrão”, diz Rosalie. As outras assentem com a cabeça e, embora conheçam Rosalie há trinta anos, nenhuma das duas pergunta quem é Tommi. Tommi não existe. Rosalie o inventou, ela mesma não sabe por quê. Ela também não sabe se as crianças de hoje ainda brincam de polícia e ladrão, parece-lhe algo anacrônico. Rosalie decide perguntar ao seu verdadeiro neto da próxima vez, e então se dá conta de que nunca mais o verá. Ela sente um nó na garganta e, por alguns instantes, tem dificuldades para falar.

Para se distrair, ela olha para o espelho de moldura dourada na parede. Essas somos nós realmente? Esses chapeuzinhos, essas bolsas de couro de crocodilo e maquiagens bizarras, esses gestos afetados e vestidos ridículos? Como isso foi acontecer? Ainda há pouco éramos como todo mundo, sabíamos como nos vestir, não

usávamos esses penteados absurdos! É justamente por isso, pensa Rosalie, que todos gostam dessa detetive excêntrica, miss Marple — porque ela encarna o contrário da realidade. Senhoras de idade não desvendam assassinatos. Elas não se interessam pelo mundo e pelo que acontece, não querem mais entender. Todas as mulheres que ainda não chegaram lá pensam que serão diferentes. Assim como nós também pensávamos.

Elas se despedem, pois já estão ali faz quase uma hora, e todas ficam aflitas quando passam tanto tempo fora de casa. Quando se levanta, Rosalie examina-se no espelho mais uma vez: um casaco grosso, embora seja verão, um chapéu impermeável, embora não esteja chovendo. E para que essa bolsa tão grande, se ela quase não carrega nada? Até mesmo sua roupa sinaliza que ela é supérflua, um resto, apenas as sobras de um ser humano. Logo vocês me seguirão, ela pensa, dá um beijo em Silvia e um em Lore, deseja-lhes tudo de bom para os netos e as dores nas costas e atravessa a rua.

Ela não vê o automóvel que se aproxima. Antes, Rosalie não teria pisado às cegas na rua, nem mesmo precisaria refletir, ela prestaria atenção automaticamente. Uma buzina guincha, freios cham, um Volkswagen vermelho para. O motorista abre o vidro e grita alguma coisa, mas ela continua e então ouve os chiados do outro lado, uma Mercedes branca freia tão bruscamente, que derrapa; coisas assim Rosalie só tinha visto em filmes. Impassível, ela prossegue. Somente quando chega ao outro lado, seu coração começa a palpitar e ela sente tonturas. Alguns transeuntes pararam. Assim também funciona, ela pensa, assim também é possível abreviar as coisas e poupar uma viagem a Zurique.

Um jovem segura-a pelo cotovelo e pergunta se está tudo bem.

“Sim”, ela diz. “Tudo!”

Ele pergunta se ela sabe onde mora e como chegar lá.

Várias respostas espirituosas lhe ocorrem, mas ela decide que não é o momento e assegura ao rapaz que sabe tudo muito bem.

Quando chega em casa, a luzinha de sua secretária eletrônica está piscando. O senhor Freytag comunica que seu diagnóstico foi aceito. Seu próprio espanto faz Rosalie perceber que ainda tinha esperanças de uma recusa, de uma resposta dizendo que tudo havia sido um engano e que sua doença absolutamente não era incurável. Ela liga de volta e, poucos minutos depois, ele transfere a ligação para um psiquiatra muito gentil.

Infelizmente, ela tem dificuldades para entender sua pronúncia. O que será que acontece com os suíços, ela pensa, eles são tão capazes, por que não conseguem falar normalmente? Ela conta coisas da sua juventude, diz o nome dos presidentes dos Estados Unidos, da França e da Alemanha, descreve como está o tempo lá fora, soma quinze com vinte e sete, doze com trinta, quarenta com duzentos e cinquenta e um e explica a diferença entre os conceitos de otimista e pessimista, assim como de hábil e inábil. Algo mais?

“Não”, diz o médico. “Obrigado. Um caso inequívoco.”

Rosalie assente com a cabeça. Nas adições, ela tomou cuidado para não responder depressa demais, deixou passar alguns instantes para que ele não pensasse que outra pessoa a ajudava. Ao explicar os conceitos, ela se expressou da maneira mais simples possível. Rosalie foi professora e sabe por experiência própria: o mais importante é não chamar a atenção. Quem vai bem demais numa prova torna-se suspeito de ter colado.

Agora o senhor Freytag está novamente na linha. Como o tempo de fato urge, ela pode vir já na próxima semana.

“Segunda-feira estaria bem para a senhora?”

“Segunda-feira”, repete Rosalie. “Por que não?”

Então ela telefona para a agência de viagens e pede um voo de ida para Zurique.

“Só ida é mais caro. Pegue um de ida e volta.”

“Está bem.”

“A volta para quando?”

“Tanto faz.”

“Isso eu não aconselho. Na tarifa mais barata, a senhora não poderá remarcar o voo de volta.” O funcionário soava tão gentil e exageradamente paciente como apenas se é capaz ao falar com velhinhas. “Pense um pouco. Quando a senhora gostaria de voltar?”

“Eu não quero voltar.”

“Mas depois a senhora vai querer.”

“Talvez seja melhor o voo simples.”

“Eu também posso deixar o voo de volta em aberto. Só que isso é mais caro.”

“Mais caro do que o voo só de ida?”

“Nada é mais caro do que o voo só de ida.”

“Mas tem alguma lógica nisso?”, pergunta Rosalie.

“Como?”

“Isso não é lógico.”

“Minha senhora...”, ele pigarreou. “Aqui é uma agência de viagens. Nós não fazemos os preços. Não temos a menor ideia de como eles são estabelecidos. Minha namorada trabalha numa companhia aérea. Ela também não entende. Recentemente, verifiquei que um voo para Chicago na classe executiva é mais barato do que na econômica. A cliente queria saber por que e eu disse: ‘Minha senhora, se eu começar a fazer essas perguntas, vou ficar louco. Pergunte ao computador. Eu também pergunto ao computador. Todo mundo pergunta ao computador, é assim que funciona!’”

“Sempre foi assim com os preços?”

Pelo seu silêncio, ela percebe que ele não quer refletir sobre o assunto. Ela já havia reparado várias vezes que gente com menos

de trinta anos não se interessa em saber por que as coisas ficaram como são.

“Bem, vou ficar com o voo só de ida.”

“A senhora tem certeza?”

“Absoluta.”

“Executiva?”

Ela refletiu. Ora, é só uma viagem curta, para que o desperdício?

“Econômica.”

Ele murmura, digita, murmura, digita novamente e, após longos quinze minutos, o bilhete foi emitido. Infelizmente, diz ele, não será possível remetê-lo por via eletrônica, o sistema não aceita, não há o que fazer. Ele terá de enviá-lo por um portador. Contudo ficará mais caro.

“Faça isso”, diz Rosalie; agora ela está realmente farta.

Ela desliga e compreende que já não tem mais preocupações no mundo. A torneira que não para de pingar, para a qual fazia tempo ela pretendia chamar o encanador, a mancha de umidade no banheiro, o filho da vizinha, que sempre olha tão ameaçador para a sua janela, como se quisesse assaltá-la — tudo isso já não tem mais importância, disso outros se ocuparão, ou mesmo ninguém, acabou.

À noite, ela telefona para a única pessoa a quem tem vontade de contar tudo aquilo. “Onde você está?”

“Em São Francisco”, diz Lara Gaspard.

“Então os telefonemas devem ficar muito caros para você.” Curioso que agora se possa falar praticamente com qualquer pessoa no mundo inteiro sem saber onde ela se encontra. Parece que até mesmo o espaço não é mais o que era antes. De um lado, ela acha isso esquisito; de outro, está feliz por poder falar com sua inteligente sobrinha.

“Não se preocupe. O que houve? Você está com uma voz estranha!”

Rosalie engole a saliva, então conta para ela. De repente, tudo lhe parece irreal e melodramático, como se fosse a história de outra pessoa ou alguém tivesse inventado tudo aquilo. Quanto termina, ela não sabe mais o que dizer. Estranhamente, ela se sente envergonhada. Ela se cala, confusa.

“Meu Deus”, diz Lara.

“Você acha errado?”

“Tem alguma coisa errada. Mas é difícil dizer o quê. Você vai sozinha?”

Rosalie confirma.

“Não faça isso. Leve-me com você.”

“Nem pensar.”

Por alguns segundos ambas ficam caladas. Rosalie sabe que Lara sabe que ela cederia se Lara insistisse um pouco mais, e Lara sabe que Rosalie sabe disso, mas Rosalie também sabe que Lara não tem forças para isso, não agora, tão de repente e sem preparação, e por isso as duas agem como se não houvesse nada a fazer, e nem fosse possível qualquer objeção.

Elas têm então uma longa conversa, cheia de repetições e pausas extensas, em que falam da infância e de Deus e das últimas coisas, e o tempo todo Rosalie pensa que não deveria ter feito essa ligação, que ela preferiria simplesmente desligar e que, por outro lado, a conversa ainda duraria um pouco mais, pois, na verdade, ela não quer desligar. Em algum momento, Lara começa a chorar baixinho, e Rosalie sente-se muito valente e serena ao se despedir, mas então começa tudo de novo e elas falam ainda durante mais uma hora. Foi um erro, pensa Rosalie mais tarde. Isso não se conta, não se perturba ninguém com uma coisa dessas. É isso que está

errado, era disso que sua inteligente sobrinha estava falando. Ou se faz sozinho ou não se faz.

O fim de semana transcorre com uma estranha facilidade. Apenas seus sonhos febris, tão cheios de pessoas, vozes e acontecimentos, como se todo um mundo oculto dentro dela quisesse vir à tona mais uma vez, mostram-lhe que ela não está tão tranquila quanto acredita durante o dia. Na manhã de segunda-feira, ela começa a arrumar a mala. Rosalie precisa se forçar a agir racionalmente, pois lhe parece muito estranho e inapropriado viajar sem bagagem.

No táxi para o aeroporto, enquanto as casas desfilam e o sol da manhã brinca sobre os telhados, ela tenta novamente. Não há mesmo uma chance?, ela me pergunta. Está tudo em suas mãos. Deixe-me viver!

Não é possível, respondo irritado. Rosalie, o que está acontecendo com você é a sua razão de ser. Foi para isso que a inventei. Teoricamente, talvez eu pudesse intervir, mas então tudo perderia o sentido! Ou seja: não posso mesmo.

Que idiotice, ela diz. Conversa fiada. Um dia chegará a sua vez, e você também irá implorar como eu.

Mas isso é diferente!

E você não vai entender por que não será feita uma exceção para você.

Não dá para comparar. Você é minha invenção, e eu sou...

O quê?

Eu sou real!

E?

Confie em mim. Não vai doer. Pelo menos isso eu posso arranjar, eu prometo. Minha história...

Desculpe, mas estou me lixando para a sua história. Vai ver que nem *boa* ela é!

Eu me calo furioso, e para que Rosalie não recomece, eu a faço chegar ao aeroporto em poucos minutos — o automóvel se desloca com uma velocidade irreal, as ruas ficam borradas num turbilhão de cores. Ela desce rapidamente do táxi, não enfrenta fila no balcão de check-in, nem espera no controle de segurança, e agora está sentada diante do portão de embarque, cercada por crianças e homens de negócios, sem fazer ideia de como isso lhe aconteceu. Nossa conversa foi recalcada para o fundo de sua consciência, e ela não tem mais certeza se eu realmente respondi ou se ela própria imaginou minhas respostas.

O voo está atrasado. Todos os voos atrasam, também quanto a isso nada posso fazer. Assim, Rosalie continua sentada na sala de embarque. A luz do sol bate suavemente através da janela. Até esse momento, ela não sentiu medo, mas de repente está petrificada de pavor.

Justamente neste instante, começa a movimentação do embarque. O voo para Zurique é anunciado e, quando ela se levanta, uma passageira lhe pergunta se precisa de ajuda. Ela não precisa, mas por que recusar um pouco de apoio e gentileza? Assim, Rosalie se deixa conduzir a bordo.

Felizmente, seu assento fica junto à janela. Ela decide não perder um só instante, vai olhar para fora como se pudesse levar tudo consigo. Que bom, antes do fim ainda sobrevoar os Alpes. O avião taxia na pista, os motores rugem.

Rosalie acorda quando o avião pousa e a força da freagem a comprime contra o cinto de segurança. Seus ouvidos doem, ela esfrega a testa. Ela realmente dormiu durante todo...? Não pode ser. Lá fora, sob o céu de um cinza homogêneo, desfila a pista de aterrissagem. É verdade, ela dormiu durante todo o voo.

“Já chegamos?”, ela pergunta ao passageiro do lado.

Ele sacode a cabeça. “Basileia.”

“O quê?”

“Neblina em Zurique.” Ele olha para Rosalie como se a culpa fosse dela. “Tivemos que pousar em Basileia.”

Rosalie olha fixamente para o encosto da poltrona da frente e tenta refletir. O que é isso? A inesperada reviravolta que salvará sua vida? Fui eu que intervim para interromper a viagem?

Mas Rosalie, eu respondo. Você tem câncer. Vai morrer de qualquer maneira. A interrupção da viagem não a salvará.

Poderia virar um outro tipo de história, ela diz. Eu poderia descobrir a vida nestas duas semanas. Fazer coisas que nunca fiz. Poderia ser uma dessas histórias que mostram como nunca valorizamos suficientemente o presente, que sempre deveríamos viver como se nos restassem apenas poucos dias. Poderia ser uma história positiva e... Como é que se diz?

Afirmativa da vida. Chama-se história afirmativa da vida.

Isso mesmo. Podia ser uma dessas!

Rosalie, a companhia aérea vai lhe oferecer duas coisas. Um voo de conexão, que não se sabe quando partirá, pois a neblina em Zurique está muito forte, ou uma passagem de trem. Você se vira bem com esse tipo de viagem e escolherá a passagem de trem. Esta não é uma história afirmativa da vida. Se fosse alguma coisa, seria teológica.

Como assim?

Fico calado.

Mas como assim?, ela repete. O que quer dizer?

Fico calado.

“Por favor, minha senhora”, diz o passageiro ao lado de Rosalie. “Afim não é tão ruim assim, logo a senhora estará em Zurique. Não é muito longe. Não é preciso chorar por causa disso.”

Na porta do avião, ela já se recompôs. Um homem da companhia aérea distribui vales para os mal-humorados

passageiros. De fato, Rosalie decide-se pelo trem e, como tem um aspecto frágil e não propriamente saudável, há até mesmo um funcionário que a leva à estação de automóvel. Lá o trem já está à espera.

“Cuidado com o degrau”, diz o jovem. “Cuidado, aqui tem um vão. Cuidado, mais um degrau. A senhora gostaria de se sentar aqui? Cuidado.”

Pouco depois, o trem desliza pela paisagem verde e ondulada. Dessa vez, Rosalie está firmemente decidida a não dormir.

Ela acorda quando o trem para em alguma estação de província. A névoa paira sobre os telhados de feias casas. Lá fora, na plataforma, uma criança choraminga; ao lado, sua mãe olha como se tivesse pisado num monte de esterco. Rosalie esfrega o rosto. E logo o cobrador comunica pelo alto-falante: um acidente com vítima, por favor, desembarquem!

“Alguém se matou”, diz um homem alegremente.

“Pulou na frente do trem”, diz uma mulher. “A pessoa fica destroçada. Não sobra nada!”

“Um sapato talvez”, diz o homem. “Encontrado bem longe.”

Todos assentem em uníssono, então desembarcam. Um homem ajuda Rosalie a descer para a plataforma. Ela fica um tempo ali em pé debaixo da chuva miúda, então, em sua perplexidade, vai até o café da estação. Da parede, sorri uma madona; ao lado, um general em preto e branco; ao lado, um guia montanhês com uma picareta de alpinista. Há quatro bandeiras suíças no local. O café tem um gosto horrível.

“Minha cara senhora, acaso deseja ir até Zurique?”

Ela ergue os olhos. Na mesa ao lado, está sentado um homem magro com óculos de tartaruga e cabelos oleosos. Rosalie já o viu antes, no trem.

“Se assim for realmente, eu poderia levá-la.”

“O senhor tem um automóvel aqui?”

“Minha senhora, há tantos automóveis.”

Ela se cala, confusa. Mas o que tem a perder? Ela assente.

“Queira então me acompanhar, por favor. Suponho que o tempo seja escasso.”

Com um gesto afetado, ele tira do bolso uma carteira e paga o café dela. Depois dirige-se ao cabide, pega um boné vermelho berrante que estava ali pendurado, veste-o e ajeita-o meticulosamente na cabeça.

“Desculpe se não a ajudo, mas infelizmente tenho dores nas costas. Como a senhora se chama?”

Ela se apresenta.

Ele pega sua mão e a leva aos lábios, ela recua involuntariamente.

“Muito prazer!”

Ele não diz seu nome. Sua postura é bem ereta, seus movimentos são desenvoltos e não sugerem que ele tenha dores nas costas.

Ela o segue até o estacionamento. Ele anda depressa e sem se virar para trás, Rosalie quase não consegue acompanhá-lo. Com uma expressão pensativa, ele para diante de um e de outro automóvel, a cabeça inclinada para o lado, os lábios em bico.

“O que a senhora acha deste aqui?”, ele pergunta diante de um Citroën prateado. “Está me parecendo adequado.”

Ele lança para Rosalie um olhar indagador. Quando ela assente, confusa, ele se abaixa e se põe a mexer na porta, que se abre depois de alguns segundos. Ele entra no carro e então se ocupa da ignição.

“O que o senhor está fazendo?”

“Minha senhora, não quer entrar?”

Hesitante, Rosalie senta-se no banco do passageiro. "Este carro é seu ou o senhor acaba de..."

"Obviamente, o carro é meu, minha senhora! Acaso pretende me ofender?"

"Mas, a ignição, o senhor..."

"Um novo modelo, supercomplicado. Recline-se. Não vai demorar muito, embora eu não possa utilizar toda a velocidade do veículo. Há neblina e não quero expô-la ao perigo." Ele ri de um modo estranho, que lembra os balidos de uma cabra. Um arrepio percorre a espinha de Rosalie.

"Quem é o senhor?", ela pergunta com voz rouca.

"Uma pessoa gentil, minha senhora. Alguém à procura, que gosta de ajudar, um viajante. Uma sombra e um irmão. Como todos deveriam ser com todos."

Agora eles estão na estrada. Ao seu lado, Rosalie vê o brilho intermitente dos anteparos da pista e a velocidade a comprime contra o assento de couro.

"O velho enigma", diz ele com um olhar de esguelha para ela. "De manhã quatro, ao meio-dia duas, à noite três. Que profundo, minha cara senhora." Ele liga o rádio. Cornetas alpinas trovejam, ao fundo alguém cantarola à tirolesa. Ele assobia junto e marca, totalmente fora do ritmo, o compasso no volante. "Um junco pensante, minha senhora, um *roseau pensant*, o que é o homem senão isso! Eu a levarei a seu destino, e em troca o que lhe peço, fique tranquila, é absolutamente nada."

Faça algo de uma vez, ela diz para mim. Estrague a sua história. Quem se interessa por ela, afinal? Existem tantas histórias, que importância tem uma só? Você pode me curar, pode até mesmo me tornar jovem novamente. Não lhe custaria nada!

Ela quase faz eu me entregar. Mas no momento estou ocupado com outras coisas; estou bastante preocupado, porque não faço

ideia de quem é o sujeito ao volante, quem o inventou e como ele entrou na minha história. Meu plano tinha a ver com um garotinho e uma bicicleta, um bando de motociclistas e um colombiano aposentado, fabricante de ataúdes. Também seria atribuído um papel simbólico importante a um cachorrinho. Vinte páginas de rascunho, muita coisa realmente boa, que agora pode ir para o lixo.

Logo eles saem da estrada, as casas do subúrbio de Zurique se enfileiram diante deles: jardinzinhos, anúncios de leite, mais jardinzinhos, escolares com mochilas pesadas demais. De repente, ele pisa no freio, salta, dá a volta no carro e abre a porta para Rosalie. “Minha senhora!”

Ela desce. “Já chegamos?”

“Mas é claro!” Ele faz uma mesura absurdamente profunda, seus braços pendem flácidos, as costas das mãos tocam o asfalto úmido. Assim permanece por alguns segundos, então se endireita. “Com determinação. Não importa o que tenha em mente, faça-o com determinação. Pense nisso.” Ele dá meia-volta e se afasta com passos largos.

“E o seu carro?!”, exclama Rosalie.

Mas ele já desapareceu na esquina, e o Citroën fica para trás, abandonado, com as luzes acesas e a porta aberta. Rosalie pisca, seus olhos focam a placa com o nome da rua e, com uma mistura de alívio, perplexidade e irritação, ela percebe que ele a deixou no lugar errado.

Ela levanta a mão e, por um bom tempo, fica em pé, na chuva, cada vez mais molhada, sentindo-se tão miserável que não há palavras para descrever. Finalmente um táxi para. Ela sobe, diz o endereço certo e fecha os olhos.

Deixe-me viver, ela tenta uma última vez. A sua história. Esqueça-a. Simplesmente deixe-me viver.

Você está se apegando à ilusão de que existe de fato, respondo. Mas você consiste em palavras, imagens vagas e algumas ideias simples, e tudo isso pertence a outra pessoa. Você acha que está sofrendo. Mas aí não há nenhum sofredor, não há ninguém!

Que ideias mais inteligentes. Enfie-as no rabo!

Por um momento, fiquei sem palavras. Não sei quem a ensinou a falar dessa maneira. Não combina com ela, é uma quebra de estilo, que prejudica a minha prosa. Por favor, mantenha a compostura!

Não quero. Tenho dores. Isso também vai lhe acontecer, e alguém também vai lhe dizer que você não existe.

Rosalie, essa é justamente a diferença. Eu existo.

Ah, é?

Eu tenho personalidade, sentimentos e uma alma, que talvez não seja imortal, mas é real. Por que está rindo?

O motorista vira-se para trás e então sacode os ombros, gente velha é mesmo esquisita. Os limpadores do para-brisa dão solavancos, água respinga das poças na rua, as pessoas espiam debaixo de seus guarda-chuvas. A última viagem, diz Rosalie baixinho e, justamente porque é verdade, a ideia lhe parece falsa e patética. Não importa como tenha sido a vida, no final há sempre o pavor. E agora só resta deixar escoar os minutos. Ela ainda tem cerca de vinte deles pela frente, cada um cheio de segundos; é bastante tempo, o relógio ainda baterá mil vezes, o fim ainda não é real.

“Chegamos!”, diz o motorista.

“Já?”

Ele assente. Ela se dá conta de que não trocou dinheiro, não tem francos suíços.

“Por favor, espere. Já volto.”

Ao descer do automóvel, ela não consegue conceber que seu último ato consista em enganar o taxista com o dinheiro da corrida. Mas a vida é mesmo um negócio sórdido e intrincado, e agora para Rosalie não há mais responsabilidades. Ali está o painel das campainhas, ali está, como se significasse outra coisa e não a morte, o nome da associação. Ela toca, e imediatamente a porta é destravada com um zumbido.

O elevador é velho, os cabos que sustentam a cabine gemem e, durante a subida, Rosalie toma consciência de que até agora não acreditava que realmente entraria naquele edifício. O elevador para, a porta desliza e, do nada, como se quisesse impedi-la de apertar o botão que a fará descer novamente, surge um homem magro com o cabelo dividido ao meio por uma risca.

“Bom dia. Meu nome é Freytag.”

E agora?

Sei que eu deveria narrar tudo. Os passos de Rosalie da antessala até o aposento aonde se vai para morrer. Eu deveria descrever a mesa, a cadeira, a cama, deveria descrever como os móveis estão desgastados, a estranha camada de pó sobre a estantezinha, como tudo parece usado e ao mesmo tempo inabitado, como se ali vivessem sombras e não pessoas. E naturalmente a câmara; eu deveria mencionar a câmara, ali instalada para documentar que os doentes desenganados ingerem o veneno por conta própria, que ninguém os obriga a fazer isso, a associação precisa se proteger juridicamente. Eu deveria narrar como Rosalie se senta e apoia a cabeça nas mãos, como um olhar pela janela lhe mostra pela última vez a amplidão nebulosa do céu, como seu medo cede à exaustão, como ela assina — aqui, por favor, depois aqui, e aqui também, minha senhora — todos os formulários e como finalmente o copo de veneno é posto diante dela. Eu deveria contar como ela o leva à boca, deveria me deter

um pouco na mistura de repulsa e desejo com a qual olha para o líquido aquoso, seu breve hesitar, pois se quiser ainda pode voltar atrás e, ainda que somente por mais alguns dias, escolher a vida com todas as dores e adversidades, apenas para depois finalmente decidir o contrário: ela foi longe demais, depois de chegar tão perto do limiar não se volta mais. E também deveria descrever as últimas de suas lembranças a emergirem: brincadeiras à beira de um lago tranquilo, os lábios úmidos de uma mulher maternal, seu pai atrás do jornal de domingo, a menina que sentava ao seu lado na escola e um garoto no qual desde então ela não pensara mais, bem como o pássaro na gaiola na casa de sua avó, que era capaz de falar algumas palavras com muita clareza. No fundo, nos setenta e dois anos que se seguiram, nada mais a fascinou tanto quanto aquele bicho falante.

Sim, poderia ter dado uma boa história, um pouco sentimental, é verdade, mas a melancolia equilibrada pelo humor, a brutalidade contida com um pouco de filosofia. Eu tinha pensado em tudo. E agora?

Agora ponho tudo a perder. Arranco a cortina, torno-me visível, apareço ao lado de Freytag na porta do elevador. Por um segundo, ele olha para mim estupefato, então empalidece e se dissipa feito pó. Rosalie, você está curada. E já que estou com a mão na massa, volte também a ser jovem. Comece tudo do princípio!

Antes que ela possa responder, desapareço novamente, e ela está no elevador que a leva para baixo rangendo, e não consegue entender que no espelho uma mulher de vinte anos olhe para ela. Os dentes um pouco tortos, os cabelos finos demais e o pescoço muito estreito, uma beldade ela nunca foi, mas isso também eu não posso lhe dar. Pensando bem — por que não? Agora isso já não tem mais importância.

Obrigada.

Ufa, eu digo, esgotado, já não era sem tempo.

Ela abre bruscamente a porta da casa e, com suas pernas que não doem, salta para a rua. A roupa fica estranha nela, uma mocinha vestida como uma velha. Como o motorista do táxi não a reconhece, ele não a detém, é surrupiado em seu pagamento e ainda ficará meia hora ali, olhará com preocupação crescente para o taxímetro ligado e finalmente tocará em todas as portas do edifício. Na associação, alguém lhe dirá que de fato estavam esperando uma velha senhora, mas ela não compareceu ao compromisso. Praguejando, ele seguirá então seu caminho e esta noite, ainda mais taciturno do que de costume, engolirá a comida miserável de sua mulher. Já faz tempo que ele pensa em matá-la, com veneno, com uma faca ou com as próprias mãos, mas hoje ele toma a decisão de fazer isso realmente. Mas essa já é outra história.

E Rosalie? Ela anda pela rua, com passos largos, meio inconsciente de alegria e, por um momento, tenho a sensação de ter agido corretamente, de que a misericórdia é o valor mais sublime e uma história a mais ou a menos não tem a menor importância. E, ao mesmo tempo, não posso negar, sobrevém-me a absurda esperança de que um dia alguém fará o mesmo por mim. Sim, pois, tal como Rosalie, também posso imaginar que eu não seja nada sem a atenção de outra pessoa, sim, que minha existência apenas semiverdadeira termine quando esse outro deixe de olhar para mim — como agora mesmo, quando deixo definitivamente essa história, a existência de Rosalie se apaga. De uma hora para outra. Sem agonia, sem dor ou transição. Resta apenas uma garota com roupas estranhas, desnorteada em seu espanto, agora não mais do que uma ondulação no ar, um som que vibra mais alguns segundos, uma lembrança que empalidece em minha memória e na sua, leitor, enquanto lê esta frase.

O que resta, se é que resta alguma coisa, é uma rua sob a chuva. A água perolando as capas de chuva de duas crianças, um cão erguendo a pata ali adiante, um limpador de canais bocejando e três automóveis virando a esquina com suas placas desconhecidas, como se viessem de muito longe: de uma outra realidade ou pelo menos de uma outra história.

A saída

No princípio do verão de seu trigésimo nono ano de vida, o ator Ralf Tanner começou a se sentir irreal.

De um dia para o outro, seu telefone parou de tocar. Amigos de longa data desapareceram da sua vida, projetos profissionais foram por água abaixo sem qualquer razão, uma mulher que ele amava, na medida do possível, acusou-o de ter debochado cruelmente dela ao telefone, e uma outra, Carla, apareceu no lobby de um hotel para fazê-lo viver a pior cena de sua vida: três vezes, ela gritara, três vezes ele a deixara plantada esperando! As pessoas haviam parado e assistido a tudo com sorrisos maliciosos, algumas filmaram com seus telefones celulares, e, já no momento em que Carla o esbofeteara com toda a força, ele soube que aqueles segundos iriam parar na internet e ofuscar a fama de seus melhores filmes. Pouco depois, por causa de uma alergia, ele precisou dar seu cão pastor, e, aborrecido, recolheu-se e pintou quadros que não teve coragem de mostrar a ninguém. Ele comprou livros de fotografias que retratavam os padrões das asas de borboletas da Ásia Central e leu manuais que ensinavam a desmontar e remontar relógios com técnicas profissionais, sem que ele próprio se dispusesse a pô-las em prática uma só vez.

Ele passou a procurar o próprio nome no Google várias vezes por dia, corrigiu o artigo repleto de erros sobre si mesmo na Wikipédia, conferiu as listas de suas atuações em todos os bancos de dados que encontrou, leu, traduzindo a duras penas, as opiniões dos participantes de fóruns de discussão em espanhol, italiano e holandês. Neles pessoas desconhecidas discutiam se o ator realmente havia cortado relações com o irmão anos antes e ele, que jamais conseguira suportar o irmão, lia as opiniões como se houvesse a chance de encontrar no meio delas a explicação para o que estava acontecendo com sua vida.

No YouTube ele encontrou o vídeo com a apresentação de um imitador de Ralf Tanner bastante bom: um homem parecidíssimo com ele, com voz e gestos praticamente iguais aos seus. Ao lado, à direita, o sistema sugeria outros vídeos relacionados ao seu nome: trechos de seus filmes, duas entrevistas e, como não poderia deixar de ser, a cena com Carla no lobby do hotel.

Naquela noite, ele saiu com uma mulher que vinha tentando conquistar havia algum tempo. Quando estava sentado diante dela, de repente, não conseguiu mais fingir que estava interessado em sua conversa. A curiosidade das pessoas nas outras mesas, os cochichos e olhares em sua direção, tudo isso o incomodava mais do que antes. Quando eles se levantaram para deixar o local, um homem se aproximou e, com a costumeira mistura de timidez e obstinação, pediu-lhe um autógrafo.

“Sou apenas parecido com ele”, disse Ralf.

O homem olhou para ele desconfiado.

“Faço isso profissionalmente. Eu me apresento. Sou um imitador!”

O homem deixou-o passar. Alguns minutos mais tarde no táxi, a mulher ainda ria de tão espirituosa que achou sua resposta.

Nessa noite, enquanto observava no espelho cinzento ao lado da cama como seus dois vultos nus se fundiam num só, ele desejou com todas as forças estar do outro lado da lisa superfície e, na manhã seguinte, quando a ouviu respirar calmamente a seu lado, pareceu-lhe que um estranho havia se perdido naquele quarto; e esse estranho não era ela.

Já havia algum tempo, ele suspeitava que ser fotografado desgastava seu rosto. Seria possível que, a cada vez que fosse filmado, surgisse um outro, uma cópia imperfeita que ia expulsando o original e ocupando o seu lugar? Ele tinha a sensação de que, após anos de celebridade, restara apenas uma parte de si mesmo e que somente precisaria morrer para estar única e exclusivamente no lugar ao qual de fato pertencia: nos filmes e nas incontáveis fotografias. E aquele corpo que ainda respirava, sentia fome e, por algum motivo, ainda perambulava por aí, finalmente não iria mais atrapalhar — um corpo que, de qualquer forma, não era muito parecido com o do astro do cinema. Era preciso muito trabalho e maquiagem, muito esforço e malhação para que ele realmente se parecesse com o Ralf Tanner da tela grande.

Ele telefonou para Malzacher, seu agente, cancelou a viagem para o festival de cinema de Valparaíso e se pôs a caminho de uma discoteca no subúrbio chamada Looppool, na qual, conforme vira na internet, se apresentariam naquele dia dublês de atores famosos. Ele deixou o chofer esperando do lado de fora e entrou. Havia anos que não se sentia tão tímido. Alguém já ia lhe cobrar o ingresso, mas o deixou passar quando viu o rosto de Ralf Tanner.

Estava quente e abafado, luzes ofuscantes piscavam. Mais adiante, no balcão, havia alguém que parecia Tom Cruise, do outro lado do salão, Arnold Schwarzenegger abria caminho e, naturalmente, também havia ali uma Lady Diana com roupas baratas. As pessoas viravam-se para vê-lo, mas apenas breve e

casualmente, sem interesse especial. Então Diana subiu no tablado e cantou "Happy birthday Mr. President"; evidentemente alguém tinha trocado as bolas ali, mas o público ovacionava entusiasmado. Uma mulher sorriu para ele. Ele devolveu o olhar. Ela se aproximou. Seu coração palpitava, ele não sabia o que dizer. E logo ela estava ao seu lado, e os dois foram para a pista, e o corpo dela se comprimia contra o dele.

Pouco depois, era ele próprio quem estava em cima do tablado. As pessoas assistiam atentas, e ele interpretou seu famoso diálogo com Anthony Hopkins em *Sou o homem da lua*. Imitou Anthony muito bem, mas, em suas próprias falas, Ralf estava inseguro. O público aplaudiu e aclamou, ele pulou de volta para o salão, e a mulher com a qual dançara disse em seu ouvido que se chamava Nora.

O dono da discoteca deu umas batidinhas em seu ombro e pôs cinquenta euros em sua mão. "Não estava ruim, mas também nada de excepcional. Tanner fala de um jeito diferente, e faz mais ou menos assim com as mãos." Ele mostrou. "Você é bem parecido, mas ainda não conseguiu a postura dele. Veja mais os seus filmes! Volte a semana que vem."

Quando ele e a mulher pisaram na rua, Ralf teve um sobressalto. Ele se deu conta de que não podia levá-la consigo. Assim que visse a casa e os empregados, ela saberia que ele não era quem afirmava ser — ou melhor, que ele era exatamente essa pessoa. Ele fingiu não ver o chofer à sua espera, acenou para um táxi e inventou alguma coisa sobre um irmão que o estava visitando; e ela, com um olhar que demonstrava não acreditar numa palavra do que ele afirmara e o tomava por um homem casado, disse que a casa dela estava uma bagunça.

No pequeno porém bem-arrumado apartamento de Nora, Ralf Tanner passou a melhor noite de sua vida. Não era ele, mas um

outro quem envolvia o corpo dela e o fazia balançar com uma força como nunca antes possuía. De madrugada, ela acariciou sua nuca e disse que ele era maravilhoso. Várias mulheres já lhe haviam dito isso, mas ele sabia que nenhuma delas falara sério.

No dia seguinte, ele alugou, sob o nome de Matthias Wagner, um quarto mobiliado num edifício bem arejado, não muito longe do apartamento dela. O locatário olhou perplexo para ele, porém Ralf explicou-lhe que fazia bicos como imitador, e isso foi o bastante. Ele passou a semana inteira ali, ou na casa de Nora, ou perambulando pelas ruas e desfrutando do fato de que ninguém mais se virava ao vê-lo passar, pois já havia se espalhado pelas redondezas quem ele era e o que fazia.

Na apresentação seguinte no Looppool, porém, ele não foi muito bem. Quando estava em cima do tablado e dizia seu texto, de repente ele se sentiu perdido. Algo deu errado, ele estava tenso, sua voz soou forçada e, quando tentou se lembrar do que fizera com as mãos naquela cena, não sabia mais como havia sido, o que pensara e sentira, apenas lhe vinha à mente sua própria imagem na tela. Ele sentiu como a atenção dos espectadores lhe escapava e somente seu instinto de ator obrigou-o a levar a apresentação até o fim.

Então ele viu que havia ali um outro intérprete de Ralf Tanner. Pelo YouTube, Ralf sabia que ele havia atingido uma perfeição assombrosa, mas em pessoa a semelhança era ainda mais impressionante. Seu aperto de mão era firme, e ele tinha o olhar penetrante que Ralf conhecia em si mesmo apenas da tela. Ele era alto e de ombros largos e transmitia uma impressão de força, firmeza e coragem.

“Faz pouco tempo que você faz isso”, ele disse.

Ralf sacudiu os ombros.

“Estou nessa desde o seu segundo filme. No começo, fazia só como um bico, eu ainda trabalhava nos achados e perdidos. Então a coisa deu certo, e eu pedi demissão.” O homem olhou para ele com os olhos apertados. “Você está querendo fazer disso sua profissão principal? É preciso treinar muito. É muito difícil. Para poder representar uma pessoa, é preciso viver com ela. Muitas vezes, estou andando na rua e não percebo que estou agindo como Ralf Tanner. Eu *vivo* como ele. Eu penso como ele, às vezes eu passo o dia inteiro no papel. Eu *sou* Ralf Tanner. Isso leva anos.”

Dessa vez, o dono do Loopool quis lhe dar apenas trinta euros. Realmente não havia sido nada de extraordinário e, quanto à semelhança, também deixara muito a desejar.

Por um momento, a revolta se acendeu dentro dele. Ele olhou para o rosto do homem, que pareceu sentir o olhar que já conhecia de dezenas de filmes e então recuou, olhou para a ponta de seus sapatos e murmurou algo incompreensível. Sua mão foi para dentro do bolso. Ralf percebeu que ele iria tirar mais uma nota, mas então sentiu como sua força cedia e a cólera se dissipava. Na verdade, ele ainda era um principiante, disse Ralf.

“Tudo bem.” O homem lançou-lhe um olhar desconfiado. A mão saiu vazia do bolso.

“Vou me esforçar”, disse Ralf.

Alguma coisa naquilo lhe agradava. Não era a prova de que ele estava livre finalmente?

Não, ele pensou no bonde a caminho da residência de Matthias Wagner. Naturalmente, aquilo não era a prova de coisa alguma, somente mostrava que a auto-observação transtornava a personalidade, desvirtuava a vontade e debilitava a força do espírito, apenas provava que nenhuma pessoa, vista de fora e com clareza, era semelhante a si mesma. No ponto seguinte, ele desceu, acenou para um táxi e dirigiu-se para sua casa.

Ali, ele pediu a seu camareiro Ludwig que lhe preparasse um banho de espuma, enquanto ele pretendia ouvir as mensagens deixadas em seu telefone celular. Mas não havia mensagens. Ninguém parecia ter sentido a sua falta. Como se um outro tivesse cuidado de seus assuntos durante a sua ausência.

O dia seguinte ele passou inquieto e dispersivo. Seu melhor amigo, um ator de teatro fracassado de nome Mogroll, tomara inesperadamente uma superdose de comprimidos. Intenção ou equívoco, ninguém sabia; ele não telefonara antes, não falara com Ralf, não deixara nenhuma palavra de despedida. Ralf não compreendia.

Como todas as quartas-feiras, seu personal trainer mandou-o fazer flexões de braço e disse que seus músculos abdominais precisavam de mais exercício: no próximo filme, haveria cenas sem camisa, e era preciso cuidado para não cair no ridículo quando não se era mais tão jovem.

Ele verificou se havia novidades sobre Ralf Tanner nos fóruns de cinema, mas quando leu num post que ele só tinha titica na cabeça e era mais feio do que um urubu, Ralf resolveu dar um tempo. Quem escrevia uma coisa dessas, e por quê? Ele telefonou para o agente, e depois para o diretor Brankner, que era de uma subserviência constrangedora. Ele sabia que Brankner não tinha uma boa opinião a seu respeito, porém precisava de Ralf de qualquer maneira, pois sem o seu "sim" o filme não teria financiamento. No meio da conversa, Ralf desligou. Depois, folheou por um tempo o livro *Paz, preencha-nos profundamente*, de Miguel Auristos Blancos, e somente então, quando começou a andar para cima e para baixo, notou as flores nos vasos altos de cristal que de repente estavam distribuídos por toda a casa. Ele não gostava de flores e não sabia como aqueles vasos tinham ido parar ali. Fora Ludwig que os comprara sem a sua autorização? Pouco a pouco, o

empregado estava ficando velho e excêntrico. Ralf ficou um tempo diante do espelho na parede observando como, a cada segundo, os traços de seu rosto lhe pareciam mais estranhos. Então ele deixou a mansão.

Ralf respirou aliviado quando chegou à rua de Matthias Wagner. Ali estava o supermercado; ao lado, a banca de jornais. As escadas cheiravam a comida. Uma mulher gorda cumprimentou-o, indolente. Seu quarto o recebeu como um lar perdido.

Ele assistiu à televisão e bebeu cerveja na lata. Um locutor dizia algo sobre guerra, o Oriente Próximo, a visita de um ministro, a previsão do tempo. Uma dona de casa erguia uma toalha colorida, e então por alguma razão um elefante corria por um prado, a seguir aparecia Ralf Tanner dirigindo um automóvel em meio ao trânsito de uma grande cidade, enquanto falava com uma mulher loira que estava ao seu lado: "O tempo está acabando, e todas essas pessoas virarão pó".

"Mas talvez", dizia a mulher, "possamos impedir."

Numa sequência muito rápida, via-se uma série de explosões: um automóvel saltava pelos ares, uma plataforma de petróleo — as chamas espalhavam-se de forma pitoresca sobre o mar —, um arranha-céu, tão fortemente atingido, que o céu estava coberto por cacos de vidro rodopiantes. E novamente o rosto de Ralf Tanner e, embaixo, sobre um fundo negro, o letreiro: COM FOGO E ESPADA. *Nos melhores cinemas.*

Que idiotice, pensou Ralf. Que constrangedor.

Só então lhe ocorreu que ele não se lembrava das filmagens. E de que nunca tinha ouvido falar daquele filme.

Ralf zapeou pelos canais ainda por um tempo, mas o trailer não foi mais exibido. Ele desceu para a rua e entrou no cibercafé que havia defronte. O dono já o conhecia e, sorridente, indicou-lhe um computador.

Com fogo e espada estava nas listas do site imdb.com. O filme, que na semana anterior recebera críticas bastante negativas nos jornais, já contava até mesmo com um verbete na Wikipédia. No fórum *Movietalk* alguém elogiava a intensidade da interpretação de Tanner. Mas por que ele teria aceitado fazer um filme desses? Talvez, respondia um, ele precisasse de dinheiro, o que não era de se admirar com a transformação que sua vida havia sofrido. Outro relatava que Tanner atualmente se encontrava em Los Angeles, um terceiro desmentia: Ralf Tanner estava na China em turnê promocional. Ele até mesmo inserira um link e, quando Ralf clicou, entrou na página da internet de um jornal chinês. Uma grande foto o mostrava com um sorriso largo no rosto, estendendo a mão para dois oficiais. Ele não conhecia aquelas pessoas, nunca estivera na China. Ele pagou a conta e saiu com passos trôpegos sob o ofuscante sol da manhã.

Com fogo e espada? Claro, disse Nora, ela já vira. E gostara. Não importava o que diziam os críticos. Ela venerava Ralf Tanner desde os treze anos de idade. Já vira todos os filmes dele.

“Então é por isso? Por que eu me pareço com ele?”

“Ah, você nem é tão parecido assim. Por que não tenta imitar outra pessoa? Você é bom, mas... ele não é o cara certo.”

O olhar de Ralf deslizou para o espelho da parede. Ali estava ela, e ali estava ele, e de repente lhe pareceu difícil definir de que lado estavam os originais e de que lado estavam os reflexos. Ele acariciou a cabeça dela, murmurou alguma coisa para esconder sua perplexidade e desceu a escada em direção ao ponto do bonde.

No bonde, ninguém lhe deu atenção. Involuntariamente, ele tentou ver seu reflexo no vidro da janela, mas não conseguiu, tampouco nas vitrines, parecia não haver em lugar algum uma superfície que o refletisse. Na beira da calçada, ele viu dois cartazes de *Com fogo e espada*. Somente quando chegou ofegante ao portão

da mansão, Ralf notou que seus bolsos estavam vazios. Em sua agitação, devia ter perdido as chaves. Ele tocou a campainha.

“Sou eu”, ele disse ao microfone. “Voltei mais cedo.”

“Quem?”

Ele engoliu a saliva. Então, consciente de que, em todos os sentidos, a resposta era inválida, ele repetiu: “Eu”.

O alto-falante foi desligado. Meio minuto depois, a porta da casa se abriu: Ludwig apareceu e atravessou o gramado com passos arrastados. Ele se apoiou na grade, seu rosto enrugado olhou através das barras.

“Sou eu”, disse Ralf pela terceira vez.

“E quem é você?”

Ele precisou de um momento para perceber que Ludwig não queria debater abstratamente nenhuma questão filosófica, mas simplesmente não o havia reconhecido.

“Eu sou Ralf Tanner!”

“O patrão ficará surpreso.”

“Voltei mais cedo.”

“O patrão já está em casa”, disse Ludwig. “O senhor, por favor, queira se retirar.”

“Esta é a minha casa!”

“Vamos chamar a polícia.”

“Posso falar com... o homem que afirma ser Ralf Tanner?”

“É o senhor mesmo.”

“Como?”

“O homem que afirma ser Ralf Tanner é o senhor.”

“Posso falar com... Ralf Tanner?”

Ludwig olhou para ele com um sorriso apertado. “Ralf Tanner é um ator muito famoso. Centenas de pessoas querem alguma coisa com ele. Seu telefone não para de tocar. O senhor acha que ele vai

interromper o trabalho para vir aqui bater papo porque acha divertido que o senhor se pareça com ele?”

“Mas, Ludwig, você deve estar me reconhecendo!”

“O senhor sabe meu nome. Parabéns. Mas quando me contratou?”

Ralf esfregou a testa. Que pergunta era aquela? Ele estava perturbado demais para se lembrar. A sensação que tinha era de que Ludwig sempre estivera consigo, como se o rosto ossudo, permanentemente desapontado do criado o tivesse acompanhado durante toda sua vida.

“Posso falar com outra pessoa? Você pode pôr Malzacher no telefone para mim?”

“Meu amigo, um conselho, cá entre nós. Naturalmente, nós podemos fazer isso. O senhor pode fazer um escândalo e chamar a casa inteira. Talvez até mesmo consiga que Ralf Tanner saia. Mas o que o senhor ganharia com isso? Ridicularização, zombaria, um contato muito desagradável com a polícia e, se insistir, uma queixa judicial. O senhor está lidando com uma celebridade, aqui não há tolerância. Ralf Tanner precisa se proteger. Sei que ele tem um grande papel na sua vida, o senhor conhece todos os seus filmes, o senhor o acompanha, e ele acompanha o senhor, não há público melhor, mas agora o senhor atingiu um limite que não se deve ultrapassar. Vá para casa. Já estou velho, já vi muita coisa, e não quero que as pessoas tornem infelizes a si mesmas. O senhor me parece um bom sujeito. Vamos, recomponha-se!”

Ele sentiu uma tontura. Abriu e fechou a boca. Inspirou e expirou, piscou os olhos, ofuscado pelo sol.

“O senhor está passando mal?”, perguntou Ludwig. “Quer um copo d’água?”

Ele recusou com a cabeça, virou-se e saiu andando devagar. Ao seu redor, mansões, sebes, grades altas cercando os jardins. O sol

estava baixo. Havia um cheiro de grama aparada. Ele parou e se sentou no chão.

O que havia acontecido? Um impostor tomara o seu lugar? Talvez fosse o imitador que encontrara no Looppool; talvez ele tivesse percebido o que se passava e então aproveitado o momento para impeli-lo, agora definitivamente, para o papel de um homem chamado Matthias Wagner, espectador, imitador e fã. Um homem que mergulhara tanto na existência de um modelo com aparência semelhante à sua, que confundira sua existência com a dele. Esse tipo de coisa acontece. De vez em quando, saía uma notícia assim nos jornais. Pensativo, ele tirou do bolso sua carteira de identidade, leu, como se pela primeira vez, o nome impresso e guardou-a novamente.

Ele ergueu os olhos. Do outro lado da rua, o portão se abriu. Ludwig e Malzacher saíram, e entre os dois, alto e robusto, vinha Ralf Tanner.

Ele não conseguiu se lembrar de alguma vez ter tido tão boa aparência. Fosse lá quem fosse que o expulsara de sua vida, o fazia com perfeição, era o homem certo para isso e, se existia alguém que merecia a existência de Tanner, era aquele homem. Que imponência, que carisma. Um automóvel parou, Ralf Tanner abriu a porta, fez um sinal para o motorista e desapareceu no banco de trás. Malzacher entrou depois dele, Ludwig fechou a portão.

Quando o automóvel passou a seu lado, Matthias Wagner levantou-se de um salto e inclinou-se para ver, mas os vidros eram escurecidos e ele viu apenas seu próprio reflexo. O automóvel passou, virou na esquina e logo estava fora de sua visão.

Ele pôs as mãos nos bolsos e começou a andar lentamente pela rua. Tudo aquilo, portanto, significava que ele havia encontrado a saída. Ele estava livre.

Num ponto de ônibus, ele parou, mas então mudou de ideia e continuou a andar, agora não estava com vontade de entrar num transporte público, era sempre estranho para quem era parecido com um astro do cinema. As pessoas paravam para olhar, as crianças faziam perguntas tolas, e sempre tinha alguém fotografando com o telefone. Muitas vezes era divertido, era verdade. Às vezes, dava a sensação de ser uma outra pessoa.

Oriente

Como ela poderia saber que iria fazer calor ali? Em sua fantasia, ela vira imagens de estepes cobertas de branco, fustigadas por um vento gélido, a neve rodopiando, nômades diante de suas tendas, iaques e fogueiras noturnas sob um magnífico céu estrelado. Na realidade, porém, o lugar cheirava a canteiro de obras, os automóveis buzonavam e o sol ardia. Uma mosca zunia ao redor de sua cabeça. Não havia caixa automático em lugar algum. No dia anterior, em seu banco, a caixa rira: eles não trabalhavam com aquela moeda, ela deveria tentar trocar no país.

Agora estava ela ali, envolvida pelo odor de gasolina, depois de um voo interminável pela noite. Ao seu lado, sentara-se um homem gigantesco, que roncara o tempo inteiro. Cada vez que a mão dele caía em seu colo, ela se perguntava por que diabos aceitara a substituição e se dispusera a fazer aquela viagem. Mas ela tinha curiosidade de conhecer uma região distante do planeta e, sem muito refletir, decidira-se favoravelmente.

Pouco depois, chegara uma passagem de avião pelo correio. A carta que a acompanhava, em mau inglês, trazia um selo dourado, que representava um pássaro voando ou um pôr do sol ou, ainda, um homem com um chapéu. Então ela teve que ir até a embaixada

— três salas alugadas num edifício no subúrbio da cidade —, onde um homem uniformizado carimbou o visto em seu passaporte sem dizer palavra.

Seus cabelos já estavam grudentos de suor. Ela examinou seu reflexo na suja parede de vidro do terminal: uma mulher baixinha e gorducha, de quarenta e poucos anos, que parecia exausta. Ela sempre fora curiosa, mas não sabia lidar muito bem com adversidades. O que mais gostava era de ficar em casa, sentada em seu fresco escritório, o jardim diante da janela e uma xícara de chá ao lado. Assim lhe vinham as ideias, assim ela podia se concentrar, assim conseguia inventar os intrincados casos de mistério que seu melancólico detetive, o comissário Regler, precisava desvendar. Seus romances policiais vendiam bem, ela recebia muitas cartas de leitores. Ela amava o marido e o marido a amava. Sua vida estava em ordem. Ela tinha mesmo que se aventurar numa viagem daquelas?

Uma mão pousou em seu ombro, ela se virou assustada. Ao seu lado, havia um homem vestido com um terno cheio de manchas. Na placa de papelão que trazia na mão, em letras tortas, estava escrito o nome dela.

“Sim, sou eu.”

Ele fez um gesto indicando-lhe que o seguisse. Ela quis lhe dar sua sacola de viagem, mas ele já havia se virado, e ela teve que correr atrás dele. Eles atravessaram a rua, as pessoas gritavam, os automóveis buzonavam e, quando chegaram do outro lado, a saia dela estava salpicada de lama. O automóvel estava estacionado em diagonal, ocupando duas vagas, tinha o capô amassado e estava repleto de caixas de papelão. O porta-malas estava cheio delas e o banco de trás também, havia até uma mala na frente do banco do passageiro, de forma que ela teve de erguer os pés e segurar no colo sua sacola de viagem. Ela se perguntou o que aquele homem

estaria transportando. Quando quis atar o cinto de segurança, ele sacudiu a cabeça e protestou com energia, aparentemente vendo nisso uma ofensa às suas habilidades ao volante. Ela deixou para lá.

Durante todo o trajeto, ele não parou de resmungar consigo mesmo. Em certo momento, freou bruscamente, abriu a janela e cuspiu na rua. "You business", ele disse então. "Kill why?"

Ela sorriu para mostrar que não entendia.

"Everything", disse o homem. "Foam. Lorry?"

Ela ergueu os ombros.

"Hobble", disse o homem, "Hobble grease. Why?"

Ela sorriu constrangida.

"Why?" O homem bateu na janela. "Grease, the hobble why!"

Ela ergueu as mãos e sacudiu a cabeça, mas isso apenas o deixou ainda mais furioso. Ele apontava para lá e para cá, batia no painel, gritava e parecia não dar atenção ao trânsito. Finalmente, ele parou na frente de um edifício alto. Um guarda de uniforme estava encostado numa porta de vidro, acima dele uma bandeira tremulava ao vento. O hotel. Eles desceram do carro.

Guindastes projetavam-se num céu leitoso. No chão, havia latas vazias, pedaços de arame torcido e cacos de vidro. O porteiro escancarou a porta, ela entrou.

O saguão era de mármore, no meio havia uma fonte de onde jorrava apenas um fio de água. A mulher na recepção não falava inglês. O motorista levou algum tempo a persuadindo, até que, sem dizer nada, ela lhe entregou uma chave.

Pelo menos o quarto parecia habitável. A cama era macia e limpa, a torneira funcionava. Lá fora via-se uma dezena de arranha-céus e chaminés de fábricas. Justamente quando ela ia desfazer sua sacola, o telefone tocou.

"Descer", disse uma voz feminina num mau inglês. "Agora!"

Ela quis fazer uma pergunta, mas a mulher já havia desligado. Depressa, ela trocou a blusa suada; então, imbuída do senso de dever, pegou o seu bloco de notas e desceu pelo elevador que rangia.

No saguão diversos homens e mulheres estavam sentados em cadeiras dobráveis, dispostas em semicírculo. No meio, em pé, estava uma mulher de uniforme.

“Sou a última?”

A mulher perguntou quem ela era.

“Maria Rubinstein. Sou Maria Rubinstein!”

A mulher examinou demoradamente uma folha de papel, então sacudiu a cabeça.

“Estou substituindo Leo Richter. Vim com a passagem dele. Estou em seu lugar.”

Leo Richter, disse a mulher. Leo Richter estava na lista!

“Ele não virá. Estou aqui em seu lugar.”

A mulher fez um gesto de repulsa, que aparentemente pretendia expressar que ninguém conseguia entender o que se passava na cabeça dos estrangeiros. Ela apontou para uma cadeira vazia. Maria sentou-se, a mulher fez um breve discurso. Aquela eminente delegação dos melhores jornalistas de viagens do mundo havia sido convidada pelo governo da pátria para relatar sua beleza a todas as nações. Nada lhes faltaria, todos os seus desejos seriam satisfeitos. Haveria até mesmo um encontro com o vice-presidente, as festividades não teriam fim. Mas antes, o coquetel de boas-vindas!

Ela os conduziu até o salão contíguo. Sobre uma mesa comprida, havia travessas com batatas frias, entremeadas de pratos com carnes gordurosas e maionese.

Como Maria rapidamente descobriu, ninguém ali era jornalista de viagens. Havia dois redatores de cultura e três estagiários que

havam sido enviados porque ninguém mais em suas redações quisera vir. Havia também um redator de ciência do *La Repubblica* e um senhor muito amável que escrevia sobre pássaros selvagens no *Observer*. Uma senhora idosa que, antes de se aposentar, havia trabalhado para a emissora de rádio *Deutschlandfunk* e uma colega sua que também viera somente porque no momento estava com pedreiros em casa. Logo depois do jantar, Maria foi para a cama.

Seu sono foi agitado. Diversas vezes ela foi acordada pelo barulho de máquinas distantes. Quando se levantou com uma forte dor de cabeça, Maria reparou que esquecera o carregador de seu telefone celular. Aflita, ela enviou uma mensagem de texto para seu marido. *Estou com saudades*. Não houve resposta. Ela se sentiu muito longe de tudo.

No lobby, ela pediu um carregador. A recepcionista olhou fixamente para ela em silêncio sem compreender. Pouco a pouco, os colegas apareceram. Quase todos estavam pálidos e haviam dormido mal.

“Aquela maionese”, disse o homem do *Observer*. “Obra do capeta.”

Um ônibus conduziu-os durante duas horas por ruas esburacadas. Quando Maria despertou do torpor sonolento, eles estavam diante das instalações de uma fábrica. Os operários haviam formado filas e cantavam. A guia mostrou-lhes uma linha de montagem vazia. Não era possível perceber o que era fabricado ali. Uma mulher ofereceu-lhes um assado de porco com a pele; depois de certa hesitação, cada um pegou um pedaço. O coro cantou mais uma vez, então eles foram levados de volta. Quando chegaram ao hotel, já havia escurecido.

Assim se passou dia após dia. Eles foram levados a uma piscina na penumbra de um pavilhão de concreto. A água parecia fria e cheirava a produtos químicos. O homem do *La Repubblica*

perguntou se podia dar umas braçadas, a guia disse que era totalmente impossível. Foram levados a uma estação de tratamento de esgotos, foram levados a uma torre de perfuração de petróleo numa pantanosa terra de ninguém, foram levados a uma panificadora industrial, foram levados a um lugar onde oitenta anos antes ainda existia um acampamento de tendas dos nômades. Antigamente, aquele povo assolava tudo, disse a guia, com sabre, clava e chicote; saíam a cavalo violando mulheres e incendiando campos, porém um breve julgamento fora realizado e todos, até o último homem, haviam sido aniquilados. Foram levados à sede do Parlamento, onde algumas centenas de deputados, todos do mesmo partido, cantaram para eles o hino nacional, as mãos no peito, os olhos erguidos para o retrato do presidente.

Eles foram levados a uma usina elétrica que, por algum motivo, não fornecia eletricidade, foram levados a uma escola primária, em cuja porta os alunos os esperavam com seus uniformes e durante duas horas — o sol ardia e as moscas eram agressivas — cantaram antigas canções folclóricas. A editora aposentada da *Deutschlandfunk* desmaiou e teve que ser carregada até o ônibus. A cantoria ainda se estendeu por mais uma hora, antes que uma delegação de alunas lhes oferecesse um porco assado com maionese que elas mesmas haviam preparado. Foram levados à universidade, onde um professor com uma barba desgrenhada proferiu uma palestra, num inglês quase incompreensível, sobre as brilhantes chances e perspectivas do país no futuro. Pelo que Maria conseguiu entender, ele falou sobre aço e petróleo e sobre o presidente, e ali cheirava a amoníaco, e pela janela aberta entrava o ar dos canteiros de obras. Quando ele terminou, foi servido porco assado.

Eles foram levados para a estepe. O ônibus parou, eles desceram. Não havia nada ali.

A relva movia-se suavemente. O céu estava limpo, duas nuvenzinhas desfiadas pairavam no alto. Não havia mau cheiro, não havia cheiro de coisa alguma, o ar era puro. Soprou uma leve aragem. A planície estendia-se até o horizonte, nada impedia a visão. Um bando de pássaros deslizou lentamente diante deles. Uma libélula levantou voo, desenhou um círculo zunindo, mergulhou de novo na relva.

Quando prosseguiram, Maria teve a sensação de que ainda estavam parados; para onde quer que olhasse, nada se alterava, em parte alguma. Ela fechou os olhos. Agora já dormia melhor no ônibus do que no hotel barulhento.

Nessa noite, ela ligou o celular e telefonou para casa. Na sexta tentativa, ele funcionou e, quando menos esperava, ela ouviu a voz de seu marido.

"Ai, ai, ai", ela disse. "Se você soubesse..."

"A comida?"

"Ixe."

"As pessoas?"

"Pois é..."

Por alguns segundos, os dois ficaram calados. Ela sabia que ele estava entendendo.

"As flores?", ela perguntou finalmente.

"Estou regando todos os dias."

"O lixo?"

"Já está lá fora. Está muito frio?"

"Está calor. E os mosquitos são terríveis!"

"Oh."

Eles se calaram novamente, então ela se lembrou de que deveria poupar a bateria. A ideia de que o telefone poderia deixar de funcionar definitivamente a apavorava.

"Logo estarei de volta", ela disse.

“Você tem algo contra os mosquitos?”

“Como?”

“Repelente!”

“Aqui não tem.”

“Então você poderia...”

Ela nunca soube que conselho ele queria dar. A ligação caiu, e ela ouviu o sinal de ocupado. A bateria estava quase no fim. Com um suspiro, ela desligou o aparelho.

O dia seguinte era o último. Eles foram levados a uma cidadezinha de província, muito longe na estepe, de onde seriam trasladados para um aeroporto militar. Um avião governamental os transportaria até a China, de lá havia voos de linha de volta para casa.

Eles lhes mostraram uma construção. Maria não sabia o que estava surgindo ali, mas devia ser algo importante, pois cada um teve que pegar um punhado de terra malcheirosa e jogar num monte. Estavam todos visivelmente exaustos. Alguns haviam perdido peso, muitos tinham o rosto pálido, um dos estagiários estava infestado por uma forma rara de acne, o homem do *La Repubblica* mancava, a velha senhora da *Deutschlandfunk* ficou sentada no ônibus, a cabeça apoiada nas mãos. Pouco depois, eles foram levados para outra obra, onde aconteceu o mesmo, depois para uma caserna militar, diante da qual a companhia entrou em formatura ao toque da corneta. Foi tocado o hino nacional. Foi servido porco assado com maionese. Depois, já estava anoitecendo, eles foram levados para o hotel.

Um homem baixinho distribuiu as chaves. Maria era a última e, quando chegou sua vez, não havia mais nenhuma. Alguém errara a conta. O hotel estava cheio.

A guia ralhou com a recepcionista, que pegou o telefone, gritou, desligou, discou um outro número, gritou, desligou e virou-

se para ela com um olhar obstinado.

“Então dividirei o quarto com alguém”, disse Maria.

“Sem problemas”, disse a mulher da *Deutschlandfunk*. “Você pode ficar comigo. Afinal, somos adultas.”

Impossível, disse a guia, tal coisa não existia. Naquele país havia muitos hotéis, e todos eram excelentes!

E assim Maria partiu sozinha no ônibus. Durante meia hora, ela foi conduzida por ruas escuras, até que o motorista parou diante de um edifício alto. Crianças perambulavam pela calçada. Uma velha vendia abóboras.

O hotel, disse a guia, não estava aberto no momento, mas para Maria seria feita uma exceção, ela teria um quarto. Na manhã seguinte, ela deveria estar na rua pontualmente às sete e vinte e cinco, pois o ônibus viria para buscá-la e levá-la ao aeroporto.

“Tem certeza?”

A guia lançou-lhe um olhar inexpressivo.

O elevador estava quebrado, um homem barbudo conduziu-a pelas escadas até o sétimo andar. Por que tão alto se de qualquer forma o prédio estava vazio? Finalmente, sem fôlego e empapada de suor, ela chegou ao seu quarto. O cheiro ali dentro era de produtos químicos de limpeza. O armário não fechava, a televisão não funcionava, os lençóis estavam amarrotados. Na parede, estava pendurado um pedaço de papel, inteiramente coberto por caracteres cirílicos. O que estaria escrito ali? Não tinha importância, pensou Maria, já estava quase no final mesmo.

Ela ficou bastante tempo acordada olhando para o teto. Ao longe, ouvia-se barulho de trânsito. Ela verificou três vezes seu despertador de viagem. Embora tudo parecesse em ordem, ela não conseguiu mais dormir com medo de que ele não tocasse.

Na manhã seguinte, já às sete e cinco, ela desceu as escadas. No saguão, depositou sua sacola de viagem no chão, e sentou-se

numa velha poltrona de couro sintético. Não havia ninguém ali. Ela esperou, passaram-se dez minutos, doze. Quinze. Ela foi até a rua. Automóveis passavam na pálida luz matutina, nenhum pedestre. Ela olhou para o relógio. Já eram sete e trinta e três. E depois sete e trinta e quatro. E depois ainda sete e trinta e quatro. E de repente, ela levou um susto, eram vinte para as oito. Quinze para as oito. Dez. Eram cinco para as oito. Ela ligou seu telefone, mas não sabia quem chamar. Não havia um número de contato para emergências. O grupo ficara reunido o tempo todo, ninguém pensara em algo assim.

Calma, ela pensou. Calma! Os outros notariam sua ausência, dariam o alarme, o avião esperaria. Ela voltou para o saguão e se sentou.

Um minuto depois, ela se levantou novamente e foi para a rua. Ali ficou, com o coração palpitante, por duas horas. O calor veio, no princípio timidamente, depois em ondas cada vez mais fortes. Cada vez mais gente se apinhava ao seu redor, e também as moscas iniciavam seu dia. Ela voltou diversas vezes ao hotel, mas não apareceu ninguém, o balcão da recepção continuava vazio, e também não adiantou chamar, bater, gritar. Quem era o barbudo do dia anterior, onde ele poderia estar? Então ela se levantou novamente e olhou para o seu relógio de pulso.

Por volta de meio-dia, Maria subiu até o seu quarto. O edifício parecia realmente vazio. No começo da tarde, ela adormeceu, mas logo acordou sobressaltada e gelada de medo. Levantou-se então e ficou um tempo à janela, depois se sentou à mesa, tamborilou com os dedos e ficou olhando para a parede. Depois foi ao banheiro e chorou um pouco, antes de voltar à janela e assistir ao entardecer. Era possível que os outros não tivessem notado sua falta ou se contentado com alguma explicação esfarrapada apenas para não

atrasar a própria partida? Algo lhe dizia que sim. Ela se deitou na cama. Só então notou que estava com fome.

Mas ela não podia sair! Se quisessem buscá-la, era para ali que iriam. Ela ligou o telefone e tentou falar com seu marido. A ligação não se completava e, depois da terceira tentativa, ela desligou para não gastar o que restava da bateria.

Curiosamente, ela dormiu um sono profundo e sem sonhos e, quando acordou, sentiu-se leve e refeita por alguns segundos. A luz entrava pela janela, partículas de poeira dançavam num raio de sol. Então ela se lembrou. O pavor a atingiu como uma chicotada. A toda pressa, ela se vestiu.

Depois de uma hora de busca, ela se convenceu de que o edifício estava realmente vazio. Ela havia percorrido todos os andares, chamado e batido em todas as portas. Aparentemente, o telefone da recepção funcionava, mas ela não sabia que prefixo discar para fazer uma ligação para o exterior; o que quer que tentasse resultava sempre no mesmo apito estridente. Como, depois de três horas, não havia aparecido ninguém, ela resolveu partir. Com certeza encontraria alguém que pudesse ajudá-la.

O calor estava pior do que no dia anterior. Logo suas roupas estavam grudadas no corpo, o suor escorria pelo seu rosto, e ela estava tão debilitada pela fome que mal conseguia carregar sua sacola. Numa loja cheia de latas de conservas e pães redondos e achatados, embrulhados em plástico, ela tentou comprar um pedaço de bolo e uma garrafa de água. Somente no caixa ela se deu conta de que não tinha dinheiro do país, apenas euros, algumas cédulas de dólar e seu cartão de crédito. O dono não aceitou nenhum deles. Vieram-lhe lágrimas aos olhos. Com gestos desamparados, ela tentou lhe explicar que dez dólares valiam muito mais do que as poucas moedas que ele queria. Ele sacudiu a cabeça. Ela pegou sua sacola e saiu.

Somente na terceira venda, havia alguém disposto a lhe dar, por vinte dólares, três pastéis murchos recheados com carne de porco e uma garrafa de água. Aliviada, ela se encostou na parede, comeu e bebeu. Imediatamente, surgiu uma sensação de náusea e um peso em seu estômago, porém, como sentira aquilo durante toda a semana, não lhe pareceu tão ruim.

Quando se pôs em marcha novamente, ela notou que as pessoas se viravam para vê-la. Os homens lançavam olhares maliciosos, crianças apontavam para ela, exclamavam alguma coisa e então eram puxadas por suas mães.

Ela abordou um policial. Ele virou o rosto para ela, seus olhos eram estreitos e hostis. Ela tentou em inglês, francês, alemão e até mesmo no rudimentar grego clássico que aprendera anos antes num seminário sobre Aristóteles na faculdade. Ela tentou com mímica, com as mãos unidas num gesto de súplica. Finalmente, ele estendeu a mão e disse alguma coisa. Ela não entendeu, ele repetiu. E assim mais algumas vezes, até que ela compreendeu que ele queria seu passaporte. Ele pegou-o, folheou as páginas, lançou um olhar cortante para Maria e gritou uma frase que ela não compreendeu.

“Por favor, ajude-me!”

Com um gesto impaciente, ele a fez entender que deveria acompanhá-lo. O posto policial, apenas a uma quadra dali, era pequeno e sujo. Por alguma razão obscura, tomaram sua sacola de viagem e também seu relógio. Maria teve que se sentar diante de uma mesa, numa sala minúscula, e esperar.

Por um tempo longo, nada aconteceu. O relógio na parede estava parado, os ponteiros não se mexiam. Maria apoiou a cabeça nos braços. O tempo parecia não passar. Ela estava nauseada de tédio. Em algum momento, a porta se abriu, um homem de uniforme entrou na sala e falou com ela em inglês.

“Meu Deus, finalmente! Por favor, ajude-me.”

Seu passaporte, ele disse, era velho.

“Como?”

O símbolo no passaporte. Velho.

Ela não entendeu.

Ele olhou para o teto e refletiu por um tempo, até que lhe ocorreram as palavras certas: seu visto estava vencido.

“É claro! Eu deveria ter partido ontem, mas não vieram me buscar.”

Sem visto, ela não podia ficar ali.

“Mas eu não quero ficar aqui, absolutamente!”

Isso também não era possível. Sem visto.

Maria esfregou os olhos. Ela se sentia imensamente fraca. Então ela lhe explicou tudo, lentamente e da forma mais clara que conseguiu. Disse que era convidada do governo, falou da delegação de jornalistas e da turnê. Ela era hóspede oficial! E então, ao que tudo indicava, ela havia sido esquecida, e o avião partira sem ela.

Ele ficou em silêncio por um momento. Na sala ao lado, ouviam-se fortes gargalhadas. Estar ali sem visto, ele disse finalmente. Não podia de jeito nenhum.

Ela recomeçou do princípio e repetiu tudo mais uma vez: delegação de jornalistas, turnê, hóspede oficial, buscar no hotel, esquecer. Ainda antes de ela terminar, ele saiu batendo a porta atrás de si.

Agora já devia estar escuro lá fora. Em algum momento, Maria bateu na porta. Um policial abriu e conduziu-a até um banheiro imundo. De volta à salinha, ela quis tentar fazer uma ligação com seu celular, mas ele estava, como tudo o mais, na sacola. Ela limpou o nariz com as costas da mão. Havia quanto tempo já estava ali? Podiam ser horas, ou mesmo dias. Então, de repente, a porta se abriu, e o policial que a havia interrogado entrou.

Tudo falso, ele gritou! Tudo mentira! Ele jogou uma folha de papel diante dela, e ela distinguiu, em letras cirílicas manuscritas, todos os nomes do grupo de viagem. O colega do *Observer*, o do *La Repubblica*, os estagiários, a mulher da *Deutschlandfunk...* e Leo Richter.

“Ele não veio”, ela exclamou. “Este aqui! Este!” Com os dedos trêmulos, ela apontou para o nome. “Desistiu! Eu no lugar dele!”

O policial pegou a folha, olhou fixamente para ela, jogou-a de volta na mesa e disse que o nome de Maria não estava em lugar algum.

“Eu estou no lugar dele! Leo Richter! Ele desistiu!”

Ela não estava, ele disse, na lista.

Ela implorou-lhe que telefonasse para a guia. Ela a reconheceria e esclareceria tudo.

Nenhum músculo se moveu no rosto do policial.

“A guia do nosso grupo de viagem! Ou uma embaixada? O senhor poderia ligar para a embaixada alemã?”

O policial refletiu. Dessa vez, ele entendera. A Alemanha não tinha embaixada ali.

“E a Inglaterra, a França, os Estados Unidos?”

China. Na capital, havia uma embaixada chinesa. Provavelmente também uma russa. Mas, sem um visto válido, ela não podia tomar o trem até lá. Era proibido.

Maria ainda tentou se conter, mas não conseguiu, e irrompeu em lágrimas. Soluços desesperados sacudiam seu corpo. Ela chorou até lhe faltar o ar. Foi espantoso que não tivesse perdido os sentidos. Sua consciência, porém, resistia; a sala com a mesa, o relógio de parede e o policial que a observava impassível não haviam desaparecido, e finalmente ela se acalmou. Depois de enxugar as lágrimas, ela pediu para fazer uma ligação para o exterior.

Difícil, ele disse. As linhas não eram boas. Ali não era a capital.
“Por favor!”

Além disso, ele não podia ajudá-la. Ela não tinha um visto. Estava ilegal ali!

Ele saiu, ela ouviu vozes altas na sala ao lado. Aparentemente, os policiais discutiam o que fazer. Todas as forças a haviam abandonado, tudo aquilo não lhe parecia mais real, ela apoiou novamente a cabeça nos braços.

Maria despertou quando alguém a sacudiu pelos ombros. Ao seu lado, estava o policial, que pouco antes — ou no dia anterior, ou sabia Deus quando, ela perdera a noção de tempo — a levava ao toalete. Sua sacola de viagem estava no chão ao seu lado. Ele a conduziu pela sala contígua até a rua. Devia ser o começo da tarde, pois fazia um calor escaldante. Ele fez um sinal, ela não entendeu. Ele repetiu. Ela entendeu que deveria ir.

“Não!”, ela exclamou. “Por favor! Ajude-me!”

Ele a observava. Sua expressão não era inamistosa, sim, era quase solidária. Então ele cuspiu no asfalto.

“Meu relógio”, ela disse com voz rouca. “O senhor ainda está com ele.”

Ele bateu a porta atrás dela.

Maria pegou sua sacola e saiu andando. Pouco a pouco, ela compreendeu: os policiais não sabiam o que fazer com ela, não queriam complicações, então simplesmente a mandaram embora. Provavelmente ela tivera sorte por não a terem encarcerado ou matado.

Ela pegou o celular, discou e ouviu o sinal de chamada não completada. Ela discou de novo, ouviu novamente, discou outra vez. O ícone da bateria piscou em vermelho. Na quarta tentativa, seu marido atendeu.

“Meu Deus, finalmente! Você não imagina o que aconteceu comigo!”

“Sim?”

“Eles partiram sem mim. Ninguém me ajuda, ligue para o Ministério das Relações Exteriores!”

“Sim?”

“Você tem que fazer pressão, tem que dizer a eles que foi um convite oficial. Vá a um jornal! É grave! É realmente grave!”

“Sim?”

Ela calou-se por um momento. Então, com voz trêmula, ela perguntou: “Você está me ouvindo?”

“Sim?”

“Alô?”

“Não consigo ouvir nada. Quem está falando? Não estou ouvindo nada!”

“Maria!”, ela gritou. As pessoas viraram-se para ela. Uma mulher enrugada sorriu sem dentes.

“Maria, é você?”

“Sim, sou eu! Sou eu!”

“Por favor, ligue de novo. Não estou ouvindo nada.” Ele desligou.

Ela tentou novamente. Enquanto apertava as teclas, o visor ficou escuro. Havia acabado a bateria.

Ela não sabia por quanto tempo já vagava pela cidade. Os cabelos estavam grudados em sua cabeça, suas mãos doíam do peso da sacola. Somente quando quis comprar algo para comer e procurou a carteira, Maria verificou que os policiais haviam ficado com ela também.

Ela se encostou na parede de uma casa e ali ficou um tempo com o olhar perdido. Depois continuou a andar. A repentina ausência de um peso dolorido a fez perceber que havia deixado a

sacola. Ela se virou. Lá estava a pequena sacola, de couro cinza, tão abandonada que Maria sentiu pena dela. Ela virou a esquina, contornou o bloco de edifícios, e quando chegou ao lugar, a sacola não estava mais lá.

Deitar, ela pensou. Cair no chão e ficar deitada; então ela seria levada a um hospital e teriam que ajudá-la.

Mas não, não daria certo. Se deitasse no chão, simplesmente seria deixada ali. Além disso, a rua estava suja, o asfalto, cheio de buracos e fendas por onde corria uma água marrom, e havia cacos de vidro por toda parte. Não, era melhor não desmaiar ali.

Ela ficou parada. Ali, atrás da vitrine de uma loja, havia livros! Não eram muitos, mas se decifrava bem a escrita, havia uma edição de Púchkin e alguma coisa de Tolstói. Onde havia livros, alguém podia saber outras línguas, e até mesmo entendê-la. Ansiosa, ela entrou.

Era uma lojinha de variedades. Nas prateleiras atrás do balcão, empilhavam-se enlatados e embalagens de todos os tamanhos, com escritos em chinês. De fato, havia também alguns livros. Um homem baixinho olhou para ela com olhos estreitos.

“O senhor fala inglês?”

Ele não falava inglês, nem francês, nem alemão ou grego, tampouco entendeu sua linguagem de sinais. Ele permaneceu imóvel, prestando atenção nela sem tirar do rosto o sorriso gentil.

Ela puxou um banco. O sol estava tão forte; ela precisava se sentar por um momento. E estava com uma sede. Quando levou à boca as mãos em forma de copo, ele logo entendeu: pegou uma garrafa de plástico e encheu um copo. Alguns dias antes, as manchas e as pequenas fibras marrons que nadavam na água a teriam enjoado, mas agora ela bebeu sofregamente. Depois ficou sentada por um tempo, inclinada para a frente, os cotovelos

apoiados no joelho. O homenzinho esperava a uma distância respeitosa.

Quando ergueu a cabeça, ela viu, entre dois livros de Auristos Blancos, algo que conhecia. Ela se levantou e tirou-o da estante. Uma encadernação barata de papelão, de um vermelho berrante. O nome dela em escrita cirílica, embaixo um título que ela não conseguia ler, mas sabia que era *Chuva negra*, seu romance de maior sucesso. Sob o título, a foto de um homem com óculos escuros e um chapéu de abas largas. Assim o editor russo imaginara o comissário Regler, seu melancólico detetive, sempre avesso a qualquer violência. Que ridículo, ela achou, quantas risadas ela e seu marido teriam dado!

Ela virou o livro: não havia uma foto sua. Assim mesmo, mostrou-o ao homenzinho, bateu com o dedo na capa, depois em si mesma.

Ele sorriu sem entender.

Ela devolveu o livro à estante. "O senhor tem razão. Não adianta. Isso não muda nada."

Ele se curvou.

Ela agradeceu pela água e saiu.

Mais adiante, havia uma feira. O lugar cheirava a ovelhas e a frutas podres, e as barracas já estavam sendo desmontadas. Ela se pôs ao lado de uma mulher alta de avental, que lhe pareceu mais simpática do que as outras, e apontou para a sua boca e para a sua barriga mostrando que tinha fome. A mulher deu-lhe um pedaço de pão. Estava gostoso; um pouco amargo, é verdade, mas lhe deu forças. A mulher também lhe deu sua garrafa d'água e, depois de beber, Maria se sentiu quase restabelecida.

A mulher tinha muitas rugas e lhe faltavam vários dentes, um de seus olhos estava semifechado, a pálpebra caída para o lado. Ela disse alguma coisa que Maria não entendeu. Então ergueu uma

caixa de batatas, dando a entender que Maria deveria ajudá-la a carregar.

Juntas, elas arrastaram a caixa até o outro lado da rua, onde um homem velho esperava ao lado de um trator, e içaram-na para dentro do reboque. A mulher agachou-se atrás e deu a entender a Maria que fizesse o mesmo.

Envoltos pelo cheiro de gasolina, eles partiram dali sacolejando. Logo a cidade havia sumido e, no lusco-fusco do entardecer, a estepe estendeu-se diante deles. Começou a esfriar. Durante um tempo, uma libélula voou ao lado deles. A cabeça da mulher oscilava com os solavancos do motor, ela parecia dormir de olhos abertos. O céu estava vazio, não se viam pássaros. A noite caiu.

Quando chegaram à casa, estava escuro como breu. Maria desceu do reboque; o chão era tão lamacento que ela afundou até os tornozelos. A casa era de madeira velha e carcomida, o telhado, de zinco; o interior cheirava a mofo e, quando o velho acendeu dois archotes, Maria viu um rato correr espantado. Lá fora, num poço, a mulher punha em movimento uma bomba d'água enferrujada. Ela trouxe um balde de latão cheio d'água, largou-o, apontou para o chão de madeira, para o balde, de novo para o chão. Então deu um trapo a Maria.

Enquanto limpava, Maria tentou refletir. Ela precisaria viver um ano ali, talvez dois, nenhuma equipe de resgate viria buscá-la, nenhum enviado do Ministério das Relações Exteriores apareceria de repente para libertá-la. Ela teria que ficar e trabalhar, até dominar a língua. Caso aquela gente lhe pagasse, ela economizaria um pouco de dinheiro. Em algum momento, ela poderia partir para a capital. Lá encontraria alguém que a ajudasse. Não ficaria ali para sempre; ela tinha mais sorte do que aquela gente, ela conseguiria sair.

Já depois de pouco tempo, as costas dela doíam, seus braços não estavam acostumados ao esforço, e pareceu-lhe que seu trabalho deixava as tábuas do assoalho ainda mais sujas. Ela chorou baixinho. A mulher estava sentada na cadeira descascando batatas, o velho descansava num banquinho de madeira e olhava para o vazio com um ar inexpressivo.

Quando ela terminou, o chão estava exatamente como antes, mas a mulher lhe deu mais um pedaço de pão e até mesmo um pouco de carne. Depois de comer, ela foi lá fora e lavou o rosto e as mãos na bomba do poço. De repente, fazia um frio gélido. Ao longe, uivava um animal. O céu estava coberto de estrelas.

A mulher mostrou-lhe o colchão no qual ela poderia dormir. Ele era surpreendentemente macio, apenas uma mola enferrujada saltava para fora, e Maria precisou se encolher para não machucar as costas. Por um momento, ela pensou em seu marido. De repente, ele lhe pareceu estranho, como alguém que ela tivesse conhecido havia muito tempo, num outro mundo, numa vida passada. Ela ouviu a própria respiração, então compreendeu que já estava dormindo e via a si mesma no sonho. Com uma clareza assombrosa, ela sabia que tais momentos eram raros e era preciso ter muito cuidado com eles. Um movimento em falso, e não se encontrava mais o caminho de volta, a antiga existência se desvanecia e não voltava nunca mais. Ela suspirou. Ou apenas sonhou que fazia isso. Então, por fim, sua consciência se apagou.

Resposta à abadessa

Miguel Auristos Blancos, o escritor venerado pela metade do planeta e indulgentemente desprezado pela outra metade, autor de livros sobre serenidade, beleza interior e a busca pelo sentido da vida em peregrinações por campos ondulados, entrou com passos calculados em seu escritório, situado na parte da frente de seu apartamento de cobertura na orla resplandecente do Rio de Janeiro. Sobre o mar espalhava-se uma luminosidade cintilante; do outro lado da baía desenhavam-se, conforme a incidência da luz, ora nitidamente, ora como superfície cinzenta de sombra, as encostas dos morros com as favelas. Miguel Auristos Blancos protegeu os olhos com a mão para ver melhor a escrivaninha: duas canetas-tinteiro com penas de ouro, dezessete lápis bem apontados, um teclado plano diante de uma tela plana, e, sobre o fichário, as folhas escrupulosamente empilhadas de seu novo manuscrito: *Pergunte ao cosmo, ele responderá*. Só faltava um capítulo, após o conjunto ter sido escrito ao longo das últimas quatro semanas com a mesma fluidez de tudo o que já escrevera antes; dessa vez, era sobre como a fé e a confiança resultavam dos gestos e rituais que as expressavam, e não, como às vezes se supunha, o contrário: quem era fiel a uma pessoa começava a amá-la; quem ajudava um

amigo tornava-se com isso mais respeitável; para aqueles que se obrigavam a participar de um serviço religioso, aquilo deixava de ser um ritual cego, e pouco a pouco revelava a existência e a proximidade de um ser supremo que velava por eles.

Miguel Auristos Blancos não inventava essas coisas, elas vinham por si mesmas e, aparentemente sem sua intervenção, encontravam seu caminho no manuscrito, enquanto ele ficava sentado observando, com uma curiosidade contida, como seus dedos teclavam e faziam surgir linha após linha no branco reluzente da tela e quando, ao final de um dia de trabalho, ele se levantava, como acabara de fazer, e piscava os olhos ao pôr do sol, não se sentia menos enlevado e instruído do que mais tarde se sentiria cada um de seus cerca de sete milhões de leitores.

Ele suspirou. Com um rápido movimento da mão esquerda, em cujo dedo médio reluzia uma pequena safira, acariciou seu bigode e depois seus cabelos já ralos. Ele tinha a mesma sensação de quando saía do toalete: aliviado e ao mesmo tempo invadido por uma vaga melancolia. Agora ele se demorava muito no banheiro, recentemente seu médico lhe dissera que não poderia prosseguir por muito tempo sem uma operação de próstata. Miguel Auristos Blancos inclinou a cabeça, umedeceu os lábios e ouviu a si mesmo suspirar baixinho mais uma vez. Ele calçava sapatos lustrados de couro marrom, feitos sob medida, e vestia uma calça larga de linho com uma camisa de seda branca, aberta até o terceiro botão. Os pelos grisalhos de seu peito estavam mais escassos do que antes, porém seu corpo, apesar de seus sessenta e seis anos, mantinha-se ainda em boa forma, a barriga tão reta como só se vê em pessoas que têm um personal trainer: todos os dias ele trotava observado por Gustavo Monti, o ex-campeão olímpico, na ruidosa esteira rolante sobre a qual concebera um pequeno livro sobre a afirmação do que é uniforme, a mudança na permanência e o delicado estado

em que a mente flutua entre a exaustão e a concentração. (Naturalmente ele usava o aparelho apenas ali na metrópole. Quando estava em sua casa em Paraty ou em seu chalé suíço do outro lado do oceano, ele corria todos os dias com expressão sonhadora pelo frescor do ar puro da manhã, a atenção totalmente voltada para a própria respiração e o dia que lentamente se enchia de calor.) O livro não estava entre os seus mais vendidos, mas Auristos Blancos gostava tanto dele que muitas vezes ele mesmo o lia antes do jogging.

Ele hesitou. Será que suspirara de novo? Seguindo um impulso repentino, abriu os braços; pareceu-lhe sentir a brisa do mar. Naturalmente ele sabia que era apenas a ventilação do seu quase totalmente silencioso aparelho de ar condicionado.

Enquanto se dirigia à sua escrivaninha, ele tirou uma semente de flor da manga com a ponta dos dedos, arremessou-a no ar com um peteleco e assistiu ao diminuto floco sedoso se afastar flutuando, cintilar num raio de sol e desaparecer. Então ele se deixou cair na cadeira de trabalho: revestida de couro, regulável, adaptada exatamente à forma de suas costas, feita pelo melhor designer de cadeiras de São Paulo. Por alguns segundos, ele se balançou com os olhos fechados, a ponta dos dedos indicadores encostada no nariz, os polegares entre os lábios apertados pensativamente. Então ele abriu a segunda gaveta e pegou, como já fizera muitas outras vezes, a pistola que esperava ali: uma Glock, cano de cento e quarenta milímetros, calibre nove por dezenove, um modelo ainda sem uso, para o qual, porém, possuía não apenas o registro, mas também a permissão para o porte da arma carregada.

Miguel Auristos Blancos gostava de armas, ainda que apenas como brinquedos — ele jamais perpetrara violência contra qualquer pessoa. Em seu gramado sarapintado de sol em Paraty, ele fazia

regularmente exercícios de pontaria — às vezes com arco e flecha, às vezes com armas esportivas leves — diante do círculo tolerante de um alvo. *Mão tranquila cria sentido tranquilo* era como se chamava o livro em que ele explicava como, ao atirar, a pessoa devia se unificar com o alvo, de forma que acertar deixava de ser uma preocupação e, justamente por essa razão, num paradoxal estado de tensão desinteressada, atingia a meta. Não era a sua obra mais forte, e somente anos depois, um tanto estarecido, ele se deu conta de que parafraseara quase na totalidade um livro muito famoso sobre a arte japonesa do tiro com arco que folheara uma vez em sua juventude. Isso não incomodou os leitores e, pouco depois da publicação, um fabricante de arcos esportivos relatou-lhe agradecido a elevação mundial da demanda.

Ele se inclinou — a cadeira gemeu e ele sentiu uma leve pontada nas costas — e tirou a caixa de cartuchos da gaveta. Com movimentos pensados, os olhos apertados e os lábios ligeiramente em bico, ele carregou a arma: introduziu o pente de munição na câmara e fez o carro deslizar para trás e retornar à posição inicial, produzindo o ruído metálico característico — um ato visto nos filmes tantas vezes, que fazia a pessoa se sentir um ator quando ela própria o executava, como ele se sentia agora.

O sol se punha, chamas vermelhas dispersavam-se na água, os picos das montanhas cintilavam com um brilho frio e, entre os barracos das favelas, ele via as linhas sinuosas das ruas sem calçamento. Miguel Auristos Blancos levantou-se, pegou as quatro cartas que sua secretária havia selecionado da correspondência do dia (ele recebia diariamente inúmeros pedidos de conselhos e ajuda, além de histórias de vida em narrações lacrimosas, propostas de casamento, preces e manuscritos de romances sobre a busca do sentido da vida ou ovnis, assim como convites para fazer palestras em dezenas de cidades, onde diretores de bibliotecas, de

centros de meditação e de livrarias, embora cientes de que o ocupadíssimo escritor não dispunha de tempo para aparições públicas, não queriam renunciar à esperança de que lhes seria feita uma exceção) e tirou a primeira delas do envelope já aberto.

Era um escrito em papel artesanal no qual, abaixo do cabeçalho das Nações Unidas, era-lhe dirigida a pergunta se, no caso de uma decisão positiva do júri, aceitaria o prêmio *Dialogue Between the Nations* e proferiria um discurso perante a Assembleia Geral. Ele sorriu. A segunda carta vinha de Camier, seu biógrafo de Lyon, que, em sua caligrafia miúda e respeitosa, pedia-lhe mais uma entrevista, na qual trataria de sua temporada num mosteiro japonês, havia mais de trinta anos, de seus estudos dos *koans* e da sabedoria oriental, além naturalmente de seu primeiro, de seu segundo e sobretudo de seu terceiro, e agora também findo, casamento; como sempre, assegurava Camier, ele podia confiar na discricção do biógrafo autorizado e estar certo de que nenhuma informação seria impressa sem o seu consentimento. Miguel Auristos Blancos sacudiu a cabeça. Ele não acreditava em Camier, mas o que poderia fazer senão conceder a entrevista?

Em terceiro lugar, estava, sem envelope, um cartão-postal de Tenerife, onde Aurélia vivia agora com seus dois filhos. A casa, havia pouco ainda em comum, agora era apenas dela, e já se passara quase um ano desde que ele vira Luis e Laura pela última vez. Durante todo esse tempo, surpreendera-o o fato de não sentir mais intensamente a falta deles e, para explicar isso a si mesmo, ele introduzira em *Pergunte ao cosmo, ele responderá* todo um capítulo sobre como apenas desejamos com ardor a presença de pessoas cuja alma não vibra em sintonia com a nossa. Quando, porém, a pessoa é mais próxima e, ao mesmo tempo, uma parte do próprio eu, não há necessidade de que ela permaneça perto de nós, pois o que ela sente nós também sentimos, independentemente da

distância, o que ela sofre nós também sofreremos, e qualquer conversa com ela seria apenas uma confirmação supérflua do óbvio. Ele observou durante meio minuto o motivo na parte da frente do cartão (baía, montanha, bandeira, bando de gaivotas), as duas pequenas assinaturas no verso e então jogou o cartão fora.

A quarta carta vinha da senhora Ângela João, a abadessa do convento das irmãs carmelitas da Divina Providência, em Belo Horizonte, que, em nome da velha amizade (ou sua memória falhava ou a dela, pois ele não conseguia se lembrar de tê-la encontrado nenhuma vez), pedia-lhe algumas palavras sobre a questão da teodiceia, para sua edificação e de suas irmãs de claustro: por que existia o sofrimento, por que a solidão, por que, sobretudo, a distância de Deus e por que, apesar de tudo isso, o mundo estava constituído da melhor maneira?

Irritado, ele sacudiu a cabeça. Logo ele teria que contratar uma nova secretária, aquela estava claramente sobrecarregada. Uma carta importuna como aquela jamais poderia ter chegado à sua escrivaninha.

O sol estava baixo, os barcos lançavam sombras alongadas, sobre a água espalhava-se um brilho sangrento, um fogo escuro tremulava no céu. Daquela janela, ele já vira o pôr do sol inúmeras vezes, mas sempre lhe parecia a primeira, e ele tinha a impressão de que estava sendo executado um experimento complicado, que ao cair de cada noite também podia fracassar terrivelmente. Pensativo, ele pôs a carta de lado, pegou a pistola e, instintivamente, como da última vez, três dias antes, tateou em busca da trava de segurança, até que se lembrou de que uma Glock não possuía trava e naquele modelo o próprio gatilho era a segurança. Então ele virou a arma e olhou para o cano. Como em tantas outras vezes que havia feito isso, em tantas outras tardes, quase sempre àquela hora, também agora Miguel Auristos Blancos

sentiu que suave. Ele largou a pistola, ligou o computador e esperou que a máquina concluísse seu iniciar titubeante. Então começou a escrever.

Mas por que mesmo? Ele próprio não sabia ao certo. Talvez fosse apenas o senso de correção, pois uma pergunta exige uma resposta, talvez também o fato de que, durante toda a sua vida, senhoras idosas trajando hábitos sempre lhe infundiram uma mistura de respeito e pavor absoluto. Cara abadessa, reverenda madre adorada e abençoada, Deus não pode ser justificado, a vida é terrível, sua beleza não tem escrúpulos, a própria paz é cheia de sangue, e independentemente de Ele existir ou não — o que nunca consegui decidir —, não tenho nenhuma dúvida de que meu último e miserável estertor despertará Nele tão pouca compaixão como o dos meus filhos ou, espero que num dia ainda muito distante, o da senhora.

Ele hesitou, ergueu os olhos apertados para o fogo do sol, deitou a cabeça para trás e respirou fundo. Por um tempo, ficou ali parado escutando o silêncio. O ar-condicionado zumbia suavemente. Então continuou a escrever.

Ele escreveu enquanto o sol deslizava no mar, lançava as últimas brasas na água e se extinguia; escreveu enquanto o ar se enchia de escuridão como que de uma fina substância; escreveu enquanto as luzes ao fundo brilhavam com nitidez cada vez maior e o negro do céu se fundia com as montanhas; e, quando ergueu os olhos, com a camisa molhada e o bigode perolado de suor, já era noite. Estimada abadessa, não há fundamento algum para a esperança e, mesmo que Deus pudesse ser justificado de outra maneira que não por Sua flagrante ausência, qualquer argumento inteligente empalideceria perante a dimensão da dor ou mesmo do simples fato de que existe a dor e de que tudo, sempre e a qualquer momento — reflita um pouco, reverenda madre —, é tão

insuficiente. A única coisa que nos ajuda são mentiras reconfortantes, como a dignidade corporificada em sua sagrada pessoa. Que a senhora persevere nela por longo tempo e guarde boa lembrança de seu devoto servidor... Ele deu dois cliques com o mouse e a impressora começou a roncar. Uma folha, mais uma, uma terceira e uma quarta encheram-se de letras. Miguel Auristos Blancos pegou a pequena pilha e leu.

Ele se levantou. Como pudera escrever aquilo? Aquelas folhas eram a revogação de tudo, a aniquilação da obra de toda a sua vida, o pedido de desculpas formulado de modo breve e inequívoco, por ter tido a ousadia de afirmar que o mundo conhecia uma ordem e que a vida podia ser boa.

Mas somente quando buscou a pistola com sua mão bronzeada ele compreendeu o que havia feito e que já passara o tempo em que ainda acreditava ter escolha. Tudo o que até agora tinha sido uma espécie de brincadeira de repente ficou sério. Se ele realmente puxasse o gatilho, entraria para a história. Todas as pessoas religiosas, todos os otimistas e beatos da Terra, todos os crentes e devotos que tinham seus livros nas estantes e seu exemplo no coração — como ele poderia resistir à tentação de lhes desferir esse golpe? Isso, e apenas isso, o faria grande. Os cantos de sua boca iriam se contrair, rindo e ao mesmo tempo em pânico. O que ele escrevera ali não era nem uma opinião sua. Era simplesmente a verdade.

Seus joelhos fraquejaram de repente, ele se apoiou na janela. Um avião piscando luzes desenhou uma curva no firmamento, um foguete luminoso partiu de um navio e explodiu silenciosamente num turbilhão de faíscas. No quarto ao lado, inoportuna, a faxineira ligou o aspirador de pó.

Ele pegou mais uma vez a última folha e perguntou a si mesmo se realmente havia escrito tudo aquilo e como, após tantos anos de

brandura, pudera encontrar aquelas palavras. Ele via diante de si os congressos religiosos, de cujas mesas de venda seus livros seriam retirados, e via as livrarias com espaços vazios nas estantes, via os sacerdotes estarrecidos e as donas de casa empalidecendo, as esposas dos médicos atônitas e todos os cidadãos medianos nos cinco continentes, aos quais ninguém mais diria que seu sofrimento tinha um sentido. Ele deixou a folha cair e, antes que ela, oscilando na corrente do ar condicionado, tivesse atingido o solo, ergueu a pistola. Não havia trava. Era só apertar o gatilho. Ele abriu a boca e envolveu com os dentes o cano de plástico, que para sua surpresa sequer estava frio.

Seus dedos buscaram o gatilho. Com os olhos arregalados, o suor escorrendo na testa, ele viu a cidade a seus pés, os barcos cintilantes, a amplidão da noite. A bala atravessaria sua cabeça e bateria na janela, como se atingisse assim não apenas o vidro, mas o próprio universo, como se as fissuras rompessem o mar, as montanhas e o céu, e então compreendeu que isso era verdade, que era exatamente o que aconteceria se ele, e ninguém mais, imprimisse no mundo a marca de seu desprezo, indelevelmente, se somente encontrasse a força para pressionar o gatilho. Se. Ele ouviu a si mesmo gemer. No quarto ao lado, o aspirador de pó rugia. Se.

Uma contribuição ao debate

Bem, dessa vez, vou ter que fazer uns rodeios. Sorry e: sei que lithuania23 e icu_lop vão me zoar de novo por causa do tamanho deste post, e também obviamente lordoftheflakes, o troll, como fez há pouco tempo num flame no *Movieforum*, mas não vai dar para ser mais curto, se alguém estiver com pressa pode simplesmente pular essa parte. Encontro com celebridades? Legal, mas cuidado!

Antes de mais nada, quero dizer que sou um superfã hardcore desse fórum. Ideia irada. Caras normais, como você e eu, que localizam as celebridades e contam sobre: coisas cool, superbem pensadas, interessantes para todo mundo e, além disso, tem a função de controle, para que esses caras saibam que estão sendo escaneados e não podem se comportar sei lá eu como. Já fazia tempo que queria postar aqui, mas e o content? Aí no fim de semana passado rolou, e tipo super-hipermega.

Rapidinho, a pré-história. (Minha vida nos últimos tempos estava uma hipermegaloucura, mas tem que superar, há fases e fases, yin e yang, e para os freaks que nunca ouviram falar: isso é filosofia!) O meu username mollwitt vocês já conhecem de outros fóruns. Eu posto bastante no *Supermovies*, no *Jornal da Noite* também, no *Literature4you* e em páginas de discussão, e não deixo

por menos quando vejo blogueiros postando bullshit por aí. Sempre username mollwitt. Na real life (a verdadeira!), estou na faixa dos trinta e cinco, tipo alto, um pouco acima do peso. Durante a semana, uso gravata, é obrigatório no escritório, essa merda toda de ganhar dinheiro, igual vocês também fazem. É preciso, para poder realizar o seu Lifesense. No meu caso, escrever análises, reflexões e debates: contribuições sobre cultura, sociedade, coisas de política.

Trabalho na central de uma empresa de telefonia celular e divido a sala com Lobenmeier, que eu odeio como nunca odiei outra pessoa na vida, podem apostar. Desejo que ele morra, e se houvesse algo pior era o que eu desejaria em vez da morte, e se houvesse algo ainda pior eu desejaria exatamente isso no lugar. E, é lógico, ele é também o queridinho do chefe, todo dia sempre pontual, sempre dedicado, e quando está na sua desk faz o seu trampo, e só interrompe para pôr o olho em cima de mim e dizer tipo: "Ei, de novo na internet?". Às vezes ele se levanta de repente, vai até a minha desk e tenta ver a minha screen, mas eu estou ligado e sempre clico a tempo. Só uma vez precisei de banheiro urgente, e sem querer deixei umas janelas abertas, e quando voltei não estava ele lá sentado na minha cadeira com um mega smile? Juro, se ele não vivesse na academia, naquele dia tinha levado umas porradas.

Outro cara do mal é o nosso boss. Nem um pouco cool, um cara muito desagradável, e põe desagradável nisso. Acho que ele confia em mim, mas com um tipo assim nunca se sabe: o cara está sempre pensando sobre a gente e maquinando planos que ninguém saca. Não estou nem aí com esse power play, estou interessado no global, na sociedade e em toda a sujeira que todos os dias, bem, vocês já sabem. Claro, é óbvio, quem escreve no jornal está comprado, e sobre quem ele escreve também está mesmo no jogo.

Uma hiperconspiração, todos mancomunados, fazendo dinheiro alucinadamente, e a gente decente só assistindo. Só um exemplo: mensagem de rádio no Onze de Setembro, deem uma lida sobre isso na rede, depois não vão se surpreender com mais nada.

Mas voltando ao tópico, tudo começou sexta-feira passada. Eu ia postar no *Movieforum* do *Jornal da Noite*, por causa de Ralf Tanner e da bofetada. Bugclap4 disse que não existia mais nada entre ele e a Carla Mirelli, enquanto icu_lop achava que a coisa não era definitiva. Mas eu estava mais inteirado, tinha lido umas coisas num outro site, mas quando quis publicar as infos notei que não estava conseguindo postar. Simplesmente não entrava! Só dava aviso de erro, um monte, e como de repente aquilo não me cheirou bem, peguei e liguei.

O.k., o.k., o.k., o.k., já sei. Foi sem pensar. Claro. Mas é que na noite anterior eu tinha tido de novo uma briga com a minha mãe: que eu posso cozinhar para mim mesmo, lavar minha própria roupa, porque isso, porque aquilo, até que eu: "Vai morar sozinha então, pague o aluguel você mesma!".

E ela: "Nunca pedi para morar aqui! Você está querendo mesmo é viver com uma outra qualquer!".

Eu então: "Ora, volte para Rüdesheim, sua vaca".

Lá pela meia-noite, megarreconciliação, mas no dia seguinte eu ainda estava zozzo e com a cabeça estourando, senão com certeza nada teria me acontecido.

Então: procurei o número, disquei. Eu estava tão puto que ouvia meu coração martelando.

Atendeu uma voz cansada de homem. Eu: "Meus posts não estão sendo exibidos! Já é a quarta vez".

A voz: Como, onde, posts onde? Não estava entendendo nada.

Eu, então: blá, blá, blá, explica que te explica. E ele: "Vou transferir para o suporte!".

Depois o segundo, e o terceiro cara do suporte, e bem nessa hora Lobenmeier voltou, deu um smile tipo cérebro de minhoca e ficou escutando, enquanto o cara do suporte me pedia o meu nome, cidade, endereço ip e ethernet id. Então o cara teclou, bocejou, teclou, parou. "Me dá o ip de novo!"

Eu: "Algum problema?"

Ele teclou, parou, teclou, então perguntou se era possível que eu tivesse postado doze mil, trezentas e quarenta e uma vezes no fórum do *Jornal da Noite*.

"E?"

Ele de novo: "Doze mil, trezentas e quarenta e uma vezes".

"E daí?"

Ele repetiu pela terceira vez. Não adiantou nada. Desliguei.

Agora vocês devem estar rachando o bico. Mas nunca ninguém está cem por cento ligado, e cagadas acontecem. Quando tentei de novo, o post entrou de primeira, e eu estava com tanta coisa na cabeça que nem pensei mais nisso. A discussão continuou, já estava mais do que na hora de alguém usar um pouco de bom senso. Ralf Tanner e Carla Mirelli, eu escrevi, nunca vai dar em nada, esse cara tem titica na cabeça e é mais feio que um urubu, podem esquecer!

Só horas depois comecei a suspeitar de que tinha feito uma baita besteira. Nome verdadeiro, endereço verdadeiro, até o IP: agora eu estava ultramegavisível! Sensação desconfortável, e põe desconfortável nisso. Mas logo eu já estava de novo alucinado com outras coisas para fazer e não cheguei a encanar: estava numa superbriga com lonebulldoggy em *thetree.com* e, enquanto isso, tive que ver um memo de advertência da técnica, não sei o que sobre uma fonte de interferência na atribuição dos números, que o chefe tinha jogado em cima da minha desk. Já tinha visto isso dois dias antes. Eu tinha mandado por e-mail para Hauberlan, que pelo

jeito resolveu mandar de volta para cima, provavelmente só para me queimar, aquele sacana é cupincha do Lobenmeier. E de repente o boss mandou me chamar.

Hipersusto e ultramegataquicardia. Lógico, eu pensei: será que já é por causa do lance do ip? Levantei, fui até lá, tentei ficar frio. Afinal não sou nenhum zé mané, já escrevi no guestbook do presidente da república (só que apagaram), ninguém me derruba assim, posso dar um pau em qualquer um se for preciso.

Então eu estava ali na frente do boss, ele olhando para mim. Olhar penetrante. Como Saruman. Ou Vorlone Kosh, de Babylon 5. Ele olhava para mim e eu olhava para ele. Momento realmente cool. Dois homens, um olhar. Sinceridade máxima.

Ele disse algo sobre o Congresso das Operadoras Europeias de Telecomunicações, o start já é depois de amanhã. Ele próprio queria ir, mas não podia e o departamento precisava ser representado, e também havia uma apresentação para fazer: normas de radiocomunicação nacionais versus europeias.

Demorou um pouco para cair a ficha. Fucking shit. O quê? Vocês precisam saber de uma coisa: eu hipermegaodeio viajar. Os seats nos trens são alucinadamente estreitos, simplesmente não cabe uma pessoa normal. E uma apresentação para pessoas que nunca vi mais gordas, não dá para acreditar.

Portanto, eu: não, não vai rolar, não estou a fim, outros planos; mas ele: nada disso, você vai, tem que ir, ninguém mais pode. O que fazer numa hora dessas? Eu: "O.k., boss!". E ele: "Você é o meu melhor colaborador!"; e eu: "Ah, que é isso...!"; e ele: "Mas é verdade", e assim por diante, um devolvendo a bola para o outro, até que voltei para a minha sala e só então vi nos papéis que eu tinha que fazer a apresentação em inglês. Que merda! Em inglês! Que merda!

No caminho para casa, para me acalmar, o novo livro de Miguel Auristos Blancos. Diz que não devemos tomar certas coisas a ferro e fogo: *aprender a aceitar*. Mas é exatamente isso! *Afinal, o que é melhor, cobrir o planeta com um tapete ou calçar sapatos?* Tive que anotar na hora. Uau. De onde é que ele tira essas coisas?

Depois, briga de novo com a minha mãe. O fim de semana inteiro fora, ah, pois sim, e ela o que vai fazer, e eu que não me importo.

Eu: "Ora, saia um pouco, vá ao cinema!"

"Não sei, não quero! E aí tem coisa, você vai é se encontrar com um rabo de saia!"

Eu: Besteira, nada disso etc. e tal.

Ela: "Não tente me enganar. Você vai se encontrar com uma qualquer. E eu sozinha em casa. Se eu pudesse imaginar uma coisa dessas há trinta e sete anos, você era tão bonzinho, tão pequeno...".

Eu: "Mude-se, se não está gostando!". Sempre digo isso, agora vocês já sabem.

"E quem vai cozinhar para você?"

O.k., ponto para ela. Deixei ela ali, bati a porta, me tranquei. Folheei o Auristos Blancos enquanto tentava entrar no moviechat com Dot B. Sem chances, claro, servidor sobrecarregado, todos queriam entrar, lógico. *Torna-te um com as coisas, um com o unificar-se, um com o estar unificado com elas, um também com a tua cólera, e caso caia a bomba atômica, torna-te um com a bomba*. Caramba! Sei que sou super busy, rotina e trabalho demais, mas eu reconheço os grandes thoughts. Depois me distraí, porque lordoftheflakes veio com a bullshit de sempre, e proctor, 3helgoland e loucoporpera ficaram do seu lado, e para completar postaram dois novos que nunca vi mais gordos e com os quais eu tive que pegar meio pesado. (Também podia ser que lodorftheflakes tivesse novos

nicks. Esse tipo de coisa me deixa doente, é nojento! Claro, eu também tenho três outros usernames, mas só utilizo quando uns caras realmente sem noção me deixam sem escolha.) Claro, eu devia ter preparado a minha apresentação, mas era só depois de amanhã, e agora não conseguia me concentrar. Pouco antes da meia-noite, entrei em alguns sites privados. Light, se é que vocês me entendem, nada daqueles brutais e vulgares, que não me interessam nem um pouco. Depois fui dormir.

Dia seguinte: viagem de trem. Passei mal e, claro, seats muito estreitos, mas como não estava cheio deu para erguer o apoio do braço e ficar com dois. Lá fora, casinhas, estradas, campos pantanosos, o programa completo de janela de trem. Então desembarque, escada rolante para baixo, escada rolante para cima, difícil respirar e suando como um cavalo. Mas consegui pegar a conexão, e a coisa continuou com pântanos, casas de camponeses, campos de canola. Seis horas e eu já estava alucinadamente nervoso, não conseguia me lembrar de alguma vez ter ficado tanto tempo sem internet. Finalmente o desembarque, e lá estava um motorista com um micro-ônibus para mim e os outros caras do congresso. Todo mundo de gravata com sua pastinha.

“Travelling: inferno”, eu disse no caminho para o nerd ao meu lado. “E para quê? Podemos fazer tudo isso de casa por voip! Eu veria você, você me veria, tudo easy, sem estresse.” Mas o nerd só ficou olhando para a minha cara, e depois sentou um pouco mais longe.

Na recepção, fui logo perguntando pela internet. A mulher olhou para mim feito pateta. Eu: “Internet! Hello. Internet!”.

Ela: “Não está funcionando”.

“Como, o quê, como é que é?”

Ela: “É, sinto muito, mas está fora do ar, normalmente temos wireless no quarto, só que no momento estamos sem.”

Eu: só fiquei olhando para ela. Nem fiz o check-in.

“A semana que vem será consertado.”

Eu: Espetacular. E de que me adianta. De que exatamente?

Ela me olhou com aquela cara de pateta. Sarcasmo. Território desconhecido para ela. Eu até fiquei com enjoo de tão chocado. O hotel ficava isolado no mais podre dos pântanos podres. Nenhuma vila, nenhum cibercafé, ou alguém me emprestava um modem hsdpa, ou eu estava realmente no mato sem cachorro. E *come on*, ninguém empresta um modem de internet, todo mundo tem medo de que baixem filmes às custas da empresa. Portanto: catástrofe. Catacumbas. Noite escura.

Jantar. Não preciso descrever, vocês já conhecem: foodstress no bufê, aquele empurra-empurra. E tudo o que era bom acabou de acabar, bem na nossa vez. Depois à mesa: à minha direita, um cara de barba falando por T-mobile sobre seu novo piso e, à esquerda, uma mulher hiperseca da Vodaphone, contando que o primo do seu cunhado comprou um Opel por um preço sensacional etc. etc. Eu: silêncio total. Nunca falo nada no meio de estranhos. Não consigo, não gosto, simplesmente não rola. Em vez disso, fui mais uma vez para o bufê, e depois mais uma, aí passei alucinadamente mal, então só mais uma vez e depois fui lá fora no estacionamento, por causa do cigarro. Dentro não é permitido, agora não pode mais em lugar nenhum. É o que eu digo, com os nazistas a coisa não era muito pior!

Chuva, megabalde. E debaixo do telhadinho da porta havia um homem com um cigarro aceso. Já estava quase totalmente escuro, então no começo só deu para distinguir um vulto e o ponto de luz. Pedi fogo, e enquanto ele procurava com um jeito nervoso, eu o reconheci.

“Leo Richter!”

Susto. Olhou para mim. Era ele.

O.k. Agora eu pergunto: o que vocês teriam feito? Fazia anos que eu era fã dele, e põe fã nisso. Aquele livro, agora não lembro o nome, no qual Lara Gaspard dá aulas em Paris e aí encontra aquele cara completamente podre e na última story vai para o reino dos mortos. Li e não acreditei, a maior loucura, simplesmente uma hiperviação. O estilo, o humor, tudo muito irado, mas mais do que tudo: aquela mulher. Também tenho que dizer que nunca fui exatamente lucky com o sexo oposto, sempre aquela história e blá-blá-blá, e sempre "me deixa em paz, você é um cara legal, mas não nesse sentido, agora dá o fora!" etc. e tal, toda a baboseira que vocês também conhecem, e no *ParPerfeito*, mesmo quando rola maneiro no começo, entra sempre *no response* assim que eu libero uma foto minha. Mas com Lara, eu sabia, com Lara teria rolado diferente. Ela não é superficial. E embora seja alucinantemente linda, é tão inteligente que não liga para a aparência de um homem. E pensa como eu. E eu como ela! Já sei, não é bom ler livros desse jeito. Mas às vezes. Enfim. Isso soa crazy?

Quero dizer, eu sei que ela é inventada. Também sei, pois na época dei um google imediatamente, que Leo Richter escreveu isso quando ele próprio estava em Paris, e quando sua mulher lhe deu um pé na bunda, saíram as três histórias onde Lara larga seu marido: *A lua e a liberdade*, *O sr. Müller e a eternidade*, e a terceira eu esqueci o nome. Bem: o que acontece com ele depois acontece com ela, algo que ele faz, ela faz depois, e quem se encontra com ele pode aparecer numa story. No fórum do *Literaturhaus* um cara chamou isso de *narcisismo autobiográfico*, mas eu lhe dei tanta bordoadada, que ele nunca mais vai teclar sobre coisas que não saca, o cão vira-lata. Só não gostei nem um pouco da história da velhinha que vai para a Suíça para morrer envenenada, não tinha nada dele ali e o final não fez sentido, sei lá se alguém entendeu, em todo caso eu é que não.

“O seu livro! Adivinha onde eu li!”

Soluço. Lógico: o nervosismo. Tenho dificuldade para falar com estranhos, normalmente não falo. Mas eu estava simplesmente excitado feito um louco. “Entre Munique e Bruxelas! Vagão-restaurante! Quando cheguei tinha acabado de terminar.”

Ele olhou para mim. Virou para o lado, depois de novo para mim. Seus movimentos eram estranhos, tipo meio duros e nervosos.

“Tem exatamente a distância certa! Em Munique o trem parte e a gente começa. Quando chega a Bruxelas, acabou. Perfeito! Fui para um seminário sobre UMTS lá.”

“Extraordinário”, ele disse.

(Não pensem que estou inventando! Anotei as palavras dele assim que cheguei no quarto. Lógico, pensei imediatamente no fórum.)

Eu: “Como você tem suas ideias?”

Ele virou de costas, olhou para o chão de cascalho, então para o telhado e depois de novo para mim. “Na banheira.”

“Uau, meu. Irado. Sério mesmo?”

“Palavra.”

“Cool. Que diferente! Banheira.”

Então ficamos um pouco calados. Ele fumava, eu fumava, e a chuva ali só chovendo.

Então eu: “E agora, o que você está escrevendo? O que Lara está fazendo, quais são os planos? Tudo bem se eu te chamar de você?”

Ele jogou fora o cigarro. “Preciso entrar.”

“O que está fazendo aqui? Of all places?”

“Palestra.”

“Ah, é?”

“Um banco está fazendo um seminário, eles me contrataram através do meu agente. Pensei, por que não?, uns dias no verde. Mas não para de chover.” Ele olhou para mim, como se a culpa fosse minha, e então repetiu: “Não para!”. Ele se virou e voltou para dentro.

Eu fiquei ali em pé, fumei mais um cigarro, tentando baixar a bola e sacar o que tinha acabado de acontecer. Meu Deus. Uau. Então fui para o quarto.

Admito que eu estava um tanto zozó e alterado. Era muita coisa junta: a briga com a minha mãe e como eu pude ser tão estúpido e informar meu ip. E o medo pelo dia seguinte: o.k., um profissa como eu sabe muito bem fazer uma apresentação, mas estava sem internet havia nove horas e meia, e totalmente por fora do que estava rolando! Não tinha a menor noção do que lordoftheflakes, icu_lop, ruebendaddy e pray4us estavam respondendo aos meus posts. Só de pensar meu estômago se revoltava. Vi um pouco de tv, mas só tinha porcaria passando, aí eu percebi que não tinha chuveiro, só banheira, tão estreita que não dava para entrar. Em termos de higiene, as coisas também não avançariam muito.

Mais alguns minutos no laptop. PowerPoint, difícil de mexer. Digitei um pouco, arrastei janelas para lá e para cá. Simplesmente não consegui. Bem, amanhã com certeza rodaria. Portanto, hora de ir para a cama, apagar a luz e abraçar o travesseiro. A olimpíada dos sonhos, como minha mãe sempre diz.

Mas não consegui dormir. No andar de baixo, uns nerds bêbados ficavam cantando. E a toda hora passavam trotando no corredor. É assim nos congressos, os colarinhos-brancos não se seguram e bebem um oceano de álcool. Coisas estranhas me passavam pela cabeça. Gente, debaixo do mesmo teto que Leo Richter, o inventor de Lara Gaspard! O cara que decidia o que ela

via e o que ela fazia. Apertar a mão dele era quase como apertar a dela... Sacaram o que estou querendo dizer?

Então, nesse momento, no meu quarto escuro, tive a ideia mais irada da minha vida. Quando um cara já navegou na internet tanto como eu, ele sabe... Como vou dizer? Bem, ele sabe que a realidade não é tudo. Que existem espaços em que não se vai com o corpo. Só em pensamento e, mesmo assim, a pessoa está lá. Encontrar Lara Gaspard. *Era possível!* Numa story.

Leo não utilizava coisas que ele via? Tipos que ele encontrava? Eventos que aconteciam? Então ele podia me utilizar. Nada contra! Aparecer numa story: de alguma forma não é muito diferente de entrar numa sala de chat. É isso aí: transformação. Você se transportar para algo diferente. Numa história, eu seria outro, mas também seria eu mesmo. No mesmo mundo que Lara.

Sacaram? Admiro alucinadamente esse homem e queria entrar numa história. Então ele tinha que me conhecer. Eu precisava chamar a sua atenção. Ou virar seu brother ou... O importante: que ele reparasse em mim. Toda a minha vida podre, a briga eterna com a minha mãe, o boss do mal e o grande calhorda do Lobenmeier: senti como se houvesse uma salvação. Quando peguei no sono, estava feliz como não ficava havia um tempão. E sabem do que mais? Me senti leve.

Manhã seguinte: levantar. Ainda sem sorte com a banheira, realmente estreita demais. Desci para tomar café da manhã. Infelizmente, fiz um mistake: três pratos ao mesmo tempo, um na direita, um na esquerda, um equilibrado no meio, e claro, foi exatamente o que caiu: ovos mexidos no chão, bacon, dois pãezinhos, agora tudo virou lixo. Leo estava sentado sozinho num canto. Eu, é claro, fui até lá e perguntei: "E aí, homem, dormiu bem?".

Ele parou e olhou para mim. Jeito estranho que ele tinha de olhar. Olhos grandes, a boca tremendo o tempo todo. Um tipo relaxado, podem acreditar, ele não é mesmo.

“Ontem não deu para a gente conversar!” Comecei a comer. Caiu um pouco de ovo mexido, mas não liguei. “Quer saber algo sobre mim?”

“Como?”

Eu disse o meu nome e onde trabalho e dei uma breve visão panorâmica sobre o que exatamente o meu departamento faz na firma. Também contei um pouco sobre a minha mãe e sobre como é dividir a sala com um sacana.

“Tenho que ir”, ele disse.

“E a comida? Você ainda não terminou!”

Mas ele já tinha se levantado e saiu pela porta. Sujeito nervoso: escritor, óbvio. Terminei de comer as duas torradas com geleia que ele tinha feito para ele, deu pena deixar ali, fui até a recepção e perguntei pela internet. E aí, o que vocês acham? Porcaria desgraçada. Catacumba. Depois: salão de conferências.

Don't worry, não vou matar ninguém de tédio com detalhes, era uma palestra como qualquer outra. Flipcharts, painéis, tudo em inglês, infelizmente, muitos apertos de mão no intervalo, mas nenhum para mim. Só um cara perguntou alguma coisa sobre o nosso departamento, mas o que dizer nessa hora? Fiquei olhando para ele em silêncio até ele dar o fora. Então finalmente hora do almoço. Rolinhos de presunto, maionese, ovos, quiche, até que não estava mal, já vi piores. Quando estava vindo com o terceiro prato, o.k., estava um pouco cheio demais, admito, um cara de terno e gravata se pôs no meu caminho e: “Fazendo reservas para os tempos de crise?”. Na mesma hora, eu: “Fuck you, seu merda filho da puta, morra!”. Ele saiu de perto rapidinho. Às vezes, eu dou uma despirocada. Não é bom, eu sei, eu sofro, mas não consigo evitar.

Ainda tinha alguns minutos de intervalo. Lá fui eu para a recepção. "Preciso falar urgente com Leo Richter!"

Ela teclou no computador, pegou o telefone, e Leo no aparelho. Parecia que tinha acabado de acordar. "Quem?"

Disse meu nome de novo.

"Quem?"

Incrível. Já tinha se esquecido de mim outra vez.

"Estava pensando, que tal um almoço juntos? Tenho um montão de coisas para contar. Histórias incríveis, com certeza você vai poder usar. Já vivi muitas coisas."

Mas então, tleque e clique, caiu a linha. Hotelzinho de quinta. Liguei de novo. "Sou eu outra vez, e o nosso *lunch*?"

Ele tossiu. Parecia que estava com um resfriado horrível, e põe horrível nisso.

"Não posso!"

"Mais tarde?"

Silêncio.

"Você ainda está aí?"

Silêncio.

"Você vai assistir à minha apresentação?"

"Difícil. Tenho muitas coisas..."

"Normas de comunicação europeias versus internacionais. É interessante para você também!"

Ele pigarreou.

"Ouça, um telefone utiliza algo chamado código ism, para a identificação. Por exemplo: você quer enviar uma ordem e não está na rede local. Quando isso..."

Clique e sinal de ocupado. Não foi coincidência, não sou idiota, ele tinha desligado! Esses artistas — tímidos como não sei o quê. E eu agora: heartbeat, nervoso, e como.

Lógico e naturalmente, é claro que também por causa da apresentação. Era logo depois do intervalo, portanto, não tinha mais way out, não tinha mais tempo, respirei fundo e lá fui eu.

Todos já estavam na sala. Um sujeito me estendeu a mão, então mais um, e mais outro, eu não conhecia ninguém, e lá na frente, ao microfone, um sujeito engravatado anunciou que o meu chefe infelizmente não estava ali, eu era o substituto, e vieram aplausos. Eu: subir. Três degraus. Alto pra caramba, e quando eu cheguei lá em cima já estava sem fôlego e suando em bicas. Abri o laptop, pluguei o cabo da rede, e meu PowerPoint já começou na tela, a técnica ali era de primeiríssima, vocês teriam gostado, e eu mandei ver.

No começo, rolou superbem. Tudo beleza, os flipcharts saltando e eu falando sobre o new approach e os protocolos nacionais de segurança do umts, vantagens, desvantagens, problemas, possibilidades, sem dificuldades.

Então vi Leo.

Ou não. Sabem, a sala estava meio escura, dois focos na minha cara, sem chances de ver se lá atrás aquele vulto escuro que parecia o Darth Vader era ele ou não. Bem, convidado ele estava. Era da sua estatura, o mesmo tique nervoso, pondo a mão na testa a todo instante. Mas e o rosto? Eu me inclinei para a frente, não vi nada. Aí então foi tudo por água abaixo.

Comecei a gaguejar. Nossa, e como! Descontrole total. As palavras fugiam no meio da frase, e também não me lembrava mais como eram as coisas em inglês, e ainda por cima o laptop pirou e bloqueou os gráficos. E a minha mão toda molhada, como ia fazer com o mouse? Senti todos os olhares em cima de mim, como se estivessem me queimando. Não desejo isso para nenhum de vocês (bem, para lordoftheflakes sim). Mas ao mesmo tempo, tive mais um thought: isso, exatamente isso Leo poderia utilizar! Um

cara legal, que sabe das coisas, mas assim mesmo se dá supermal na apresentação. História cool? Pode apostar que sim. E de repente eu me via como que de fora, como se não fosse eu; e por causa disso comecei a gaguejar mais, e por causa disso *mais ainda*.

As mãos empapadas de suor, o mouse caiu, clicou no chão, e eu... Bem, o que eu podia fazer se não consigo me abaixar? Fiquei ali em pé olhando sem saber. Então alguém no meio da plateia começou a rir. E depois mais alguém lá atrás. Depois três mulheres na primeira fileira, e então todo mundo. E eu me perguntava se estava sonhando. Já tinha sonhado com uma situação dessas, acho que vocês também, todo mundo. Mas ali era de verdade, preto no branco, life reality, o programa completo. Ainda consegui dizer algumas frases, até que pensei num flash: "E agora, se nada mais funcionar?". E foi o que aconteceu: eu me ouvia como se não ouvisse mais a minha voz, porque não vinha mais nada, e me via ali em pé me vendo estar ali em pé vendo a mim mesmo. Inferno. E enquanto isso eles riam. Ainda consegui pegar o microfone e dizer que não me sentia bem, e então, zozzo como sei lá o quê, desci os três degraus, felizmente sem cair. Um homem de gravata perguntou se eu precisava de um médico, mas falei para ele cuidar do seu próprio business, e rua.

Eu estava nas últimas. Suando em bicas. Tontura, exausto. Molhado como um pinto. Precisava baixar a bola, ficar frio. Dei uma olhada no lobby. E exatamente nesse momento vi um cara se levantar da mesa e sair na direção do banheiro, deixando o laptop ali — e ele tinha um modem hsdpa! Fui chegando perto. Mais perto. Então sentei na cadeira e comecei a teclar ultra-hipermega-alucinadamente rápido. Primeiro no *Movieforum*. E realmente bugclap tinha despachado contra o meu post totalmente objetivo um *flame* de tirar o fôlego. Qual é a de vocês, caras? Get a life! Respondi depressa, não podia deixar barato.

Pensei de novo na apresentação. Desgraça pouca é bobagem. Minhas mãos tremiam. Entrei rapidinho no fórum de discussão e disse a pray4us o que alguém já devia ter dito há muito tempo. Seu porco idiota, morra! Depois meu mailbox. Mas ninguém tinha escrito. Me lembrei de novo que eu tinha dado o meu ip. Será que estavam me procurando? Porque os poderosos não têm limites, fazem o que querem, e eu xinguei todos, a começar pelo presidente até o último lá embaixo. Também escrevi no fórum do *Jornal da Noite* que os editoriais do dia eram todos bullshit. Ninguém leu, mas tanto faz, eles iam apagar mesmo, e foi bom, eu já estava mais calmo. Nesse momento, do meu lado: "Ei, o que é isso?"

Eu: Como, o quê, por quê, o que foi? Eu tinha esquecido, estava totalmente alucinado, podem acreditar.

"Este computador é meu!"

O que se pode dizer de bom numa hora dessas? Eu então: desculpe, sorry, engano, toda a baboseira. Me levantei, atravessei o lobby. Nesse momento vi gente saindo de uma outra sala de conferências: homens de gravata e mulheres com roupas de seda, mas no meio deles: guess who!

Fui logo chegando perto. Ouvi uma pessoa dizer: "Sabe onde eu li? No avião de Hamburgo para Madri". Leo balançou a cabeça. Ele parecia estranho.

Um outro: "De onde o senhor tira as suas ideias?"

Leo tremeu, se virou, hesitou. A cena completa do nervosismo. "Agora preciso trabalhar mais um pouco!"

"Magnífica palestra!" Uma mulher, óculos, rosto cheio de rugas, cabelos enrolados para cima. "Nos fez refletir!"

E uma outra: "O senhor janta conosco, não é mesmo?"

Nunca, jamais. Agarrei-o pelo ombro e: "De jeito nenhum, agora ele combinou comigo!". Foi muito estresse para mim, e põe estresse nisso, eu suava em bicas, mas não deixei ninguém

perceber. "Não seja *boring*, vamos tomar um drinque, Misterman Leo the Writer, vamos lá!"

Mas ele se soltou de mim e saiu desabalado para a recepção.

"Apartamento 305." A chave. Estou contando assim com esses detalhes para vocês porque tenho bons ouvidos e sei como é importante no fórum a exatidão, dados e infos seguras sempre que se sabe alguma coisa. Depois refleti muito, mas com toda a certeza, sem sombra de dúvida: 305. Ouvi com meus próprios ouvidos!

Leo disparou para o elevador, tão rápido que não consegui alcançar, não sou tão quick. Ao meu lado, a mulher para o sujeito de gravata: "Que pena. Foi realmente sensacional". O outro respondeu: "É, mas ele é bem antipático". E o terceiro: "Eu achei chato". E a mulher de novo para mim: "Mas quem é o senhor?"

Eu não queria falar com eles. Portanto, boca fechada e rua, fui para o bar, pedi um uísque. Depois mais um. Era por conta da firma mesmo. Mais um. Pessoas passavam, viravam a cabeça para mim, riam. Sabem, esses caras que de repente pegam uma metralhadora e então é aquele hipermegabanho de sangue? Eu consigo entender. Só que eu não sou do tipo. Não sei mexer com weapons, nem saberia onde arranjar uma, infelizmente.

Um uísque e nada para mim dá na mesma, preciso logo de vários para sentir alguma coisa. Só que depois do quarto a coisa começa a degradingolar. Tontura, língua pesada, olho parado, o menu completo da bebedeira, vocês já conhecem, não preciso contar. Mas de repente eu estava tão triste. Não sabia mais absolutamente o que fazer.

Lara Gaspard. Agora ou nunca. Portanto me levantei (o que já não é fácil sem a confusão do álcool), entrei no elevador e apertei o terceiro. 305.

Bati. Nada.

Bati mais forte.

Nada.

Esmurrei a porta.

De repente, tinha uma camareira do meu lado. Eu naturalmente levei o maior susto e sorry, me enganei e já vou indo, mas ela: "O senhor ficou trancado para fora?".

E eu mais que depressa: "Claro!". Quando é preciso, eu sei pensar rápido, perto de mim Spock é um asno. Ela enfiou o cartão na fenda, bip, porta aberta, entrei. Acendi a luz. Tudo vazio, cama arrumada, nem sombra de Leo.

Ataque de suor. Pensei que tinha acabado, mas sabem duma coisa? Sempre dá para suar um pouco mais. O quarto de Leo Richter, eu pensei. Dei uma olhada ao redor, abri gavetas, armários. O quarto de Lara Gaspard. Também era dela de alguma maneira. My God.

No armário, as coisas normais. Roupa de baixo, um laptop (inicie, mas pediu password), alguns livros: Platão, Hegel, Baghavad Gita. Para quê, se está tudo em *O que nos dizem os pensadores*, de Auristos Blancos, mas muito mais explicado e fácil de captar. Me acocorei sobre a cama. Ouçam, eu não estou querendo exagerar, mas é que eu estava tão transtornado. Claro que eu também estava com medo: se Leo entrasse agora, ele seria capaz de chamar ajuda. Mas eu precisava chamar a atenção dele de alguma maneira. Eu tinha que entrar na história. O que mais eu poderia fazer? Não tinha outra chance. Eu até mesmo teria dado umas porradas nele se adiantasse, mas ele não estava lá.

Quando olhei ao redor, o quarto estava de um jeito que nem me pergunte. Parecia uma alucinação: gavetas para fora, papéis espalhados, computador no chão, tela provavelmente quebrada. Folhas de papel arrancadas do bloco e amassadas. A colcha em cima do tapete, no banheiro tudo jogado no chão, cacos de vidro.

Tinha sido eu? Agora vocês podem ou não acreditar, mas eu simplesmente não saberia dizer. Depois me deitei um pouco na cama dele. Era tão macia. Chorei um tempão no travesseiro. Pensando em Lara.

Depois saí depressa. Corredor, elevador, quarto. Direto para a cama. Minhas pernas estavam bambas, e eu ali deitado, o teto do quarto rodava, tudo rodava, em cima, embaixo, em cima, tudo se misturava com tudo, meu Deus, que porre.

Acordei com a cabeça latejando. Todo molhado, a cabeça latejando e um gosto de bicho morto dentro da minha boca. Sete horas da manhã. No telefone, nove mensagens da minha mãe. Tinha dormido de roupa outra vez. E de clique em clique tudo foi voltando.

Eu tinha que falar com ele. Isso mesmo: falar com ele, confessar tudo, como havia sido, do mesmo jeito que contei para vocês. Tanto fazia o que ele faria depois, pois ele não poderia resistir, afinal era uma história. A minha entrada na story. Ia ser exatamente agora, no café da manhã.

Fui para o salão e esperei. Comi torradas, comi müsli, comi ovos mexidos. Bebi café. Folheei dois jornais. Não conhecia o *Jornal da Noite* no papel, só on-line, estava interessante, a página de informática até que não era ruim, mas ela me lembrou que eu estava sem internet, e deixei de lado rapidinho. Comi alguns pãezinhos, duas salsichas pequenas, um pouco de salmão, um pedaço de salame, duas torradas com geleia, mais um ovo mexido. Minha mãe não faz um café da manhã bom. Ela sempre me diz: "Faça você mesmo, faça as compras você mesmo se não gostou!" etc. E eu estava tão nervoso, logo ele chegaria.

Mas ele não chegava. Só os nerds do dia anterior, que olhavam para mim cochichando e dando risadinhas. Juro para vocês: se eu não fosse uma pessoa tão de boa, então em algum momento: uma

pump gun verdadeira, inferno, tiro na cabeça e fogo mortal, descontrole completo.

Finalmente entrei na recepção. A mulher atrás do balcão foi logo sacudindo a cabeça; não, nada, ainda sem internet!

“Quero falar com Leo Richter!”

“Ele não está mais aqui.”

“O quê?”

“Partiu ontem à noite.”

O.k., depois disso eu fiz um pouco de barulho demais. Não devia ter esmurrado a mesa, pelo menos não com os dois punhos. Também não devia ter perguntado então em que quarto eu... Felizmente, ela não sacou nada, e eu calei a boca a tempo, afinal não sou um desmiolado, perguntei de novo se era possível haver algum engano, fiz ela checar de novo. Então bati em retirada e liguei para a minha mãe.

Tão sozinha, ela disse. Chorando o dia inteiro.

“Agora você vai fazer isso sempre? Você tem uma mulherzinha?”

Não, eu garanti. Em lugar nenhum!

“Não acredito.”

Também comecei a chorar. Sei que isso soa absurdamente constrangedor. Mas eu conto mesmo assim, afinal vocês não me conhecem e não sabem quem eu sou. Simplesmente chorei, ali no lobby.

Está bem, ela disse, está bem. “Acredito em você. Mas prometa que não mais vai fazer isso. O fim de semana inteiro sozinha em casa. Nunca mais, está bem?”

Prometi.

Sim, e daí, por que não? Podia prometer tranquilamente. Afinal quem é que ia querer ficar comigo? Pelo menos eu tinha alguma coisa para o fórum de celebridades. Mas já vi que não tem

suspense, nem clímax, nem graça, nada. Isto também não vai dar nenhuma story.

Pois nunca mais vou ver Leo. No fórum da *Literaturhaus*, escrevi que os seus livros são uma merda, e na *Amazon*, nem me pergunte. Mas isso não adianta, ele nunca lê mesmo.

No hotel não quiseram me dar nada, endereço, nenhum número. Ele não vai escrever nada sobre mim, eu nunca vou encontrar Lara. Reality será tudo o que há para mim: job, minha mãe em casa e o boss e o grande safado do Lobenmeier e, como único escape, fóruns como este aqui (pelo menos não sou nenhum troll como lordoftheflakes, nenhum panaca como icu_lop ou pray4us). Eu só tenho a mim mesmo, para sempre. Para sempre aqui, deste lado, do outro, *never*. Nenhum outro mundo. Amanhã cedo voltar para o trabalho. A previsão do tempo é ruim. Se fosse boa dava na mesma. Tudo vai continuar para sempre como sempre. Agora sei que nunca vou entrar numa história.

De como menti e morri

Conheci Luzia numa quarta-feira à noite, numa recepção do Departamento de Regulamentação de Licenças de Telecomunicações e, a partir desse dia, me tornei um homem perdido e um impostor.

Eu vivia com Hannah havia nove anos — pelo menos em princípio, pois ela morava com nosso filho e nossa filhinha, um bebê algo inquietante, numa cidade pacificamente monótona à beira de um lago no sul da Alemanha, onde eu havia nascido e então passava os fins de semana. Nos dias úteis, porém, eu vivia recolhido no cinzento conjunto habitacional perto de Hannover, escolhido pela empresa que havia me contratado para montar ali a sua central. Hannah era um pouco mais velha do que eu, e se virava bem sozinha. Na época, eu já não significava mais muita coisa para ela — ela sabia disso e eu também sabia, e ambos sabíamos que o outro sabia. Mas ela continuava sendo Hannah, tínhamos um bebê comilão em casa, e desde o princípio ficou claro para mim que Luzia não podia saber disso.

Eu a descreverei mais tarde, oportunamente. Quero apenas observar que ela era alta, seus cabelos, de um tom loiro-escuro e os olhos, castanhos e redondos como os de um hamster: brilhantes,

nunca fixos num ponto mais do que alguns segundos, um pouco assustados. Eu a notei quando ela deixou primeiro cair seu copo no chão, para logo em seguida quebrar um vaso com flores que estava absurdamente posicionado em cima de um pedestal. Ela usava um vestido sem mangas, a pele do seu braço era impecável e, já quando a vi ali cercada de cacos, soube que preferiria morrer a ter que renunciar a tocá-la, a misturar minha respiração com a dela e ver de perto seus olhos virarem para dentro.

Luzia era química. Eu não entendia o que ela fazia; tinha algo a ver com o carbono, com a síntese de não sei o quê, acho que até mesmo no limite com a fusão nuclear, a obtenção de energia a partir do nada. Eu balançava muito a cabeça, dizia ãhã, sim, claro, enquanto me inclinava para a frente para sentir seu perfume. Quando ela me perguntou de que eu vivia e como tinha ido parar ali — eu não sabia se ela se referia à cidade ou àquela recepção —, tive que refletir antes de poder responder: as correlações em que consistia a minha existência naquele momento me pareceram tão alheias e longínquas como o clima no outro lado do planeta.

Eu era — na época ainda era, agora estou desempregado e a probabilidade de que uma empresa me contrate é ínfima — chefe do departamento de gestão e atribuição de números de uma grande empresa de telecomunicações. Isso pode soar tedioso, mas na verdade é mais tedioso ainda. Ninguém podia imaginar que eu daria nisso, tampouco era o que minha mãe esperava quando falava do brilhante futuro do seu pimpolho. Em outros tempos, eu tocava bem piano, pintava razoavelmente, e em todas as fotos apareço como uma criança bonita de olhos espertos. Mas o mundo dobra quase todos, e por que justamente os meus sonhos haveriam de se tornar realidade? Ler livros não é profissão, dizia meu pai, e, por mais que eu ficasse revoltado com isso na época, não direi outra coisa a meus filhos quando estiverem na idade: ler livros não

é profissão. Assim, estudei eletrotécnica, com especialização em comunicação móvel, aprendi sobre telefones celulares, na época ainda analógicos (parece que faz uma eternidade), sobre códigos sid e MIM e todos os métodos para enviar a voz humana para qualquer parte do planeta em milionésimos de segundo, comecei a trabalhar e me acostumei à indolência e ao cheiro de ozônio e de café das tardes no escritório. No começo, eu dava ordens para cinco, depois para sete e, no final, para nove subordinados e, com perplexidade, descobri que as pessoas não conseguem trabalhar juntas sem odiar umas às outras e que não se pode mandar em ninguém sem ser detestado, conheci Hannah, que eu amava mais do que ela a mim, me tornei chefe de um departamento e fui transferido para outra cidade; é o que se chama de carreira. Eu ganhava bem, era muito sozinho, à noite lia livros em latim com ajuda de um dicionário ou via na televisão aquelas comédias com risadas de público fantasma e aceitava a circunstância de que a vida é o que é, e que podemos escolher algumas coisas, mas a maioria delas, não.

Eu estava então diante de Luzia, meu coração batia num ritmo absurdo, e eu ouvia a mim mesmo cercando-a detetivescamente com perguntas, para descobrir se ela tinha família ou alguém em sua vida; isto é, se havia uma chance, em algum momento, ou melhor, em breve ou, de preferência, já naquela noite, de encostar meus lábios na pequena cavidade que havia sobre sua clavícula. Ela sorria de vez em quando, erguia e baixava seu copo, e eu observava seu pescoço longo e o jogo dos músculos sob a pele de seus ombros e o da luz sobre o brilho sedoso de seus cabelos, enquanto, na periferia do meu campo de visão, moviam-se vultos indefinidos. Copos tilintavam, pessoas riam, frases eram proferidas e, em algum lugar, alguém fazia um discurso, mas isso não me interessava mais. Ela estava, disse Luzia, fazia pouco tempo ali e,

para falar a verdade, não estava gostando nem um pouco; então riu baixinho e eu não tinha certeza se ela realmente havia me lançado um olhar provocador ou se era uma ilusão resultante da iluminação ruim e do meu desejo.

“Você tem um telefone?”

“Tenho”, respondi surpreso. “Quer ligar para alguém?”

“Não, é que está tocando.”

Eu tateei em meu bolso e peguei o aparelho. De fato, a música que eu estava ouvindo havia alguns instantes ficou mais alta. No visor, estava o nome de Hannah. Pressionei a tecla de desligar. Luzia lançou-me um olhar divertido. Não entendi por quê. Senti calor, e desejei não ter ficado vermelho também.

“Faz pouco tempo que tenho o meu”, ela disse. “Acho estranho. Ele tira a realidade de tudo.”

Precisei de um segundo para entender que ela estava se referindo ao seu telefone celular. Assenti e assegurei-lhe que ela tinha toda a razão. Não fazia ideia do que ela queria dizer.

Apenas alguns convidados ainda estavam ali, os copos nas mãos, bastante espalhados pelo salão, e eu me perguntei por que ela havia ficado tanto tempo e por que continuava ali comigo. Eu disse que podíamos tomar alguma coisa em outro lugar, a fórmula velha e desgastada, e ela, como se não entendesse ou como se eu não soubesse que ela entendera muito bem, ou como se ela não soubesse que eu sabia, disse: sim, com prazer.

Assim, fomos parar num bar não exatamente acolhedor, Luzia falava e eu assentia e, de vez em quando, também dizia alguma coisa. O espaço parecia girar devagar, e eu senti intensamente o seu perfume; quando ela tocou sem querer o meu braço, uma descarga elétrica percorreu o meu corpo; quando sua mão esbarrou na minha cintura, ela não a retirou; quando, em algum momento, cheguei tão perto dela que podia ver as minúsculas veias no fundo

de sua íris, percebi que não eram mais meros desejo e ilusão como antes, nem uma fantasia engendrada pela minha solidão, mas que aquilo estava realmente acontecendo.

“Você mora perto?”, ela perguntou.

Nesse momento, meu telefone tocou.

“De novo?”

“Um amigo. Está com muitos problemas, me liga nas horas mais estranhas: de manhã, meio-dia, à noite.”

Naquela época, eu ainda não era versado em mentir e mesmo assim, enquanto falava, eu o via diante de mim em toda a sua infelicidade. Triste e bêbado, a barba por fazer, derrotado pela vida e sequioso por meus conselhos.

“Coitadinho”, ela disse sorrindo. “Coitadinho de você.”

“Moro, sim”, respondi, voltando à pergunta anterior. “Aqui bem perto.”

Na verdade, era bastante longe, a corrida de táxi levou quase meia hora, e nós ficamos sentados lado a lado, encabulados como dois estranhos, sem falar. O motorista fumava, no rádio tocava uma música oriental estridente e, do lado de fora, sob placas de lojas que brilhavam absurdamente na noite, havia gente maltrapilha. Estava frio, e de repente a situação me pareceu ridícula. Eu me lembrei de que a minha cama não estava feita, e me perguntei como faria para esconder o elefante de pelúcia que me acompanhava em todos os meus quartos desde que eu tinha dez anos de idade. Já estávamos subindo as escadas e o problema ainda me parecia praticamente insolúvel. Porém ela sequer o notou, e a cama desarrumada fez tão pouca diferença quanto as muitas xícaras de chá sujas que se enfileiravam sobre a minha mesa, pois já na porta nos lançamos um contra o outro.

Eu estava sem prática, e quando ela pressionou minhas costas contra a parede e seus lábios na minha boca, senti falta de ar. Suas

mãos agarraram meu pescoço, seu joelho enfiou-se entre as minhas pernas, ao meu lado um livro caiu no chão, então ela me puxou — eu ouvi a gola da minha camisa rasgar — para o meio do quarto e me empurrou tão firmemente contra a mesa, que duas xícaras vazias caíram no chão. Eu a abracei e a apertei contra mim, em parte por desejo, em parte para evitar que ela causasse mais estragos e, por alguns segundos, que até hoje me parecem pairar acima do tempo, vi seus olhos a poucos centímetros dos meus, e seu cheiro me envolveu, e nós respiramos juntos. Talvez seja este o momento de fazer uma pausa para descrevê-la.

Ela era meia cabeça mais alta do que eu e tinha os ombros largos das pessoas que foram criadas fora da cidade — bem diferente da minha sombria e frágil Hannah. Tudo em Luzia era robusto; só os traços do seu rosto eram delicados, suas sobrancelhas finas e arqueadas, seus lábios não eram carnudos demais. Seus seios eram maiores e mais redondos do que os daquela mulher distante, na qual eu não podia pensar naquele momento. Ela era bonita? Eu não conseguiria decidir, e até agora ainda não sei, ela era ela simplesmente, e por isso mesmo eu a desejava tanto, que não teria hesitado em dar um ano da minha vida, da dela, de qualquer vida, pelo privilégio de tocá-la; tanto, que aquele momento em que de fato pus meus lábios em sua clavícula e ela inspirou profundamente dividiu a minha existência em duas metades: um antes e um depois, para sempre.

Uma hora mais tarde, ainda não estávamos cansados. Talvez tenha sido mais, talvez muito menos: o tempo parecia dar saltos para a frente e para trás, enlaçava-se e enroscava-se como um filme que se soltou da bobina, e mais tarde eu não sabia se a culpa era da minha memória desordenada ou se a própria realidade se embaralhara. Uma lembrança me mostra estendido, enquanto o corpo dela, de um branco prateado diante da luz tênue da janela,

ergue-se sobre o meu, as mãos nos meus ombros, a cabeça para trás; em outra, ela está deitada sob mim, suas mãos cravadas na minha nuca, o olhar desviado de mim, enquanto minha mão desliza pelo seu corpo até o ponto que a faz gemer como de desespero ou dor. Ou eu enlaçado nela e ela em mim e um no outro, metade na cama e metade no chão, como um único ser ou muitos mais, sua mão na minha boca e meus braços envolvendo seu quadril, e exatamente nesse momento apareceu diante de mim e se apagou outra vez o rosto de Hannah. E depois nós estamos em pé, e a minha nuca se choca contra a parede, e eu estou carregando todo o seu peso, e o espaço ao nosso redor se desintegra e se reconstrói novamente. E, justamente quando começo a sentir uma leve exaustão, nós recomeçamos e, por um tempo ainda, nos agarramos um ao outro e nadamos como que num pântano letárgico, porque não queremos que termine. Mas ao final voltamos a ser dois, e havia ela, e havia eu, e eu teria escutado com prazer quando ela começou a contar sobre sua vida, mas logo eu estava à deriva num estado inconsciente e sem sonhos.

Na madrugada, recomeçamos. Fui eu que a sacudi, ou ela que me arrancou do sono? Não sei, tudo que vejo é o céu já claro, completamente limpo, na janela. Na luz matutina, os seus cabelos haviam mudado de cor sobre o branco do travesseiro e agora tinham reflexos avermelhados, mas logo ela suspirou e caímos os dois de volta no sono e nos últimos sonhos da noite que chegava ao fim.

Quando acordei, ela estava vestida, despediu-se com um murmúrio e saiu pela porta; tinha que trabalhar. Eu também estava atrasado. Sem café da manhã, corri para o carro e, quando estava no trânsito das oito da manhã como todos os dias, liguei para Hannah.

“Ontem? Um tédio! Os burocratas de sempre.”

E enquanto dizia isso, me espantei com duas coisas. Primeiro com o fato de que as pessoas, mesmo as mais próximas e mais íntimas, não percebem quando alguém mente para elas. O senso comum afirma o contrário e quer que o mentiroso se traia ou comece a gaguejar e a suar ao dizer alguma palavra não verdadeira, quer que ele soe estranho, que a voz se altere. Mas, meus amigos, não é assim. E o fato de não ser assim surpreende ao próprio mentiroso mais do que a todos. Além disso, mesmo se fosse assim, se a voz se alterasse, mesmo se suássemos, corássemos e estremecêssemos, isso não nos denunciaria, pois ninguém presta atenção. As pessoas acreditam na boa-fé dos outros, não esperam ser enganadas. Quem escuta realmente o outro, quem é que se concentra na conversa do próximo? Todos estão sempre com a cabeça em outro lugar.

“Coitadinho. Que chatos! Não sei como você aguenta.”

Não percebi ironia em sua voz. E essa foi a outra coisa que me surpreendeu: todo mundo debocha dos funcionários públicos, escriturários, colarinhos-brancos e tigres de papel. Mas é isso mesmo que somos! Todos nós, empregados de não importa que tipo de escritório, nos sentimos artistas ou anarquistas, como almas livres, como loucos que guardam a loucura em segredo e não conhecem pressão, nem norma. A todos nós, um dia prometeram o reino dos céus e nenhum de nós quer perceber que já fazemos parte do grupo de pessoas entre as quais nunca quisemos estar, que nada mais em nós é exceção e que justamente a sensação de ser diferente é que pode ser a regra.

“E as crianças?” Agora sim a minha voz soou insegura. O fato de ela me chamar de “coitadinho”, exatamente como Luzia no dia anterior, me atingira com uma força inesperada.

“Paul xingou a professora. Ele anda muito rebelde ultimamente. Sábado você precisa falar com ele.”

“Sábado não posso ir para casa. Sinto muito.”

“Ah!”

“Domingo.”

“Está bem, domingo.”

Eu disse algo sobre prazos, acontecimentos inesperados e o terrível caos no escritório. Eu disse algo sobre um novato e os incompetentes que me cercavam. Então tive a sensação de estar exagerando e me calei.

Meus subordinados esperavam por mim tão medrosos como sempre. Eu achava compreensível que eles detestassem uns ao outros e podia muito bem imaginar que me odiassem, era da natureza da coisa, pois eu também sentia a mais profunda aversão pelo meu superior, um certo Elmar Schmieding, de Wattenwil, mas por que diabos aquele medo? Eu nunca criara dificuldades para ninguém, não me importava a mínima com o que eles fizessem. Conheço o sistema e sei que mesmo falhas relativamente grandes nada abalam, nada alteram, nada significam, apenas irritam um e outro cliente, mas nós nem mesmo tomamos conhecimento e não temos que nos preocupar.

Assim, eu cumprimentei Schlick e Hauberlan, dei uma batidinha no ombro de Smetana e dei um “olá” exageradamente nítido na sala em que Lobenmeier e Mollwitz estavam sentados frente a frente. Então eu me sentei à minha escrivaninha e tentei não pensar em Luzia. Não pensar em sua pele, em seu nariz. Não pensar em seus dentes e, em hipótese alguma, em sua voz. Bateram, e Mollwitz entrou, suando como sempre, arrastando-se com seu grotesco volume corporal, baixo, pescoço curto, patético.

“Agora não!”, eu disse cortante. Instantaneamente, ele desapareceu. Liguei para Luzia. “Você tem alguma coisa sábado?”

“Pensei que no fim de semana você não estaria na cidade.”

“Por quê?”, eu disse sobressaltado. Como ela sabia? O que eu tinha lhe contado? “Eu estou aqui!”

“Está bem”, ela disse. “Sábado então.”

Bateram na porta. Lobenmeier entrou e queixou-se de que não suportava mais Mollwitz.

“Agora não!”

Ele podia, disse Lobenmeier, aguentar muita coisa. Mas chegava uma hora que não dava mais. Que aquele indivíduo não fizesse nada, era o de menos. Que, em vez de trabalhar, ele ficasse escrevendo obsessivamente na internet, até dava para aceitar, sim, Lobenmeier chegara a quase se acostumar ao hábito dele de ficar xingando baixinho. Mas sua higiene corporal era mais, ou melhor, bem menos do que se podia admitir num outro ser humano.

“Lobenmeier”, eu disse, suavemente. “Calma, tudo bem. Vou falar com ele. Deixe que eu cuido disso.”

Eu deveria repreendê-lo, pois não se fala assim de um colega, mas não pude, ainda mais que, de fato, Mollwitz, especialmente no fim do dia, costumava exalar um cheiro terrível.

Domingo, na hora do almoço, entrei em minha casa geminada, que ficava naquela cidade à beira do lago azul profundo. Hannah estava pálida, com gripe. Paul havia se trancado em seu quarto por causa de não sei que briga, a pequena choramingava de mau humor, e eu estava zozzo como se estivesse bêbado. Ainda sentia em todo o corpo as carícias de Luzia.

“Até amanhã?”, ela perguntara.

“Claro”, eu respondera sem pensar.

Naquele momento, eu já sabia que teria que inventar alguma coisa e enganá-la, mas ao mesmo tempo essa mentira me pareceu sem importância; apenas aquele quarto e aquela cama e aquela mulher ao meu lado tinham importância, e a minha outra vida, Hannah, as crianças, a casa, me pareciam uma invenção

inverossímil. Assim como agora, quando, depois de uma longa viagem de automóvel, eu me sentava à mesa, punha de lado um pato de borracha e olhava nos olhos avermelhados de Hannah, Luzia havia se tornado um fantasma remoto. Eu me recostei na cadeira. Estava em casa. A menina afundava a colher no purê de batatas e besuntava o rosto com a pasta amarelada. O telefone no meu bolso vibrou. Uma mensagem, Luzia queria me ver, imediatamente.

“O que foi?”, Hannah perguntou. “Nem no domingo?”

“Eles são tão incompetentes”, eu disse e digitei: *emergência no escritório, colega, caso de morte*. Pressionei a tecla enviar e fiquei espantado, porque a sensação de ter mentido não queria aparecer — como se eu tivesse realmente deixado lá um segundo eu, que justamente naquele momento se punha a caminho da residência do infeliz Hauberlan (ou Mollwitz? Sim, melhor Mollwitz). Eu assenti com um ar pensativo, acariciei a cabeça da menina e saí para ter uma conversa séria com Paul. Depois disso, eu pretendia mandar um e-mail para Luzia, onde contaria como havia chegado à casa do falecido e, com calma forçada, havia tomado as primeiras providências. Sem muitas minúcias, apenas as linhas gerais, além de dois ou três detalhes observados com acuidade: uma porta pendendo pela dobradiça, um gato procurando em vão sua tigela de leite, a anotação na caixa vazia de comprimidos. Curioso como a técnica nos transportou a um mundo sem lugares fixos. Falamos de lugar nenhum, podemos estar em toda parte e, como nada pode ser verificado, tudo o que imaginamos, em princípio, é verdadeiro. Se ninguém pode comprovar onde estou, sim, se nem eu mesmo tenho total e absoluta certeza, onde estaria a instância que decide? Lugares reais e fixos no espaço existiam antes de termos aparelhos portáteis de rádio e escrevermos cartas que chegam ao destino no mesmo segundo em que são enviadas.

Pensativo, desliguei o telefone, para o caso de Luzia ligar de repente. Não tinha sinal, eu diria, isso era sempre plausível; e é verdade, as redes estão sempre caindo, eu sabia disso, era a minha profissão, eu respondia por isso. Então fechei o punho, bati na porta de Paul e gritei.

“Abra essa porta, rapazinho!”

Por quanto tempo algo assim pode funcionar? Minha expectativa era de três semanas, talvez um mês de perigo, de liberdade e de jogo duplo. Mas esse mês passou, várias semanas se seguiram, e eu ainda não havia sido descoberto.

Mas como era antigamente? Como se mentia e enganava, como se mantinha um caso amoroso, como se fazia para escapar, manipular e ocultar segredos sem a ajuda de tecnologias sofisticadas? Eu também vivi nesse tempo. E, apesar disso, não consigo imaginar.

Mande mensagens a Hannah que simulavam vir de Paris e Madri, de Berlim, Chicago e de um dia memorável em Caracas: eu descrevi o ar amarelo da poluição e as ruas fervilhando de automóveis num parágrafo eletrizante que compus em meu laptop na cozinha de Luzia, enquanto ela estava diante do fogão, de calcinha e sem sapatos, e a chuva de outono tamborilava como muitos dedos na vidraça. Ela derrubou uma xícara de café, os cacos se espalharam no chão, o líquido negro formou um borrão de Rorschach.

“O que você está escrevendo?”

“Um relatório para Longrolf, da supervisão.”

E, enquanto contava para ela sobre o pobre Longrolf (três filhos, quatro casamentos, problema de alcoolismo — eu já passara a mentir por hábito e inventava também sem motivo), eu já imaginava como, quatro dias depois, na mesa da sala de jantar, a menina engatinhando no tapete e Hannah, ao meu lado, editando

no computador (que, por motivos de segurança, eu nunca utilizava) fotos das férias que mostravam nós quatro numa praia com o céu nublado, precisaria escrever a Luzia um relato da minha conferência como o mesmo Longrolf, a desolação do andar da diretoria, as intrigas entre os escritórios, a expressão maliciosa de Longrolf e a cara de sacana de Smetana, ah, que tristeza tudo aquilo, e como eu gostaria, meu amor, de estar aí com você. Para depois ir furtivamente para a frente da casa (“vou levar o lixo para fora!”) e, na sombra do vento, telefonar para ela do celular e contar como eu teria conseguido dar uma fugida até a escada para ouvir sua voz.

Uma mentira? É claro, mas eu não havia realmente pensado nela o tempo todo, todo o meu ser não se consumia desejando estar perto dela? Não era verdade que, enquanto brincava com as crianças ou tinha com Hannah as mesmas conversas de sempre sobre impostos, o custo da água, o jardim de infância ou a hipoteca, não conseguia pensar em outra coisa que não o seu corpo, o seu rosto e a sua voz ligeiramente rouca? Que diferença fazia se Longrolf me mantinha longe dela ou uma esposa quase estranha, com duas crianças barulhentas que olhavam para mim como para um desconhecido, cuja existência, enquanto estava com eles, me parecia o produto de um sonho caótico? Assim como, ao contrário, quando eu me trancava no banheiro de Luzia com a torneira aberta e telefonava para Hannah, e falava também com o meu filho (“Barulho? É a ligação que está ruim!”), minha família distante me parecia mais cara e próxima do que nunca e Luzia, ali ao lado, deitada na cama, de repente me parecia um grave empecilho, exatamente como o congresso tedioso no qual naquele momento eu afirmava estar. Mas eu amava as duas! E sempre com mais intensidade aquela com a qual eu não estava, com a qual não podia estar, da qual a outra me mantinha afastado.

Comecei a suspeitar que estava louco. Eu acordava no meio da noite, escutava a respiração da mulher ao meu lado e, durante alguns segundos de angústia, me perguntava não tanto qual das duas era aquela, mas quem na verdade eu deveria ser naquele momento e em que labirinto havia me perdido. Apenas um passo depois do outro, nem grande, nem difícil, mas sem querer eu havia penetrado nele tão profundamente que não via mais a saída. Então eu fechava os olhos, ficava imóvel e me entregava ao pânico que me invadia e me gelava; mas depois, quando amanhecia e eu me levantava e encontrava o respectivo papel, como se não houvesse outro, tudo parecia fácil e quase normal.

Dois dias antes do Congresso das Operadoras Europeias de Telecomunicações eu estava em meu escritório e falava ao telefone com a baby-sitter que havíamos contratado. Hannah e eu queríamos fazer uma viagem de carro, finalmente voltaríamos a ter tempo um para o outro. A minha apresentação seria breve e não requeria preparação, e o hotel prometia luxo e banhos termais. Quando desliguei, vi que havia entrado um e-mail de Luzia. Só uma linha. *O congresso. Vou com você.*

Esfreguei os olhos e pensei, como todos os dias e todas as horas, que mais cedo ou mais tarde tudo explodiria e que uma catástrofe flamejante se precipitava sobre mim.

Melhor não, eu escrevi, muito trabalho, gente horrorosa.

Só então é que me dei conta.

Se Luzia sabia do congresso, e eu não lhe contara nada, ela conhecia alguém que também estaria lá. Portanto, eu não podia viajar com Hannah; o risco de que Luzia viesse a saber era muito grande.

E ao contrário? Se eu levasse Luzia? Hannah conhecia poucos dos meus colegas. Apenas vinha raramente à cidade, e minha

profissão, compreensivelmente, nunca a interessou. Mas o risco era grande demais. Por um momento, eu odiei as duas.

Liguei para Hannah.

“Ah, que pena!”, ela soou ausente, alguma outra coisa ocupava toda a sua atenção. Eu a via diante de mim concentrada num livro, os olhos abertos e sonhadores ao mesmo tempo, e o estado das coisas — o fato de eu não estar com ela, de ter uma outra e de que nada fosse como deveria — fez surgir lágrimas em meus olhos.

“Simplesmente não vai dar”, eu disse. “Tenho que ficar. Está acontecendo muita coisa no escritório.”

“Como você acha melhor.”

“Uma outra vez, está bem? Em breve.”

Ela pigarreou, distraída. Ao fundo, eu ouvia murmúrios de música tocando no rádio.

“Claro, claro, tudo bem.”

No meu monitor, apareceu a resposta de Luzia: *Besteira, vai ser divertido. Também preciso sair um pouco. Se você for, vou também! Não aceito recusa!*

“Não fique triste”, eu disse

“Eu entendi”, disse Hannah. “Já entendi.”

Desliguei. Com Luzia seria mais difícil, pois ela sempre queria saber coisas sobre meu trabalho. Eu não entendia por quê, nem eu mesmo me interessava! Mas o departamento tinha que ser representado: se eu fosse sozinho, Luzia iria; se eu fosse com Luzia, Hannah saberia; se eu fosse com Hannah, isso acabaria chegando aos ouvidos de Luzia; só havia uma única saída. Chamei Lobenmeier.

Impossível, ele disse. Viagem a Paris. Planejada fazia um tempão. Ideia da mulher dele. Aniversário de casamento.

Liguei para Schlick.

Sem chances! Pais, aniversário, uma grande festa, o filho único não podia faltar. Além disso, a família tinha um sítio, onde se espalhara uma peste entre os animais.

Não entendi o que uma coisa tinha a ver com a outra, porém com um suspiro deixei-o ir e liguei para Hauberlan, mas ele havia comprado uma passagem não reembolsável de um cruzeiro pelas ilhas escocesas. Smetana estava de licença médica, e a minha secretária — eu até mesmo a teria enviado, tamanho era o meu desespero — já estava inscrita havia meses no Campeonato Nacional de Paintball numa aldeia da Baixa-Saxônia. Em hipótese alguma ela poderia me substituir. Restava apenas uma possibilidade.

Não vai dar, escrevi. Tenho que mandar Mollwitz. Ele tem amigos na diretoria, ficou influente demais. Digitar era difícil, minhas mãos tremiam — de nervosismo naturalmente, mas também por raiva de Mollwitz e de suas intrigas. *Não posso fazer nada. Sinto muitíssimo.*

Mollwitz, ela respondeu imediatamente. *Ele não morreu?*

Oh, meu Deus. Respire fundo, eu pensei, bem fundo. Fuga para a frente. *Este era um outro, que se chamava exatamente assim. Curiosa essa coincidência.* Ergui os olhos, Mollwitz estava na porta. “Você conseguiu!”, eu disse rispidamente. “Amanhã você viaja.”

Ele suave ainda mais do que de costume. Seus olhinhos minúsculos piscavam inquietos. Ele parecia ter engordado ainda mais nos últimos tempos.

“Não banque o desentendido. Você representará nosso departamento no congresso. Muito inteligente, mexeu muito bem os seus pauzinhos, parabéns!”

Mollwitz ofegava. Amanhã, ele disse baixinho, não era um dia muito bom, ele tinha muita coisa para fazer, não gostava de viajar. Como ele estalava a língua ao falar!

“Também não precisa exagerar! Você sabe que quer ir, eu sei que você quer e no andar de cima”, eu ergui o indicador, “eles também sabem. Você vai longe, meu amigo.”

Ele me lançou um olhar de súplica e então se foi finalmente. Fiquei imaginando-o na sala ao lado, qual um grande sapo sentado atrás de sua escrivaninha, xingando baixinho enquanto escrevia não sei em que fórum.

Liguei para Luzia.

Mas não era tão terrível, ela disse imediatamente, não tinha importância, eu não devia levar tão a ferro e fogo.

Eu assenti com a cabeça, mudo, já me sentia melhor. Ela era tão boa em me consolar.

Quando Luzia ligou para me dizer que estava grávida, eu estava com as crianças na piscina. O sol brincava na superfície trêmula da água, reflexos de luz dissolviam-se no fundo da piscina, o mundo parecia ser tecido por luminosidade. Gritaria de crianças, respingos d’água, o cheiro de óleo bronzeador de coco, cloro e grama.

“O quê?” Ergui minha mão em direção à testa, mas meu braço se moveu com atraso, e meus dedos pareciam revestidos de algodão. Meus joelhos estavam tão bambos que precisei me sentar. Uma menina gordinha vinha correndo desajeitada, deu um encontrão em mim, caiu e começou a chorar. Eu pisquei. “Isso é fantástico”, eu me ouvi dizer.

“É mesmo?” Ela parecia não acreditar totalmente em mim, e eu mesmo também não acreditava muito bem no que dizia. Mas, assim mesmo, por que então fui invadido por aquela alegria? Um filho — meu primeiro filho! Nunca antes eu sentira tão fortemente que era constituído por duas pessoas, ou melhor, que eu havia me dividido em duas possibilidades de uma única e mesma vida. Ali, do outro lado da piscina, minha filha engatinhava na grama. Mais adiante,

meu filho, numa pose intencionalmente descontraída e na esperança de que eu não o visse, conversava com duas meninas da sua idade.

“Mas não sei se serei um bom pai”, eu disse baixinho. Eu gaguejava, as palavras saíam com dificuldade. “Eu quero tentar!”

“Você é maravilhoso. Sabe, quando... Onde você está afinal? Está tão barulhento!”

“Na rua. Não muito longe do seu escritório. O que eu mais queria era ir até aí com você...”

“Ora, venha!”

“... mas eu não posso. Uma reunião.”

“... naquela época, quando nos conhecemos, eu não teria pensado nisso! Você dava a impressão de ser alguém que carregava um peso e que ao mesmo tempo... Como vou dizer? Alguém que sempre se força a manter uma postura aprumada. Eu não queria acreditar em você.” Ela riu. “Achava que você não era sincero.”

“Estranho.” Minha filha estava indo para a beira da piscina. Eu me levantei.

“Se na naquela época alguém me dissesse que seria justamente com você...”

A pequena estava perto demais da água.

“Posso ligar para você depois?” Comecei a andar mais depressa.

“Mas o que você acha, como...”

Pressionei a tecla encerrar e corri. Os talos pontudos da grama espetavam meus pés descalços. Saltei por cima de duas crianças deitadas, desviei de um cão, empurrei uma mulher para o lado e apanhei minha filha a um metro da água. Ela olhou para mim desentendida, então refletiu por um momento e começou a chorar. Eu a ergui e disse bobagens tranquilizadoras em seu ouvido. *Ligo*

mais tarde, digitei enquanto isso no telefone. *Estou no trem, sinal fraco*. Já ia enviar, mas então acrescentei: *Estou tão feliz!* Olhei para o rosto de minha filha, e mais uma vez me chamou a atenção como a cada mês ela ficava mais parecida com Hannah. Soprei os cabelos da sua testa, ela deu uma risadinha; já não se lembrava de que um instante antes estava chorando. Pressionei a tecla enviar.

Mollwitz voltara totalmente perturbado. Ele resmungava consigo mesmo, mal respondia a perguntas e não queria revelar o que acontecera.

Mais cedo ou mais tarde, disse Hauberlan, isso ia acontecer.

Sua apresentação havia sido um desastre, disse Schlick. Falava-se disso por toda parte. Muito constrangedor para o departamento.

Falava-se de coisas ainda piores, disse Lobenmeier. Diziam que ele invadira um quarto do hotel e...

“Todos cometem erros”, eu disse, e eles se calaram. Eles já estavam conformados que eu não me interessasse por mais nada. Eu emagrecera, e não conseguia mais prestar atenção aos clássicos, Salústio me parecia prolixo, Cícero, sem conteúdo, pois nenhum deles tocava na questão que me ocupava incessantemente e fazia a minha cabeça dar voltas como a roda de um moinho — se realmente não era possível ter duas casas, duas famílias, duas vidas, uma lá, outra aqui, um Eu nesta e um outro na outra cidade, e duas mulheres, cada uma delas tão próxima como se fosse a única. Era somente um problema de organização, de utilização competente dos horários dos trens e aviões, da correspondência administrada com inteligência, de previsão e planejamento. Naturalmente, tudo poderia dar errado, mas também poderia... sim, poderia funcionar! Por pouco tempo. Ou por muito.

Vida dupla: a duplicação da vida. Havia pouco eu era apenas um chefe de departamento deprimido. Como podia ter acontecido que, de repente, eu os entendesse: os fantasmas dos consultórios

sentimentais, todas as pessoas que possuíam segredos, simplesmente porque sem eles não é possível viver, porque a franqueza absoluta é a morte e uma única existência não é o bastante para o ser humano.

“Como?” Eu levei um susto. Lobenmeier estava na minha frente. Atrás dele, Schlick. Eu não os ouvira chegar. Só então me dei conta de que havia sido o contrário: os outros haviam saído da sala e apenas os dois ainda estavam ali.

Schlick começou a falar em voz baixa. Aparentemente acontecera algo terrível: um memorando do departamento de segurança nos informava que algumas centenas de números de telefone no banco de dados haviam recebido uma data errada de desbloqueio, de forma que existia o perigo de que números em uso tivessem sido reatribuídos. Lobenmeier havia retransmitido o memo a Mollwitz, que, por sua vez, o deixara de lado, porque, como haviam acabado de verificar, queria antes escrever a qualquer custo um relato para um fórum sobre celebridades.

“Fórum sobre o quê?”

Tanto faz, disse Lobenmeier, não importa agora. De qualquer forma havia acontecido, e dezenas de novos clientes haviam recebido números de telefone que já existiam e que na verdade deveriam estar bloqueados para o pool de números. Iria sair na imprensa e já haviam sido abertas pelo menos duas queixas por danos comerciais. O principal responsável era o nosso departamento.

O visor do meu telefone celular se acendeu. O nome de Hannah e embaixo: *Estamos indo te visitar!* Minha pulsação disparou.

“Falaremos sobre isso mais tarde!” Eu me levantei.

Desculpe, disse Lobenmeier, mas a situação era séria demais. Isso poderia custar...

Custaria, disse Schlick.

Lobenmeier assentiu. Custaria o emprego de algumas pessoas.

Pressionei algumas teclas, mas não havia mensagem alguma. Eu podia ter imaginado aquilo? Ou a apagara por engano? Eu precisava saber, era fundamental que não cometesse nenhum erro.

“Já volto!”, exclamei e disparei pelo corredor em direção ao elevador, que me levou para baixo zunindo, atravessei o saguão do edifício e fui para a rua. Assim é que é, pensei, agora está acontecendo comigo. Não é pelas circunstâncias que se fracassa, nem pelo azar, mas pelos nervos. Fracassamos porque não conseguimos aguentar a pressão. Por isso, mais cedo ou mais tarde, tudo acaba vindo à tona. Girei lentamente em torno de mim mesmo. Notei que os transeuntes se viravam para olhar para mim e que, do outro lado da rua, uma criança apontava para mim e era puxada para a frente por sua mãe. Controle-se, eu pensei, controle-se. Se você não vacilar, a coisa pode dar certo, mas você precisa se controlar. Eu me forcei a ficar parado ali. Olhei para o relógio e tentei parecer alguém que reflete sobre os compromissos do dia. Vire-se, ordenei a mim mesmo, e volte para dentro. Suba. Estão esperando por você. Sente-se atrás da escrivaninha. Salve o que ainda pode ser salvo. Faça alguma coisa. Defenda-se, não fuja. Você não vai sucumbir. Ainda não.

“Algum problema, meu senhor?”

Ao meu lado, havia um homem extraordinariamente esguio, com cabelos oleosos, óculos de tartaruga e um boné vermelho berrante.

“Como?”

“A vida é difícil?”, ele disse com um sorriso oleoso. Soou mais como uma pergunta do que como uma constatação. “Toda decisão é difícil, a mera organização de cada dia por si é tão complicada que pode levar os mais fortes de nós à loucura. Concorda, meu senhor?”

“O quê?”

“Há tantas coisas que não dependem da nossa vontade, mas podemos tornar mais fáceis algumas delas. Disponho de um táxi.” Ele apontou para um Mercedes preto que estava ao nosso lado com a porta aberta. “E também de um bom conselho. Se existe uma pessoa que gostaria de ver agora, ligue para ela. A vida passa tão depressa. E para isso existem esses telefonezinhos, para coisas assim é que carregamos toda essa eletricidade no bolso. Não é verdade, meu senhor?”

Eu não entendia o que ele queria comigo. Sua aparência era repulsiva, mas suas palavras tiveram um efeito tranquilizador sobre mim. “Isto não é um táxi!”

“Meu senhor! Sente-se lá dentro, me diga o endereço e o senhor verá como é um táxi.”

Eu hesitei, mas então assenti e me acomodei no couro macio do banco de trás. Ele se sentou atrás do volante, ajustou meticulosamente o assento do motorista, como se não tivesse acabado de chegar ali com aquele mesmo automóvel, ajustou o espelho retrovisor e mexeu por um tempo nos cabos da ignição. “Seu endereço”, ele disse suavemente. “Por favor. Sei muitas coisas, mas não tudo.”

Eu disse o endereço.

“Estaremos lá num piscar de olhos.” Ele ligou o motor e entrou no trânsito. “O senhor tem certeza de que deseja ir para casa? Para nenhum outro lugar? Nenhuma pessoa que gostaria de visitar?”

Neguei com a cabeça. Peguei meu telefone e liguei para Luzia. “Venha me ver!”

“Agora?”

“Agora.”

“Mas o que você está fazendo aqui? Pensei que tivesse que ficar a semana inteira em Zurique! Aconteceu alguma coisa?”

Esfreguei a testa. Era verdade, eu havia dito isso, para poder viajar no dia seguinte e passar o fim de semana com Hannah. “Deu tudo errado.”

“Mollwitz de novo?”

“Mollwitz de novo.”

“Estou indo.”

Desliguei e olhei para a pequena tela do aparelho. E se de fato Hannah estivesse a caminho? Nesse caso, eu havia feito exatamente a coisa errada, e Luzia não poderia chegar nem perto do meu apartamento. Eu tinha que ligar imediatamente — mas para qual das duas? Como as coisas podiam estar me escapando? O homem esguio me observava pelo espelho retrovisor. Senti uma tontura. Fechei os olhos.

“Está se perguntando por que tantas coisas não dão certo, meu senhor? Porque um ser humano quer ser muita coisa. No sentido literal. Ele quer ser muito. Múltiplo. Deseja várias vidas. Mas apenas superficialmente, não em seu âmago. A última pulsão, meu amigo, é por ser um só. Consigo mesmo, com tudo.”

Abri os olhos. “De que está falando?”

“Eu não disse nada. Mas, se tivesse dito, não seria nada que o senhor já não soubesse.”

“Este carro é seu mesmo?”

“Será esta, de fato, uma preocupação premente do senhor?”

Fiquei calado, até ele parar diante do meu prédio. Não sei por que motivo esperava que ele não aceitasse dinheiro, mas ele disse um preço surpreendentemente alto. Paguei e desci; quando me virei, o automóvel não estava mais à vista.

Luzia já esperava no corredor, diante da porta do meu apartamento. Ela devia ter partido imediatamente. Aí estava alguém com quem se podia contar. “O que foi?”, ela perguntou. “O quê?” Ela me fitou com um olhar atento.

Eu abri a boca e fechei novamente.

Ela pôs as mãos em meus ombros. "Você tem alguma coisa para me dizer?"

Não me mexi. Ficamos ainda um pouco no corredor. Inspirei o ar. Não disse nada.

Entramos. Atravessamos o vestíbulo, a sala em desordem e então, como sempre, entramos no quarto.

Segundos depois, estávamos ali deitados e eu sentia a firmeza dos seus membros, via de perto o escuro dos seus olhos. Suas mãos agitadas desafivelavam meu cinto, minhas mãos deslizavam sob sua blusa, sem hesitar ou refletir, tudo acontecia por si só, como se nós mesmos nada fizéssemos. Então o cobertor e a nudez, os gemidos e suas mãos fortes, eu a envolvia, ela me envolvia, então já havíamos nos soltado um do outro e ficamos deitados sem forças respirando pesadamente. Uma fina película de suor cobria sua pele. A visão me deixou tão enternecido que eu quase disse coisas que pouco depois gostaria de ter retirado. Ela realmente carregava o meu filho? Mas eu já tinha dois, e eram bastante difíceis e estranhos, olhavam para mim desconfiados e faziam perguntas cujas respostas eu não sabia, e eu não era um bom pai para eles.

"Isso não pode mais continuar assim", ela disse.

Meus estômago se contraiu. "O quê?"

"Esse Mollwitz. Você é bonzinho demais. Você precisa fazer alguma coisa."

Deslizei minha mão por baixo de sua nuca. Como eram macios os seus cabelos. A penugem dourada em seus braços. A curva suave de seu peito. Por ela eu teria feito tudo, teria renunciado a tudo.

Tudo?

Tudo, exceto justamente a outra que talvez em alguns minutos ou na próxima semana, ou no mês que vem, ou em algum

momento deste ano me ligaria numa ocasião inadequada, para me dizer que estava na cidade, nesta rua ou mesmo no prédio, na escada, diante da porta. Se isso fosse uma história, pensei, adiar não faria sentido, aconteceria exatamente agora.

Soou a campainha. Eu me sentei bruscamente.

“O que foi?”, perguntou Luzia.

“A campainha.”

“Não ouvi nada.”

Acaricieei sua cabeça sem dizer nada. Ainda posso confessar tudo, pensei, ainda não fui desmascarado. Você me perdoaria? Mas eu sabia que não.

Sem me vestir, atravessei o vestíbulo. Se eu abrisse agora e Hannah estivesse lá fora, o que eu deveria fazer? Talvez houvesse algum meio astucioso de me safar. Nos filmes e nas comédias de intriga, sempre existe um jeito, justamente quando a situação parece não ter saída. Então as personagens encontram desculpas brilhantes, abrem e fecham portas, enfiam uma mulher nesse quarto e outra naquele, manobram para lá e para cá verdadeiros grupos de pessoas nos espaços mais diminutos sem que um encontre o outro. Todo um gênero era especializado nisso. Quem possuísse a determinação necessária para isso também poderia praticá-lo. Quase tudo pode ser obtido se houver a força necessária. Inclusive uma vida dupla. Mas quem tem, eu me perguntava, enquanto atravessava, nu, o vestíbulo, quem tem essa força?

Pus a mão na maçaneta. A certeza de que nada mais nos separa de uma catástrofe também nos dá segurança. Por um instante, ainda hesitei. Por que não a maior das cenas de uma vez por todas, o *gran finale*? Se Hannah estava lá fora agora, por que não também as crianças, ou por que não também meus pais, vindos especialmente de seu escuro lar de idosos, e, já que estamos com a mão na massa, por que não Lobenmeier, Hauberlan e Longrolf da

supervisão, por que não também Mollwitz; todos vindos para me ver sem roupa, sem segredo, aparência, fantasia nem mentira, totalmente assim, como eu era realmente?

“Entrem.” Eu abri a porta. “Entrem todos!”

Em perigo

“Pensei que fôssemos despencar lá de cima. Meus Deus, isso já tinha acontecido com você?”

Elisabeth negou com a cabeça. Dessa vez, ela também havia esperado o pior: o pequeno aviãozinho gemia sob as fortes rajadas de vento, os pacotes de remédios voavam para lá e para cá no compartimento de bagagem, que cheirava a metal e óleo. Um dos médicos fora atingido na testa, e eles tiveram que fazer uma atadura para estancar o sangue. Leo, porém, ficara sentado o tempo inteiro, quieto, lívido e muito ereto, no rosto um sorriso tenso e contido.

“Eu me pergunto”, ele deitou a cabeça para trás, abriu os braços e girou em torno de si mesmo, “por que achamos isso bonito.” Um pouco de relva, umas árvores, muito céu. Por que temos a impressão de estar voltando para casa?

“Não fale tão alto!” Ela sentiu uma tontura, precisou se sentar no chão por um momento: não era asfalto, apenas a terra avermelhada, comprimida pelas rodas dos aviões e dura como pedra. À margem da pista de pouso, esperavam dois jipes e vários homens de uniforme. Dois deles carregavam submetralhadoras a tiracolo.

“Um sonho de tempos ancestrais”, disse Leo. “Milhões de anos na savana. Tudo o que veio depois é apenas um episódio. Diga-me, está passando mal?”

“Já estou bem”, ela murmurou. Com um ruído surdo como uma tossida abafada, o avião pôs as hélices em movimento: primeiro rotações, depois apenas cintilações cinzentas. O avião começou a avançar na pista. Müllner e Rebenthal, os dois médicos, carregavam as caixas de medicamentos nos jipes. De vez em quando, um deles lançava um olhar cético para Leo. Ninguém havia gostado de que Elisabeth tivesse ido acompanhada dessa vez. Não era habitual, era algo que não se fazia; e se descobrissem que aquele convidado nervoso era um escritor, cuja profissão consistia em divulgar o que via, aí então é que não a perdoariam. Mas Leo insistira tanto; ele também, como repetira tantas vezes, queria conhecer o mundo dela, não podia admitir que a vida de verdade acontecesse longe dele. Então, talvez porque quisesse finalmente lhe mostrar essa vida de verdade, talvez porque estivesse curiosa por ver como ele se comportaria sob pressão real, mas talvez apenas porque não queria lhe negar um desejo, ela simplesmente o trouxera.

“Aquela arma é de verdade?”, ele perguntou aos dois médicos. “Aquela que aquele homem está segurando, estão vendo ali no jipe? É de verdade?”

“O que você acha?”, disse Müllner. Müllner era um suíço alto e taciturno, que trabalhara muito tempo no Congo e vivera coisas lá sobre as quais nunca falava. Quando, durante o voo, havia sido atingido na cabeça pela caixa, ele sequer gemera.

“Deixe-me ajudar!” Leo tirou a caixa da mão dele e, com grande esforço, ergueu-a até a superfície de carga. Dentro dela, os frascos tilintaram. “Você leu Hemingway? Aqui eu penso o tempo todo em Hemingway. Você consegue trabalhar aqui *sem* pensar nele?”

“Sim”, disse Müllner. “Claro.”

“Mas isso...”, Leo apontou para os homens armados, depois para o avião, que acabara de fazer a volta no final da pista de pouso, “é como se tivesse saído diretamente de um de seus livros!”

“Não aponte, por favor!”, disse Rebenthal.

“O quê?”

“Não aponte com o dedo.”

“Eles podem ficar bravos”, disse Müllner. “Tenho certeza que você não quer que isso aconteça.”

“Mas eles estão do lado de vocês!”

“Leo”, disse Elisabeth. “Por favor.”

“Mas...”

“Fique quieto e sente-se no jipe!”

Como ela poderia lhe explicar? Como explicar a alguém de fora que é preciso fazer alianças quando se trabalha numa região de guerra, como lhe dizer que simplesmente se pagava à facção que no momento era um pouco menos sanguinária ou à que se considerava como tal e, se necessário, a qualquer outra, em troca de alojamento e proteção? Ela já ficara hospedada várias vezes nos acampamentos dos assassinos, comera seu pão e tomara sua sopa e depois fora às aldeias destruídas para cuidar das pessoas que seus anfitriões haviam deixado ainda com vida. Nada era limpo, nenhuma decisão era clara, apenas se podia tentar ajudar os feridos sem fazer perguntas.

“Veja!”, exclamou Leo.

Ela seguiu o olhar dele. No final da pista, o avião descolou-se do solo, subiu, encolheu e desapareceu na coroa de chamas do Sol.

“Cair aqui”, ele disse. “Isso seria demais. Pegaria bem na biografia. Desaparecido na África.”

Elisabeth deu de ombros.

“Desde que Maria Rubinstein desapareceu há um ano, os seus livros estão mais na moda do que nunca. Agora querem até lhe dar o prêmio Rommer em ausência. Meu Deus, imagine, se fosse eu quem tivesse ido na época. Então talvez fosse eu e não ela... Ainda me pergunto se devo me sentir culpado.”

Elisabeth balançou a cabeça. Ela não fazia ideia do que ele estava falando.

Depois, sentaram-se apinhados dentro do jipe e avançaram pela relva alta. O vento acariciava seus cabelos, o ar tinha cheiro de terra, o Sol pairava gigantesco acima deles; a claridade era tamanha que era preciso apertar os olhos e todas as coisas se dissolviam na luz. Leo exclamou alguma coisa, ela não entendeu. Ao longe, ela ouviu o escuro retumbar de um trovão.

“O que você disse?”, ela exclamou.

“Real pela primeira vez!”, berrou Leo.

“O quê?”

“Não consigo me lembrar de nada que tenha sido tão real.”

Ela nem quis saber do que ele estava falando, tinha outras coisas para pensar. No dia seguinte, trataria dos primeiros feridos e sabia que, a partir desse momento, algo nela deixaria de sentir. Tudo então seria brando e acolchoado e, enquanto fizesse o que devia ser feito, haveria em seu interior apenas um vago entorpecimento. Quantas vezes ela já não havia decidido permanecer na Europa e não fazer mais este trabalho? Ao seu lado, Leo pegou o bloco de notas e começou a rabiscar. O que ele estava pensando, por acaso achava que era André Malraux? Ela espiou por cima do ombro, mas somente distinguiu algumas palavras: *sala de estar... desligar televisão... parque infantil... vizinha.*

Ele se virou e viu o olhar dela. “Só uma inspiração!”, ele exclamou. “Uma ideia.”

Na relva, por um momento, despontou a cabeça sarapintada de uma hiena. O soldado atrás deles mirou com a arma, mas não atirou, e no instante seguinte já a haviam deixado para trás. Leo continuou a tomar notas, e ela não conseguia evitar olhar para o seu bloco. O velho temor de que ele a poria numa história e criaria uma cópia deformada e de acordo com as suas finalidades: a ideia era insuportável. Mas sempre que ela falava disso, ele se esquivava ou mudava de assunto.

Antes, na capital, ele se comportara de forma estranhamente serena. Numa conversa com dois ministros, ele ficara à parte, sem atrair para si as atenções, porém sem deixar que lhe escapasse uma só palavra. Quando ficaram sem água encanada por dois dias, primeiro ele se lavou, como todos os outros, com água mineral, depois deixou totalmente de se lavar, e no último dia na cidade ele pagou secretamente ao motorista dela para que o guiasse pela favela onde pouco antes haviam sido cometidas terríveis atrocidades. Só mais tarde isso chegara aos ouvidos de Elisabeth. Disseram-lhe que ele até mesmo havia descido do automóvel e interrogado os moradores. De onde ele tirava essa coragem repentina? Não combinava com ele. Mais uma vez, ouviram-se trovões ao longe. Involuntariamente, ela olhou para cima, mas viu apenas umas nuvenzinhas perdidas.

“Nunca tinha ouvido tiros”, disse Leo. “Artilharia?”

“Tanques”, disse Müllner.

Claro! Ela fechou os olhos por um momento. Como era possível que ele tivesse percebido e ela não?

A aldeia era apenas um amontoado de barracos de zinco. Dois jipes enferrujados estavam tombados na grama, uma dúzia de homens, as armas em prontidão, bocejava, todos sentados ao redor de uma fogueira. Pensativa, uma cabra cheirou um monte de terra. Três europeus saíram curvados de um dos barracos: uma senhora

baixinha, de uns cinquenta e poucos anos, de óculos e colete de lã, um homem de uniforme com o símbolo da ONU no peito e, atrás deles, uma mulher de cabelos castanhos, alta e magra, de extraordinária beleza.

“Riedergott”, disse a senhora baixinha. Elisabeth precisou de um momento para perceber que ela havia se apresentado. “Klara Riedergott, Cruz Vermelha. Que bom que está aqui.”

“Rotmann”, apresentou-se o homem. “unprofor. A situação é extremamente instável. Não sei por quanto tempo ainda poderemos manter nossa presença.”

Um telefone tocou, todos olharam interrogativos ao seu redor, finalmente Leo pegou seu aparelho com um sorriso de desculpas. Estranho que funcionasse ali! Ele se virou e começou a falar baixinho.

“Já não nos encontramos antes?”, perguntou Elisabeth.

“Não saberia dizer onde”, disse a senhora Riedergott.

“Nos encontramos, sim”, disse Elisabeth. “Com certeza. Não faz muito tempo...”

“Já lhe disse.” O sorriso da senhora Riedergott parecia congelado. “Não saberia dizer onde.”

Elisabeth percebeu que a mulher de cabelos castanhos olhava para ela. Ao seu redor, havia uma aura de inteligência e mistério. Por alguma razão, ela parecia ser a pessoa mais importante ali. Era quase impossível desviar o olhar dela.

“O prêmio Elmitz-Karner!”, exclamou Leo.

“Como?”

“Vou receber o prêmio Elmitz-Karner. Estão querendo saber se aceito. Eu disse que no momento não posso pensar numa besteira dessas.”

“E?”

“Sei lá. Talvez agora um outro o receba. Simplesmente não consigo me preocupar com isso. Eles devem ter me confundido com alguém que se importa com essas coisas.”

O olhar de Elisabeth voltou-se novamente para a mulher. Que diabos estava acontecendo ali? Suas suspeitas ainda eram vagas, ela não conseguia formulá-las. Nesse momento, o horizonte tremeluziu, apesar do dia claro, e ela teve a sensação de que o solo havia se movido. Instintivamente, todos se abaixaram. Somente após alguns segundos, eles ouviram o estouro. Eu nunca deveria tê-lo trazido aqui, ela pensou, é demais para ele. Mas Leo parecia controlado e atento, apenas seus lábios tremiam um pouco.

“Não acredito que cheguem até nós”, ele disse. “Estão se deslocando para o norte. Provavelmente seguirão nessa direção.”

“É o que parece”, disse Rotmann.

“Nunca se sabe”, disse Rebenthal.

“Como é”, ela perguntou, “que você sabe onde é o norte?”

“Há elefantes aqui?”, perguntou Leo.

“Todos do outro lado da fronteira”, disse Rotmann. “Fugiram da guerra.”

“Eu vim até a África”, disse Leo. “Talvez eu morra na África. E não verei nenhum elefante.” Ele sorriu para a mulher de cabelos castanhos. Ela retribuiu o olhar. Havia naquele olhar uma familiaridade para além de qualquer palavra, um perfeito entendimento mútuo, como se vê apenas entre pessoas que se conhecem intimamente.

Elisabeth sentiu sua pulsação acelerar. “Alguém precisa organizar o estoque de medicamentos”, disse Rotmann para ela. “Você pode me ajudar?” De fato, não era a hora de pensar naquelas coisas, agora havia trabalho a ser feito.

Os dois se sentaram no quente interior de um barraco e se puseram a classificar as ampolas de injeções. Rotmann apertou os

olhos para ver melhor. Ele respirava com dificuldade. Seu bigode estava perolado de suor.

“Por que UNPROFOR?”, perguntou Elisabeth de repente.

“Como?”

“A UNPROFOR era na Iugoslávia. As forças de proteção das Nações Unidas aqui deveriam ter outra designação.”

Ele ficou calado por alguns segundos. “Devo ter pronunciado errado”, ele deu uma risada forçada. “Afim, devo saber muito bem para quem eu trabalho.”

“E para quem você trabalha?”

Ele olhou para ela desconcertado. Lá fora, ouviu-se barulho de disparos novamente. A porta se abriu, a mulher de cabelos castanhos entrou e se curvou sobre os medicamentos.

“Ainda não nos apresentamos”, Elisabeth estendeu sua mão e disse seu nome.

“Desculpe.” Um aperto de mão, suave e vigoroso ao mesmo tempo. “Muito prazer. Sou Lara Gaspard.”

“Você é...”, Elisabeth esfregou a testa. “Você não estava... nos Estados Unidos?”

“É uma longa história. Muito complicada. Toda a minha vida consiste em histórias complicadas.”

“Incrível”, disse Rotmann, “como vocês duas são parecidas.”

“Você acha?”, perguntou Lara.

Elisabeth levantou-se e saiu sem dizer uma palavra.

Ela se encostou na parede de zinco. Ainda estava quente, mas a luz diminuía minuto a minuto. Logo estaria escuro, perto do equador a noite caía muito depressa. Somente após alguns segundos, ela notou que Leo estava ao seu lado.

“Isso tudo não está acontecendo realmente”, ela disse. “Está?”

“Depende da definição.” Ele acendeu um cigarro. “Real. Essa palavra significa tanto que já não significa mais nada.”

“Por isso você está tão senhor de si. Tão sereno e dando conta de tudo. Esta aqui é a sua versão, é o que você fez de tudo. Da nossa viagem naquela época e daquilo que você sabe sobre o meu trabalho. E naturalmente Lara está aqui.”

“Lara sempre está aqui, quando estou.”

“Eu sabia que você faria isso comigo. Eu sabia que acabaria entrando numa de suas histórias! Era justamente o que eu não queria!”

“Sempre estamos em histórias.” Ele deu uma tragada no cigarro, o ponto vermelho brilhou, então ele o baixou e soprou a fumaça no ar morno. “Histórias dentro de histórias dentro de histórias. Nunca se sabe onde termina uma e começa a outra! Na verdade todas fluem umas nas outras. Apenas nos livros elas estão perfeitamente separadas.”

“O lance da UNPROFOR não podia ter acontecido com você. Já ouviu falar em pesquisa?”

“Não sou esse tipo de autor.”

“Pode ser”, ela disse. “E eu vou deixá-lo.”

Ele olhou para ela. Ela sentiu como se uma onda de tristeza a invadisse. Novamente o horizonte tremeluziu. Lá fora havia a morte, lá fora estava a realidade tão gritante e dolorosa que não havia mais palavras para descrevê-la. Tanto fazia se ele havia inventado tudo aquilo ou se ela estava ali de verdade — havia lugares de puro horror, e outros onde as coisas eram elas mesmas e nada mais.

“Mas não agora”, ele disse. “Não nesta história.”

Os dois ficaram calados por um tempo. Diante deles, os homens de uniforme haviam acendido a fogueira. Agora, estavam sentados ao redor do fogo e falavam com voz baixa na língua deles. De vez em quando, alguém dava uma gargalhada.

“Na vida real, você não recusaria um prêmio em hipótese alguma. Me dê um cigarro.”

“Era o último.”

“Você não pode fazer nada?”

Ele negou com a cabeça. “Oh, meu Deus, não. E olha que eu precisaria urgentemente de mais um, estou tremendamente nervoso.”

Ela piscou, mas já mal podia vê-lo. Ele não parecia real e sim quase transparente e, cada vez mais, um mero representante de si mesmo. E lá dentro do barraco, ela sabia, a presença e o carisma de Lara Gaspard eram ainda mais fortes.

“A pobre senhora Riedergott! Você tinha realmente que utilizá-la?”

“Por que não?” Sua voz era quase incorpórea, parecia vir de todas as partes e estava mesmo quase inaudível no vento noturno. “Eu a considero bastante aproveitável.”

“Aproveitável.”

“Que mal tem?”

Ela deu de ombros e entrou novamente no barraco. Lara Gaspard segurava um lápis na mão e desenhava num bloco com uma concentração sonhadora. Como era bela! Ao seu lado, Rotmann lia um livro de bolso velho e gasto em francês: *L'art d'être soi-même*, de Miguel Auristos Blancos. Müllner e Rebenthal jogavam cartas com um dos soldados da milícia.

“Às vezes, ele dá as cartas”, sussurrou Müllner. “Às vezes, nós; então olhamos as cartas, e ele nos diz quem ganhou. Que diabo de jogo é este?”

Elisabeth ergueu os ombros para mostrar que não fazia ideia de que jogo era aquele. Ela se sentou e apoiou a cabeça na parede. Estava exausta, mas queria ficar acordada. Em que espécie de

sonhos se encontraria assim que adormecesse? "Onde está Leo, afinal?"

Müllner olhou para ela. "Quem?"

Elisabeth assentiu com a cabeça. Era assim que todos faziam, assim eles se furtavam à responsabilidade. Ele já estava por toda parte, atrás das coisas, sobre o céu e sob a Terra, qual um deus de segunda categoria, e não havia mais nenhuma possibilidade de fazê-lo prestar contas.

"Deveríamos dormir", Lara Gaspard fechou o bloco. "Amanhã teremos um dia difícil."

Elisabeth fechou os olhos. De fato, se aquilo era uma história, algo iria se passar e seria difícil e, se não fosse difícil, não seria uma história. Para onde o sono a levaria? De repente, isso não importava mais. Seu telefone tocou. Ela não atendeu.

Copyright © 2009 by Rowohlt Verlag GmbH, Reinbek bei Hamburg

A tradução desta obra recebeu o apoio do Goethe-Institut, financiado pelo Ministério das Relações Exteriores da Alemanha.



Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Ruhm — Ein Roman in neun Geschichten

Capa

Mariana Newlands

Imagem de capa

© Betsie van der Meer/ Corbis (DC)/ LatinStock

Preparação

Natércia Pontes

Revisão

Carmen S. da Costa

Erika Nakahata

ISBN 978-85-63397-90-4

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br